

Wander Garcia e Renan Flumian

Coordenadores

TUDO em UM

PARA CONCURSO DE

Escrevente do TJ/SP

TEORIA
COMPLETA + QUESTÕES
COMENTADAS

**498 PÁGINAS
DE RESUMOS**

- Teoria altamente especializada
- Conteúdo atualizado
- 11 disciplinas
- Diagramação diferenciada para facilitar a leitura

**1.200 QUESTÕES
COMENTADAS**

- Comentários alternativa por alternativa
- Questões altamente classificadas
- Provas dos últimos concursos para Escrevente do TJ/SP
- Gabarito ao final de cada questão, facilitando o manuseio*



Siga os autores no Twitter
para dicas e revisões

*Os comentários das questões objetivas são de responsabilidade da Editora Foco.



EDITORA
FOCO

Na compra deste livro,
GANHE por sete dias, acesso ao
curso de TRQO do **IEDI**, com o
Prof. Wander Garcia

2014 © Wander Garcia

Coordenadores: Wander Garcia e Renan Flumian

Autores: Wander Garcia, André Braga Nader Justo, André Fioravanti, Arthur Trigueiros, Bruna Vieira, Eduardo Dompieri, Enildo Garcia, Fábio Tavares, Felipe Maciel, Fernando Leal Neto, Flávia Moraes Barros, Helder Satin, Henrique Subi, Joelson Sampaio, José Renato Rocco Roland Gomes, Leni Mouzinho Soares, Levy E. Magno, Lincinia Rossi, Luiz Delloro, Magally Dato, Márcio Pereira, Marcos Destefenni, Maria do Carmo P. Milani, Murilo Sechieri, Renato Montans, Rodrigo Saber, Rogerio Karagulian, Teresa Melo e Tiago Queiroz de Oliveira.

Editor: Márcio Dompieri

Gerente Editorial: Paula Tseng

Equipe Editora Foco: Erica Coutinho, Georgia Dias e Ivo Shigueru Tomita

Capa: Wilton Garcia e R2 Editorial

Projeto gráfico e Digitação: R2 Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tudo em um para concurso de escrevente do TJ/SP
2014 : doutrina completa + questões comentadas /
[Renan Flumian e Wander Garcia, coordenadores].
-- Indaiatuba, SP : Editora Foco Jurídico, 2014.
-- (Tudo em um para concursos)

1. Concursos públicos - Brasil 2. São Paulo.
Tribunal de Justiça I. Flumian, Renan. II. Garcia,
Wander. III. Série.

ISBN 978-85-8242-102-4

14-05117

CDU-347.998(81)(079.1)

Índices para catálogo sistemático:

1. São Paulo : Tribunal de Justiça : Questões
comentadas : Concursos públicos
347.998(81)(079.1)

Direitos autorais: É proibida a reprodução parcial ou total desta publicação, por qualquer forma ou meio, sem a prévia autorização da Editora Foco, com exceção do teor das questões de concursos públicos que, por serem atos oficiais, não são protegidas como direitos autorais, na forma do Artigo 8º, IV, da Lei 9.610/1998. Referida vedação se estende às características gráficas da obra e sua editoração. A punição para a violação dos Direitos Autorais é crime previsto no Artigo 184 do Código Penal e as sanções civis às violações dos Direitos Autorais estão previstas nos Artigos 101 a 110 da Lei 9.610/1998.

Atualizações e erratas: A presente obra é vendida como está, sem garantia de atualização futura. Porém, atualizações voluntárias e erratas são disponibilizadas no site www.editorafoco.com.br, na seção *Atualizações*. Esforçamo-nos ao máximo para entregar ao leitor uma obra com a melhor qualidade possível e sem erros técnicos ou de conteúdo. No entanto, nem sempre isso ocorre, seja por motivo de alteração de software, interpretação ou falhas de diagramação e revisão. Sendo assim, disponibilizamos em nosso site a seção mencionada (*Atualizações*), na qual relataremos, com a devida correção, os erros encontrados na obra. Solicitamos, outrossim, que o leitor faça a gentileza de colaborar com a perfeição da obra, comunicando eventual erro encontrado por meio de mensagem para contato@editorafoco.com.br.

Impresso no Brasil (06.2014)
Data de Fechamento (05.2014)

2014

Todos os direitos reservados à
Editora Foco Jurídico Ltda
Al. Júpiter 578 - Galpão 01 – American Park Distrito Industrial
CEP 13347-653 – Indaiatuba – SP
E-mail: contato@editorafoco.com.br
www.editorafoco.com.br

AUTORES

Wander Garcia – @wander_garcia

Procurador do Município de São Paulo. Professor e coordenador do IEDI. Doutor e Mestre em Direito pela PUC/SP.

André Nader Justo

Economista formado pela UNICAMP.

André R. Fioravanti

É bacharel em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas, mestre em Controle e Automação pela mesma universidade e Doutor em Física pela *Université Paris Sud XI*, obtendo os títulos em 2006, 2007 e 2011, respectivamente. Foi também Pesquisador Adjunto do Departamento de Sistemas e Controle de Energia da Faculdade de Engenharia Elétrica e Computação da UNICAMP e Engenheiro de Petróleo da Petrobras. É atualmente Professor Associado à Faculdade de Engenharia Mecânica da UNICAMP. Autor de 14 artigos em revistas internacionais e teve 23 trabalhos publicados em congressos e conferências, também é coautor das obras “Como Passar em Concursos Bancários”, “Como Passar em Concursos da Petrobras”, “Como passar em Concursos FCC” e “Como Gabaritar Informática para Concursos”, todas pela Editora Foco.

Arthur Trigueiros – @proftrigueiros

Procurador do Estado de São Paulo. Professor da Rede LFG, do IEDI e do PROORDEM. Autor de diversas obras de preparação para Concursos Públicos e Exame de Ordem. Pós-graduado em Direito.

Bruna Vieira – @profa_bruna

Advogada. Professora do IEDI, PROORDEM, LEGALE, ROBORTELLA e ÊXITO. Palestrante e professora de Pós-Graduação em Instituições de Ensino Superior. Autora de diversas obras de preparação para Concursos Públicos e Exame de Ordem. Pós-graduada em Direito.

Eduardo Dompieri – @eduardodompieri

Professor do IEDI. Autor de diversas obras de preparação para Concursos Públicos e Exame de Ordem. Pós-graduado em Direito.

Enildo Garcia

Especialista em Matemática Pura e Aplicada (UFSJ), Analista de Sistemas (PUC/RJ). Professor-tutor da pós-graduação em Matemática (UFSJ – UAB).

Fábio Tavares Sobreira – @fabiottavares

Advogado atuante nas áreas de Direito Público. Professor Exclusivo de Direito Constitucional, Educacional e da Saúde da Rede de Ensino LFG, do Grupo Anhanguera Educacional Participações S.A. e do Atualidades do Direito. Pós-Graduado em Direito Público. Especialista em Direito Constitucional, Administrativo, Penal e Processual Civil. Palestrante e Conferencista. Autor de obras jurídicas.

Felipe Maciel – @Felipemaciel

Advogado. Assessor Jurídico Concursado do Município de Natal. Professor Universitário (UFRN e UnP) e de Cursos Preparatórios para Exame de Ordem e Concursos Públicos do IEDI. Graduado pela UFRN. Pós-graduado em Direito Constitucional pela UFRN.

Fernando Leal Neto – @fclneto

Advogado e Coordenador de Extensão da Faculdade Baiana de Direito e Gestão (Salvador – BA).

Flávia Moraes Barros

Procuradora do Município de São Paulo. Mestre em Direito Administrativo pela PUC/SP. Doutoranda em Direito Administrativo pela USP. Professora de Direito Administrativo.

Helder Satin

Desenvolvedor de sistemas Web e Gerente de projetos. Professor do IEDI. Professor de Cursos de Pós-Graduação. Graduado em Ciências da Computação, com MBA em Gestão de TI.

Henrique Romanini Subi – @henriquesubi

Agente da Fiscalização Financeira do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo. Mestrando em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Especialista em Direito Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas e em Direito Tributário pela UNISUL. Professor de cursos preparatórios para concursos desde 2006. Coautor de mais de 20 obras voltadas para concursos, todas pela Editora Foco.

Joelson Sampaio

Bacharel em Economia pela Universidade de São Paulo, Mestre em Finanças pela EAESP – FGV. *Summer Program in Finance* na *Kellogg School of Management*. Doutorando em Teoria Econômica – Universidade de São Paulo. Doutorando em Finanças Corporativas e Mercados Financeiros – Fundação Getúlio Vargas. Professor de Finanças dos cursos de graduação da PUC-SP e FECAP. Professor tutor de Finanças da FGV-Online. Professor de pós-graduação do SENAC-SP. Tem experiência na área de Finanças e Economia, com ênfase em finanças empresariais (*corporate finance*), atuando principalmente nos seguintes temas: *venture capital* e *private equity*, mercado de capitais e governança corporativa.

José Renato Rocco Roland Gomes

Procurador do Estado de São Paulo. Graduado em Direito pela PUC-Campinas. Pós-graduado em Aperfeiçoamento em Direito pela Faculdade Professor Damásio de Jesus. Especialista em Ciências Criminais e em Metodologia do Ensino Superior pelo LFG. Especialista em Direito Processual Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-graduando em Direito Tributário no LFG. Membro Honorário da Academia Limeirense de Letras.

Leni Mouzinho Soares

Assistente Jurídico do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

Levy Emanuel Magno

Promotor de Justiça em São Paulo. Mestre em Direito Processual Penal pela PUC/SP. Professor de Direito Processual Penal e Legislação Penal Especial da Rede LFG. Autor e Coordenador de diversas obras jurídicas.

Licinia Rossi – @liciniarossi

Advogada. Mestre em Direito Constitucional pela PUC/SP. Especialista em Direito Constitucional pela Escola Superior de Direito Constitucional.

Professora Exclusiva de Direito Administrativo e Constitucional na Rede Luiz Flávio Gomes de Ensino (LFG). Professora de Direito na UNICAMP.

Luiz Dellore – @dellore

Advogado concursado da CEF. Ex-Assessor de Ministro do STJ. Professor especializado em Exame de Ordem e Concursos Públicos e em cursos como IEDI, DAMÁSIO, PRAETORIUM e EXORD. Professor de Graduação (Mackenzie) e Pós-Graduação (EPD). Doutor e Mestre em Direito Processual Civil pela USP e Mestre em Direito Constitucional pela PUC/SP. Autor de livros e artigos jurídicos. Membro do IBDP e da Comissão de Processo Civil da OAB/SP.

Magally Dato

Agente de Fiscalização do Tribunal de Contas do Município de São Paulo e Professora de Língua Portuguesa.

Márcio Pereira – @marciofpereira

Advogado. Mestre pela UFBA. Professor Assistente da Universidade Federal do Ceará (UFC), foi Professor de Processo Penal da UCSAL (BA), da Faculdade 2 Julho (BA), do IEDI e da Rede LFG. Ex-Professor do Curso JusPodivm. Autor do livro “Questões Polêmicas de Processo Penal” (Edipro).

Marcos Destefenni – @destefenni

Promotor de Justiça em São Paulo. Mestre e Doutor pela PUC/SP, Mestre pela PUC de Campinas e Mestre em Direito Penal pela UNIP. Professor da Rede LFG.

Maria do Carmo P. Milani

Advogada graduada pela PUC/SP.

Murilo Sechieri

Advogado. Ex-Procurador do Estado de São Paulo. Professor do Complexo Damásio de Jesus. Mestre em Direito pela PUC/SP.

Renato Montans – @RenatoMontans

Advogado. Mestre e Especialista em Direito Processual Civil pela PUC/SP. Professor da Rede LFG. Coordenador do curso de Pós-graduação em Direito Processual Civil Moderno da Universidade Anhanguera-Uniderp/Rede LFG.

Rodrigo Saber

Advogado. Graduado em Direito pela PUC de São Paulo e Especialista em Direito Processual Civil pela UNESP de Franca. Aprovado nos Concursos para Defensor Público do Estado de Santa Catarina e do Distrito Federal.

Rogério Karagulian – rogerkara@uol.com.br

Graduado e licenciado em Letras pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professor de Língua Portuguesa e Inglesa. Tradutor e revisor de textos em diversas editoras.

Teresa Melo

Procuradora Federal e Assessora de Ministro do STJ. Professora do IEDI.

Tiago Queiroz de Oliveira

Diretor de Cartório Judicial e Pós-Graduado em Direito.

COMO USAR O LIVRO

Para que você consiga um ótimo aproveitamento deste livro, atente para as seguintes orientações:

1º Tenha em mãos um **vademecum** ou um **computador** no qual você possa acessar os textos de lei citados.

Neste ponto, recomendamos o Vade Mecum de Legislação FOCO, que é o Vade Mecum com o maior conteúdo impresso do mercado e que ainda lhe dá de presente, na edição atual, um Vade Mecum de Jurisprudência em livro apartado – confira em www.editorafoco.com.br.

2º Para cada ponto da matéria, **você deve primeiro começar pela teoria**, ou seja, começar pela leitura do resumo. **Em seguida, deve fazer as questões correspondentes**. Um exemplo vai deixar mais claro qual é o procedimento. Imagine que você comece a estudar por Direito Administrativo. Você deverá ler os resumos de "regime-administrativo" e de "princípios administrativos" (matérias conexas) e, em seguida, resolver as questões desses mesmos temas. Após, deve ler o resumo de "poderes administrativos" e, em seguida, resolver as questões de "poderes administrativos". E assim por diante. O foco é esse: revisão da teoria e treinamento, revisão da teoria e treinamento, revisão da teoria e treinamento! Você pode estudar uma disciplina inteira e ir até o fim ou estudar várias disciplinas ao mesmo tempo (por exemplo, duas disciplinas por dia). Mas você não pode deixar de seguir a regra de revisar a teoria e logo em seguida resolver as questões de cada ponto de cada disciplina. Vai mais uma dica: alterne capítulos de acordo com suas preferências; leia um capítulo de uma disciplina que você gosta e, depois, de uma disciplina que você não gosta tanto ou não sabe muito, e assim sucessivamente. Dessa forma, você será sempre premiado ao terminar uma disciplina mais complicada pra você.

3º **Quando estiver lendo o resumo, grife os trechos que você considerar mais importantes**. Esses trechos serão lidos novamente quando faltar uma semana para a prova, junto com outras anotações que você fará quando estiver resolvendo as questões.

4º Iniciada a resolução das questões, tome o cuidado de ler cada uma delas **sem olhar para o gabarito e para os comentários**; se a curiosidade for muito grande e você não conseguir controlar os olhos, tampe os comentários e os gabaritos com uma régua ou um papel; na primeira tentativa, é fundamental que resolva a questão sozinho; só assim você vai identificar suas deficiências e “pegar o jeito” de resolver as questões; marque com um lápis a resposta que entender correta, e só depois olhe o gabarito e os comentários.

5º **Leia com muita atenção o enunciado das questões**. Ele deve ser lido, no mínimo, duas vezes. Da segunda leitura em diante, começam a aparecer os detalhes, os pontos que não percebemos na primeira leitura.

6º **Grife as palavras-chave, as afirmações e a pergunta formulada**. Ao grifar as palavras importantes e as afirmações você fixará mais os pontos-chave e não se perderá no enunciado como um todo. Tenha atenção especial com as palavras “correto”, “incorreto”, “certo”, “errado”, “prescindível” e “imprescindível”.

7º Leia os comentários e também **leia também cada dispositivo legal** neles mencionados; não tenha preguiça; abra o *vademecum* e leia os textos de leis citados, tanto os que explicam as alternativas corretas, como os que explicam o porquê de ser incorreta dada alternativa; você tem que conhecer bem a letra da lei, já que mais de 90% das respostas estão nela; mesmo que você já tenha entendido determinada questão, reforce sua memória e leia o texto legal indicado nos comentários.

8º Leia também os **textos legais que estão em volta** do dispositivo; por exemplo, se aparecer, em Direito Penal, uma questão cujo comentário remete ao dispositivo que trata da falsidade ideológica, aproveite para ler também os dispositivos que tratam dos outros crimes de falsidade; outro exemplo: se aparecer uma questão, em Direito Constitucional, que trate da composição do Conselho Nacional de Justiça, leia também as outras regras que regulamentam esse conselho.

9º Depois de resolver sozinho a questão e de ler cada comentário, você deve fazer uma **anotação ao lado da questão**, deixando claro o motivo de eventual erro que você tenha cometido; conheça os motivos mais comuns de erros na resolução das questões:

DL – “desconhecimento da lei”; quando a questão puder ser resolvida apenas com o conhecimento do texto de lei;

DD – “desconhecimento da doutrina”; quando a questão só puder ser resolvida com o conhecimento da doutrina;

DJ – “desconhecimento da jurisprudência”; quando a questão só puder ser resolvida com o conhecimento da jurisprudência;

FA – “falta de atenção”; quando você tiver errado a questão por não ter lido com cuidado o enunciado e as alternativas;

NUT – “não uso das técnicas”; quando você tiver se esquecido de usar as técnicas de resolução de questões objetivas, tais como as da **repetição de elementos** (“quanto mais elementos repetidos existirem, maior a chance de a alternativa ser correta”), das **afirmações generalizantes** (“afirmações generalizantes tendem a ser incorretas” – reconhece-se afirmações generalizantes pelas palavras *sempre, nunca, qualquer, absolutamente, apenas, só, somente exclusivamente* etc.), dos **conceitos compridos** (“os conceitos de maior extensão tendem a ser corretos”), entre outras.

Obs.: se você tiver interesse em fazer um Curso de "Técnicas de Resolução de Questões Objetivas", recomendamos o curso criado a esse respeito pelo IEDI Cursos *On-line*: www.iedi.com.br.

10ª Confie no **bom-senso**. Normalmente, a resposta correta é a que tem mais a ver com o bom-senso e com a ética. Não ache que todas as perguntas contêm uma pegadinha. Se aparecer um instituto que você não conhece, repare bem no seu nome e tente imaginar o seu significado.

11ª Faça um levantamento do **percentual de acertos de cada disciplina** e dos **principais motivos que levaram aos erros cometidos**; de posse da primeira informação, verifique quais disciplinas merecem um reforço no estudo; e de posse da segunda informação, fique atento aos erros que você mais comete, para que eles não se repitam.

12ª Uma semana antes da prova faça uma **leitura dinâmica** de todos os **grifos** e **anotações** que você fez.

13ª Para que você consiga ler o livro inteiro, faça um bom **planejamento**. Por exemplo, se você tiver 30 dias para ler a obra, divida o número de páginas do livro pelo número de dias que você tem, e cumpra, diariamente, o número de páginas necessárias para chegar até o fim. Se tiver sono ou preguiça, levante um pouco, beba água, masque chiclete ou leia em voz alta por algum tempo.

14ª Desejamos a você, também, muita **energia, disposição, foco, organização, disciplina, perseverança, amor e ética!**

APRESENTAÇÃO

A experiência diz que aquele que quer ser aprovado em concursos de ponta precisa **ENTENDER A TEORIA e TREINAR MUITO**.

A presente obra traz solução completa nesse sentido.

Na primeira parte do livro você vai **ENTENDER A TEORIA** a partir de uma **SUPER-REVISÃO** com 498 páginas de resumos altamente sistematizados e atualizados com legislação e jurisprudência do momento.

Na segunda parte da obra você vai **TREINAR MUITO**, resolvendo mais de 1.200 questões comentadas, alternativa por alternativa, inclusive com a indicação de dispositivos legais e de decisões judiciais a serem compreendidos sempre que necessários.

O livro traz a revisão e o treinamento de praticamente todas as disciplinas que caem no concurso de Escrevente do TJ/SP, e você ainda ganha acesso, por sete dias, ao curso de TRQO do IEDI Cursos *On-line*.

Mesmo sendo uma obra de revisão, num volume apenas, buscou-se a todo tempo apresentar o conteúdo mais forte possível, com legislação atualizada e altíssima sistematização, tornando o livro um material com excelentes conteúdo e qualidade.

A obra nasceu da experiência prática dos Coordenadores da Coleção, que, por muitos anos como Professor ou Coordenador dos maiores Cursos Preparatórios do País, perceberam que os examinandos, com a aproximação das prova de concursos (em qualquer das fases: objetiva, discursiva ou oral), precisavam de um material que pudesse condensar as principais informações para o exame, em texto sistematizado e passível de ser lido em sua completude em tempo hábil para uma sólida preparação.

É por isso que podemos dizer que, agora, você tem em suas mãos a **REVISÃO** e o **TREINAMENTO DOS SONHOS** para fazer o concurso de Escrevente do TJ/SP. Revisão e treinamento esses que certamente serão decisivos para a sua **APROVAÇÃO!**

Renan Flumian e Wander Garcia
Coordenadores

SUMÁRIO

DOCTRINA COMPLETA	17
1. LÍNGUA PORTUGUESA	19
PARTE I – INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS	19
1. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS E CONCURSOS PÚBLICOS	19
2. POSTURA INTERPRETATIVA	20
3. TIPOS DE TEXTO	22
4. INSTRUMENTOS DE INTERPRETAÇÃO	27
5. FIGURAS DE LINGUAGEM	32
6. DICAS FINAIS DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS	37
PARTE II – GRAMÁTICA	38
1. FONÉTICA	38
2. ORTOGRAFIA	39
3. PONTUAÇÃO	47
4. MORFOLOGIA	52
5. COLOCAÇÃO PRONOMINAL	67
6. CONCORDÂNCIA	69
7. REGÊNCIA	75
8. ANÁLISE SINTÁTICA	78
PARTE III – REDAÇÃO	93
1. OS DESAFIOS DA REDAÇÃO	93
2. A ESTRUTURA DO TEXTO DISSERTATIVO	95
3. RASCUNHO X VERSÃO FINAL	96
4. INTEGRIDADE DO TEXTO	97
5. ERROS MAIS COMUNS	98
2. MATEMÁTICA FINANCEIRA	101
1. JUROS SIMPLES E COMPOSTO	101
2. VALOR PRESENTE E TAXAS DE JUROS	102

3. EQUIVALÊNCIA DE TAXAS DE JUROS. DESCONTO SIMPLES E COMPOSTO	103
4. SISTEMAS DE AMORTIZAÇÃO.....	104
5. SÉRIES DE PAGAMENTOS E RECEBIMENTOS.....	106
6. FLUXO DE CAIXA.....	107

3. INFORMÁTICA 109

1. <i>HARDWARE</i>	109
2. SISTEMAS OPERACIONAIS.....	111
3. BANCOS DE DADOS	115
4. SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO	117
5. REDES DE COMPUTADORES	118
6. INTERNET	121
7. OFFICE	126

4. DIREITO CONSTITUCIONAL 135

1. INTRODUÇÃO	135
2. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	136
3. ELEMENTOS DA CONSTITUIÇÃO	140
4. CLASSIFICAÇÃO DAS CONSTITUIÇÕES	141
5. EFICÁCIA JURÍDICA DAS NORMAS CONSTITUCIONAIS E HERMENÊUTICA CONSTITUCIONAL	143
6. PODER CONSTITUINTE.....	146
7. DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS – ASPECTOS GERAIS	148
8. ORGANIZAÇÃO DO ESTADO.....	175
9. DA ORGANIZAÇÃO DO PODER JUDICIÁRIO	183
10. FUNÇÕES ESSENCIAIS À JUSTIÇA.....	192
11. ORDEM ECONÔMICA	196
12. SISTEMA TRIBUTÁRIO NACIONAL.....	198

5. DIREITO PROCESSUAL CIVIL 203

1. TEORIA GERAL DO PROCESSO CIVIL	203
2. PROCESSO DE CONHECIMENTO	227
3. RECURSOS	246
4. TUTELAS DE URGÊNCIA (ANTECIPAÇÃO DE TUTELA E PROCESSO CAUTELAR).....	268
5. JUIZADOS ESPECIAIS	277

6. DIREITO PENAL 281

PARTE GERAL.....	281
1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O DIREITO PENAL.....	281
2. DIREITO PENAL E SUA CLASSIFICAÇÃO. PRINCÍPIOS.....	286
3. FONTES DO DIREITO PENAL.....	289
4. INTERPRETAÇÃO DO DIREITO PENAL	291
5. APLICAÇÃO DA LEI PENAL.....	292
6. TEORIA GERAL DO CRIME	298
7. CONCURSO DE CRIMES	314

PARTE ESPECIAL	316
1. CLASSIFICAÇÃO DOUTRINÁRIA DOS CRIMES. INTRODUÇÃO À PARTE ESPECIAL DO CP.....	316
2. CRIMES CONTRA A FÉ PÚBLICA.....	318
3. CRIMES CONTRA A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA.....	320
7. DIREITO PROCESSUAL PENAL	327
1. LINHAS INTRODUTÓRIAS.....	327
2. FONTES DO DIREITO PROCESSUAL PENAL.....	327
3. INTERPRETAÇÃO DA LEI PROCESSUAL.....	328
4. LEI PROCESSUAL NO ESPAÇO, NO TEMPO E EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS.....	330
5. SISTEMAS (OU TIPOS) PROCESSUAIS PENAIS.....	332
6. PRINCÍPIOS CONSTITUCIONAIS E PROCESSUAIS PENAIS.....	333
7. AÇÃO PENAL.....	338
8. AÇÃO CIVIL <i>EX DELICTO</i>	350
9. JURISDIÇÃO E COMPETÊNCIA.....	353
10. QUESTÕES E PROCESSOS INCIDENTES.....	366
11. PROVA.....	372
12. SUJEITOS PROCESSUAIS.....	385
13. CITAÇÕES E INTIMAÇÕES.....	391
14. SENTENÇA PENAL.....	393
15. PROCEDIMENTOS PENAIS.....	397
16. RECURSOS.....	408
BIBLIOGRAFIA	424
8. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA	425
1. CONCEITO DE IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA.....	425
9. ESTATUTO DOS FUNCIONÁRIO PÚBLICOS CIVIS DO ESTADO DE SÃO PAULO	433
1. DISPOSIÇÕES GERAIS.....	433
2. DO PROVIMENTO, DO EXERCÍCIO E DA VACÂNCIA.....	433
3. DA PROMOÇÃO.....	435
4. DOS DIREITOS E VANTAGENS DE ORDEM PECUNIÁRIA.....	436
5. DOS DIREITOS E VANTAGENS EM GERAL.....	437
6. DOS DEVERES, PROIBIÇÕES E RESPONSABILIDADES.....	439
7. DAS PENALIDADES, EXTINÇÃO DA PENALIDADE E DAS PROVIDÊNCIAS PRELIMINARES.....	439
8. DO PROCEDIMENTO DISCIPLINAR.....	440
10. NORMAS DA CORREGEDORIA-GERAL DA JUSTIÇA	443
1. CAPÍTULO III – DOS OFÍCIOS DE JUSTIÇA EM GERAL.....	443
11. COMPÊNDIO DE ATUALIDADES	447
1. GEOPOLÍTICA NACIONAL.....	447
2. GEOPOLÍTICA INTERNACIONAL.....	471
3. CIÊNCIA E TECNOLOGIA.....	491
4. CULTURA.....	498
5. VARIEDADES.....	501

QUESTÕES COMENTADAS**517****1. LÍNGUA PORTUGUESA****519**

1. INTERPRETAÇÃO DE TEXTO.....	519
2. VERBO.....	525
3. REDAÇÃO, COESÃO E COERÊNCIA.....	528
4. CONCORDÂNCIA.....	530
5. CONJUNÇÃO.....	532
6. PRONOMES.....	533
7. CRASE.....	534
8. SEMÂNTICA.....	536
9. ORTOGRAFIA.....	539
10. REGÊNCIAS VERBAL E NOMINAL.....	539
11. ANÁLISES SINTÁTICA E MORFOLÓGICA.....	541
12. ACENTUAÇÃO.....	542
13. PONTUAÇÃO.....	542
14. PLURAL.....	543
15. ADVÉRBIO.....	543

2. MATEMÁTICA**545****3. INFORMÁTICA****553**

1. <i>HARDWARE</i>	553
2. OFFICE.....	553
3. INTERNET.....	555
4. SISTEMAS OPERACIONAIS.....	556
5. OUTRAS QUESTÕES DE INFORMÁTICA.....	558

4. DIREITO CONSTITUCIONAL**561**

1. PODER CONSTITUINTE.....	561
2. TEORIA DA CONSTITUIÇÃO E PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS.....	562
3. HERMENÊUTICA CONSTITUCIONAL E EFICÁCIA DAS NORMAS CONSTITUCIONAIS.....	564
4. DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS.....	566
5. DIREITOS SOCIAIS.....	578
6. NACIONALIDADE.....	579
7. ORGANIZAÇÃO DO ESTADO.....	580
8. DA ORGANIZAÇÃO DO PODER JUDICIÁRIO.....	582
9. DAS FUNÇÕES ESSENCIAIS À JUSTIÇA.....	588

5. DIREITO PROCESSUAL CIVIL**591**

1. PRINCÍPIOS DO PROCESSO CIVIL.....	591
2. PARTES, PROCURADORES, MINISTÉRIO PÚBLICO E JUIZ.....	593
3. PRAZOS PROCESSUAIS. ATOS PROCESSUAIS.....	596
4. LITISCONSÓRCIO, ASSISTÊNCIA E INTERVENÇÃO DE TERCEIROS.....	599
5. JURISDIÇÃO E COMPETÊNCIA.....	602
6. PRESSUPOSTOS PROCESSUAIS E CONDIÇÕES DA AÇÃO.....	605

7. FORMAÇÃO, SUSPENSÃO E EXTINÇÃO DO PROCESSO. NULIDADES.....	606
8. TUTELA ANTECIPADA E LIMINAR EM CAUTELAR	607
9. PROCESSO DE CONHECIMENTO. RITOS SUMÁRIO E ORDINÁRIO.....	607
10. SENTENÇA. LIQUIDAÇÃO. CUMPRIMENTO DE SENTENÇA. COISA JULGADA	618
11. AÇÕES ANULATÓRIA E RESCISÓRIA.....	621
12. RECURSOS.....	622
13. JUIZADO ESPECIAL CÍVEL	631
14. TEMAS COMBINADOS	632

6. DIREITO PENAL 635

1. CONCEITO, FONTES E PRINCÍPIOS	635
2. APLICAÇÃO DA LEI NO TEMPO	637
3. APLICAÇÃO DA LEI NO ESPAÇO	638
4. CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO DOS CRIMES	639
5. FATO TÍPICO E TIPO PENAL.....	643
6. CRIME CULPOSO	643
7. TENTATIVA, CONSUMAÇÃO, DESISTÊNCIA, ARREPENDIMENTO E CRIME IMPOSSÍVEL.....	644
8. ANTIJURIDICIDADE E CAUSAS EXCLUDENTES	646
9. AUTORIA E CONCURSO DE PESSOAS.....	646
10. CULPABILIDADE E CAUSAS EXCLUDENTES	648
11. AÇÃO PENAL	649
12. CRIMES CONTRA A FÉ PÚBLICA	650
13. CRIMES CONTRA A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA.....	653

7. DIREITO PROCESSUAL PENAL 663

1. FONTES, PRINCÍPIOS GERAIS, EFICÁCIA DA LEI PROCESSUAL NO TEMPO E NO ESPAÇO	663
2. AÇÃO PENAL	664
3. SUSPENSÃO CONDICIONAL DO PROCESSO	669
4. AÇÃO CIVIL.....	669
5. JURISDIÇÃO E COMPETÊNCIA. CONEXÃO E CONTINÊNCIA.....	670
6. QUESTÕES E PROCESSOS INCIDENTES	673
7. PROVAS	675
8. SUJEITOS PROCESSUAIS.....	678
9. CITAÇÃO, INTIMAÇÃO E PRAZOS	681
10. PROCESSO E PROCEDIMENTOS.....	684
11. PROCESSO DE COMPETÊNCIA DO JÚRI	686
12. SENTENÇA, PRECLUSÃO E COISA JULGADA.....	688
13. RECURSOS.....	690
14. <i>HABEAS CORPUS</i> , MANDADO DE SEGURANÇA E REVISÃO CRIMINAL.....	696
15. JUIZADO ESPECIAL CRIMINAL	697

8. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA 701

1. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA.....	701
------------------------------------	-----

9. ESTATUTO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS CIVIS DO ESTADO DE SÃO PAULO 705

10. NORMAS DE SERVIÇO DA CORREGEDORIA GERAL DE JUSTIÇA 709

11. ATUALIDADES 715

TUDO*em***UM**

PARA CONCURSO DE ESCRIVENTE DO TJ/SP



DOCTRINA COMPLETA

1. LÍNGUA PORTUGUESA

Henrique Subi

PARTE I INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

1. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS E CONCURSOS PÚBLICOS

1.1. Por que estudar interpretação de textos?

O candidato a qualquer concurso público, hoje em dia, deve preparar-se para responder um grande número de questões de diversas disciplinas. Há provas que chegam a cobrar 14 ou 15 delas, nas mais diferentes áreas do conhecimento. Não é difícil reparar, porém, que uma delas é comum a praticamente todos eles: a **Língua Portuguesa**.

Conhecê-la bem, portanto, é fundamental para o sucesso no certame, principalmente considerando a grande quantidade de questões que normalmente lhe são atribuídas. E aqui se encontra um fato que muitos candidatos subestimam: as perguntas relacionam-se, em grande parte, à interpretação de textos.

Vejo muitos alunos que dedicam todo seu tempo de estudos da linguagem às regras gramaticais, deixando de lado os textos. Trata-se de estratégia equivocada, porque em média **50% das questões elaboradas pelas bancas examinadoras versam sobre leitura e interpretação**. Em alguns concursos, o candidato é desafiado a enfrentar 3 ou 4 textos de características bastante diferentes e o número de perguntas que exigem uma perfeita compreensão do que foi lido sobe ainda mais (e ainda há várias outras disciplinas para responder!).

Assim, respondemos à pergunta que inaugura esse capítulo: porque a interpretação de textos é uma habilidade que é testada em todos os concursos públicos, sendo peça-chave da aprovação.

Em parte, a razão do equívoco na preparação nasce do próprio mercado de livros e apostilas voltados para concursos públicos, que não oferece ao candidato material destinado à interpretação de textos. Esse problema fica resolvido com a publicação desse livro que você tem em mãos agora. De outro lado, pode-se também atribuir parcela da culpa aos próprios candidatos, os quais divido em dois grupos: aqueles que *acham* que não precisam estudar interpretação de textos e aqueles que *acreditam que não é possível* estudar interpretação de textos.

Se você está lendo essas linhas, provavelmente encaixa-se no segundo grupo. Os membros do primeiro grupo normalmente pensam que dominam completamente a Língua Portuguesa e, autopromovendo-se a esse patamar superior, pularam essa parte do livro.

1.2. É possível aprender interpretação de textos?

Como membro do segundo grupo, é hora de deixar de lado sua antiga convicção e perceber que é, sim, possível aprender a interpretar textos!

Quem nunca ouviu alguém dizer que “interpretação de textos ou você sabe, ou você não sabe”, ou ainda que “não adianta correr atrás do prejuízo agora, você deveria ter lido mais desde criança”, ou, pior, que “não tem como estudar interpretação, a saída é ler muito até o dia da prova para treinar a ler mais rápido e perder menos tempo com as questões”? Nada disso é verdade.

Como qualquer outra, interpretar corretamente um texto é uma **habilidade** que pode ser *aprimorada através da prática*. Costumo dizer que é como andar de bicicleta: ao subir nela pela primeira vez, você tenta se equilibrar instintivamente enquanto pedala. Fatalmente levará alguns tombos, mas a prática o levará ao sucesso.

Com a interpretação acontece o mesmo processo. Muitos pensam que ler é um ato meramente **instintivo**, atitude que leva a alguns “tombos” (ou erros) na compreensão daquilo que foi dito. Na verdade, também aqui a prática é essencial para que se extraia o verdadeiro sentido das palavras.

Por isso que alguns insistem em dizer que só é hábil na interpretação quem está acostumado a ler muito, o que dá a entender que, se esse não é o seu caso, estará fadado ao fracasso nessa habilidade. Não podemos negar que, realmente, *ler diferentes tipos de textos ainda é o melhor caminho para praticar a interpretação* e que todos os dias, meses ou anos de vida dedicados à leitura certamente farão diferença nessa aptidão. Mas não é menos verdade que, como em tudo na vida, nunca é tarde para começar!

Principalmente porque existem **instrumentos de interpretação** que irão acelerar bastante esse processo de aprendizagem. Afinal, o candidato a uma vaga em concursos públicos dispõe de pouco tempo para se preparar, fato que não se pode perder de vista em nenhum momento. A proposta, então, é apresentar esses instrumentos para que você possa utilizá-los na hora da prova, facilitando a procura pela resposta correta.

É bom que se diga antes de tudo, para evitar grandes expectativas (que sempre vêm acompanhadas de grandes decepções), que tudo que vamos ensinar você já sabe. E nessa hora você pensou: “Muito obrigado pela informação! Posso ir direto para a Parte II, então, aprender alguma coisa sobre gramática?”. Não, fique comigo. Deixe-me explicar melhor.

Desde o momento em que aprendemos a ler, quando crianças, temos em nosso intelecto todo o necessário para entender aquilo que estamos lendo. Obviamente, para textos mais complexos, exige-se o conhecimento de **fatos, regras** ou **conceitos** que serão adquiridos apenas ao longo da vida. Conforme esses dados vão se acumulando em nossa memória, nós os usamos conforme são requeridos e assim podemos absorver cada vez mais quantidade de informações ao ler um texto.

Entretanto, esse caminho é percorrido, muitas vezes, sem qualquer preocupação com a **organização das ideias**, ou seja, nossa habilidade de leitura se baseia unicamente no **instinto** de *decifrar os sinais que compõem a linguagem usando como “dicionário” para traduzir os termos tudo aquilo que aprendemos no decorrer de nossa trajetória pessoal e/ou profissional*.

É por isso que digo que somos todos **leitores e intérpretes instintivos**. Todos sabemos ler e interpretar um texto, mas essa tarefa é usualmente realizada de forma mecânica pelo nosso cérebro, que usa os **instrumentos de interpretação** instintivamente (seja buscando um fato em nossa memória, comparando situações semelhantes ou dando maior ou menor relevância à informação de acordo com a imagem que temos daquele que a transmite).

Memorização, comparação e análise são exemplos de instrumentos de interpretação. Note que, mesmo sem saber seus nomes, você os usa nas leituras do dia a dia. Eis a razão de termos dito antes que não existe nada **nov**o para ensinar. O que podemos fazer é *mostrar quais são as ferramentas que seu cérebro possui para interpretar um texto e indicar a melhor forma de usá-las*.

Pense em uma caixa de ferramentas desarrumada. Se você precisar da chave de fenda, deverá vasculhar e remexer em toda a caixa até encontrá-la, tornando o trabalho demorado e difícil. Se nosso cérebro é a caixa e as ferramentas são as habilidades de leitura, **estudar interpretação de textos** nada mais é do que *organizar nossa caixa de ferramentas, tornando mais fácil identificar e acessar o instrumento necessário para cumprirmos com êxito a tarefa de interpretar o texto apresentado*.

2. POSTURA INTERPRETATIVA

2.1. Conceito de interpretação

Mas, afinal, o que significa interpretar?

Em sua definição mais conhecida, **interpretar** significa *extrair o sentido*. Observe bem (e aqui já começamos a interpretar): o uso do verbo **extrair**, por sua vez, indica que o **sentido** daquilo que está sendo interpretado não está sempre claro, direto. Na maioria das vezes, é preciso investigar, perscrutar as intenções do autor, analisar a escolha dos termos utilizados, entre outras técnicas, para identificar seu objetivo final.

Uma forma fácil de perceber o resultado do trabalho de interpretação ocorre na música. Lembro-me da primeira vez que ouvi a canção “Sozinho”, de Peninha, cantada pelo próprio autor e de como passei a gostar muito mais da música depois de escutá-la na voz de Caetano Veloso, que a tornou famosa. Peninha, o autor, fez um excelente trabalho ao reunir letra e melodia, mas o **intérprete** Caetano Veloso transmite ao cantá-la muito mais do que a técnica musical. Ele vai além, passando aos ouvintes a verdadeira emoção da história que a canção relata.

A função do intérprete de um texto é a mesma daquele que interpreta a canção. Em uma primeira leitura, absorvemos somente aquilo que é superficial na mensagem transmitida pelo autor, o significado puro das palavras. Ao adotarmos uma **postura interpretativa**, passamos a questionar e aprofundar nosso raciocínio em busca da mensagem central do texto, aquilo que seu autor queria realmente explorar.

Vejamos outro exemplo. Responda para si mesmo: é mais fácil interpretar um texto jornalístico ou uma poesia de Camões?

Sem dúvidas, é mais fácil interpretar a notícia do jornal. Por quê? Porque o texto jornalístico tem como característica marcante a **objetividade**, a intenção de informar sobre fatos concretos. Já a poesia, por sua vez, trabalha com **figuras de linguagem** e palavras mais rebuscadas para manter a métrica e a rima com o intuito de expressar **sentimentos** do escritor.

O que não pode acontecer é cairmos na armadilha de que o texto “fácil”, objetivo e claro, dispensa interpretação. Não. Devemos nos habituar a ler um texto pretendendo dele extrair seu verdadeiro sentido, qualquer que seja sua modalidade. Haverá interpretações mais fáceis ou mais difíceis, mas o exercício intelectual deve sempre estar presente.

2.2. Objeto da interpretação

Toda espécie de linguagem pode ser interpretada, não apenas a manifestação escrita da língua.

Chamamos de **linguagem** toda e qualquer forma de comunicação capaz de transmitir uma mensagem entre dois interlocutores. Nesse conceito amplo, a linguagem pode se apresentar de diferentes formas: linguagem oral, linguagem escrita, linguagem de sinais etc.. Em qualquer dessas instâncias, o interlocutor deve estar apto a compreender a mensagem que o outro deseja transmitir-lhe, considerando todas as circunstâncias: em uma conversa, o tom de voz, o uso de gírias, o grau de atenção do interlocutor ao falar influenciam a percepção do destinatário; em um texto escrito, o uso de palavras difíceis, o momento histórico, o veículo de publicação também devem ser levados em conta; na linguagem de sinais, o conhecimento prévio do código utilizado e a velocidade de realização dos sinais permitem maior ou menor compreensão entre emissor e receptor da mensagem.

Tente lembrar-se de uma conversa importante que você teve com um amigo, sua(seu) namorada(o), seus pais ou seus filhos. Além das palavras, observamos também os movimentos do corpo, a direção do olhar, a distância que existe entre as pessoas. Quantas vezes dizemos alguma coisa com certa intenção e o outro lado a recebe de outro jeito, ficando chateado ou irritado sem que pretendêssemos esse resultado? É a famosa frase: “não é o que você disse, mas a forma como você disse”. Estamos sempre interpretando.

A linguagem também se manifesta através de textos, que podem ser definidos como *a estrutura linguística capaz de transmitir uma mensagem dotada de sentido conforme a intenção de seu criador*. Os textos podem ser **verbais**, quando são compostos por palavras (livros, tabelas); **não verbais**, quando compostos por imagens, sons ou outras espécies de sinais (música, dança, expressão corporal); e **mistos**, quando compostos tanto por palavras quanto por outros elementos (charges, gráficos). Os textos verbais e mistos, por sua vez, subdividem-se em **textos escritos** e **textos orais**.

Texto I – Texto verbal

“O ser humano fala aproximadamente entre 3000 e 6000 línguas. Não existem dados precisos. As línguas naturais são os exemplos mais marcantes que temos de linguagem. No entanto, ela também pode se basear na observação visual e auditiva, ao invés de estímulos. Como exemplos de outros tipos de linguagem, temos as línguas de sinais e a linguagem escrita. Os códigos e os outros tipos de sistemas de comunicação construídos artificialmente, tais como

aqueles usados para programação de computadores, também podem ser chamadas de linguagens. A linguagem, nesse sentido, é um sistema de sinais para codificação e decodificação de informações. A palavra portuguesa deriva do francês antigo *langage*. Quando usado como um conceito geral, a palavra ‘linguagem’ refere-se a uma faculdade cognitiva que permite aos seres humanos aprender e usar sistemas de comunicação complexos.”

(Fonte: www.pt.wikipedia.org/wiki/Linguagem)

Texto II – Texto não verbal



A conversa,
Arnold Lakhovsky (1935)

Texto III – Texto misto



(Fonte: <http://economia.uol.com.br/cotacoes/cambio/dolar-comercial-estados-unidos-principal.jhtm>)

Na seara dos concursos públicos, interessam-nos apenas os **textos verbais e mistos escritos**, cuja interpretação é objeto de questionamento nas provas. Sendo assim, sobre eles que se baseará todo o alicerce dos **instrumentos de interpretação** que vamos conhecer e os exemplos dados para consolidar o aprendizado.

2.3. Leitura passiva x Leitura ativa

O primeiro passo a dar para evoluir na interpretação de textos é mudar nossa forma de leitura das mensagens que nos são apresentadas a todo momento. Usualmente, adotamos uma **leitura passiva**, despreocupada e superficial, que se contenta com a simples **interpretação literal** das palavras contidas no texto sem atentar para o que se encontra encoberto por elas.

Essa conduta funciona bem para o dia a dia, quando lemos para relaxar ou quando estamos diante de anúncios publicitários, por exemplo. Não se admite, por outro lado, a mesma situação daquele que se prepara para concursos públicos, principalmente durante a prova. Nessa fase, temos de buscar ir além do que foi dito, investigando o que o autor **quis dizer**.

Essa nova abordagem é chamada de **leitura ativa** ou **leitura crítica**, na qual *o leitor do texto passa de simples receptor da mensagem para intérprete das intenções do autor, querendo conhecer as motivações e objetivos ocultos detrás das palavras ou imagens*.

O **leitor ativo** não se contenta somente com a primeira leitura. Ele *lê uma vez mais* na procura de nuances que lhe tenham passado despercebidas, ou para efetivamente compreender determinado trecho; quando possível, *visita o dicionário* para traduzir os termos que não conhece; ao terminar uma frase ou parágrafo, ele *se pergunta* por que o autor assim se expressou. O leitor crítico é um leitor ávido, que percebe cada detalhe e investiga a razão dele estar ali.

3. TIPOS DE TEXTO

3.1. Os diferentes objetivos de um texto

Dependendo do que estamos buscando com nossa comunicação, podemos adotar diversas **formas** de nos expressar. Cada uma é composta de características próprias que facilitam a transmissão da mensagem para o interlocutor.

Enquanto textos publicitários pretendem convencer-nos a adquirir determinado produto ou serviço, textos jornalísticos buscam informar sobre a ocorrência de um fato e a literatura quer apenas contar histórias. Certamente,

ao pensar em casos concretos que ilustrem cada um desses exemplos, você já conseguiu visualizar as diferenças existentes entre eles.

A classificação dos tipos de texto não é uniforme entre os estudiosos da Língua Portuguesa, afinal não há classificação correta ou incorreta (mudam somente os critérios escolhidos para classificar). Há, não obstante, tópicos que aparecem com mais frequência do que outros, razão pela qual podemos construir a lista abaixo como os **tipos de texto majoritariamente reconhecidos**:

Tipo de texto	Função primária
Narração	Contar uma história
Argumentação	Defender um ponto de vista
Relato	Documentar fatos
Exposição	Transmitir conhecimento
Instrução	Orientar comportamentos

Anotamos que cada tipo de texto tem uma função **primária**, porque nada impede que diferentes funções se misturem ao longo da mensagem. É possível que um certo **ponto de vista** do autor venha imiscuído em uma parte de um texto **narrativo** sem descaracterizá-lo. O importante é verificar qual das funções está em primeiro plano.

Cada tipo de texto será estudado em tópico próprio mais adiante. Antes precisamos conhecer as **funções da linguagem** e os **tipos de discurso**.

3.2. Funções da linguagem

Dependendo das intenções relacionadas à exteriorização do texto, o emissor da mensagem pode ressaltar algum aspecto dela para atingir seu objetivo com maior precisão, escolhendo para isso as palavras que surtirão o efeito almejado. Esses *recursos de ênfase direcionados voluntariamente pelo autor, visando a causar determinada sensação ou chamar a atenção do receptor*, são chamados de **funções da linguagem**. Vamos a elas:

- a) **Função denotativa ou referencial:** *a ênfase é colocada sobre o objeto da mensagem*. A preocupação do autor é transmitir uma informação objetiva, tentando deixá-la afastada de impressões pessoais, ou seja, sem avaliá-la ou julgá-la. Exemplos:

Texto I

“Com R\$ 3 mi por mês, Neymar é maior milionário do Brasil em Londres”
(<http://www.uol.com.br>)

Texto II

Condições Atuais
São Paulo, Brasil
 Condição relativa de São Paulo, Brasil - Domingo, 22 de Julho de 2012 17:00 Local Time (Domingo, 20 de Junho)

26°C
 Escudo
 Sensação de 26°C

Vento: De Nor-nordeste a S km/h
 Ponto de orvalho: 24°C
 Umidade: 34%
 Visibilidade: 10 quilômetros
 Barômetro: 1020,5 milibares

Índice UV
 0
 Mínimo

Calcular a temperatura - Digite um número e clique no botão "Calcular"
 °C = °F

Previsão para 10 dias
 São Paulo, Brasil
 Última atualização: Domingo, 22 de Julho de 2012, às 14:21
 Hora local (Domingo, 17:21 GMT)

Data	Tempo	Máx (C)	Mín (C)
22 Jul	Parcialmente nublado	14°C	14°C
23 Jul	Parcialmente nublado	22°C	14°C
24 Jul	Índice UV 6 Moderado	26°C	18°C
25 Jul	Índice UV 6 Moderado	24°C	14°C
26 Jul	Índice UV 6 Moderado	26°C	18°C
27 Jul	Índice UV 6 Moderado	21°C	14°C
28 Jul	Índice UV 6 Moderado	26°C	18°C
29 Jul	Índice UV 5 Moderado	24°C	18°C
30 Jul	Índice UV 5 Moderado	24°C	18°C

Mapas
 Brasil - Imagem de Satélite
 Frio Mais Frio

(Disponível em <http://br.weather.com/weather/local/BRXX0232>)

- b) **Função emotiva ou expressiva:** aqui, o *foco da mensagem é o próprio emissor*. Ele deseja que suas opiniões e sentimentos sejam percebidos pelo destinatário, produzindo um texto *mais subjetivo do que objetivo*. Apresenta-se na **primeira pessoa do singular** e os sinais de pontuação acompanham as emoções inseridas no texto (ponto de exclamação, reticências etc.). Exemplo:

Texto III

“Se eu não olhasse para Ezequiel, é provável que não estivesse aqui escrevendo esse livro, porque o meu primeiro ímpeto foi correr ao café e bebê-lo. (...). Chamem-me embora assassino; não serei eu que os desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café.

(...)

Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara, tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo, caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio... Mas não sei que senti que me fez recuar. Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino.

- Papai! Papai! exclamava Ezequiel.

- Não, não, eu não sou teu pai!”

(ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**)

- c) **Função conativa ou apelativa:** transferimos o centro de atenção agora *para o receptor*. A *mensagem quer chamar sua atenção, incentivá-lo ou convencê-lo a praticar determinada conduta ou agir de determinada forma*. É caracterizada pelo uso de verbos no **imperativo** (“faça”, “diga”). Exemplo:

Texto IV

EDITORA FOCO
 REDES SOCIAIS
 www.editorafoco.com.br
 NÃO PERCA! ÚLTIMO DIA DA PROMOÇÃO
 ÚLTIMO DIA DA PROMOÇÃO 25% EM TODO SITE
 CONFIRA AGORA ALGUMAS DAS NOSSAS OFERTAS

(<http://www.editorafoco.com.br>).

- d) **Função metalinguística:** ocorre quando *a linguagem do texto é o próprio objeto dele, isto é, o texto fala de si mesmo*. A função metalinguística relaciona-se com o próprio ato de explorar a linguagem utilizada. Pode ser ou um pintor retratando o ato de pintar ou uma música falando do ato de compor a própria canção, como nos exemplos abaixo:

Texto V



(VELÁZQUEZ. *As meninas*. 1656)

Texto VI

“Eis aqui este sambinha
Feito de uma nota só
Outras notas vão entrar
Mas a base é uma só

Essa outra é consequência
Do que acabo de dizer
Como eu sou a consequência
Inevitável de você

Quanta gente existe por aí
Que fala tanto e não diz nada
Ou quase nada
Já me utilizei de toda a escala
E no final não deu em nada
Não sobrou nada

E voltei pra minha nota
Como eu volto pra você
Vou cantar com minha nota
Como eu gosto de você

E quem quer todas as notas
Ré, mi, fá, sol, lá, si, dó
Fica sempre sem nenhuma
Fique numa nota só”

(JOBIM, Tom e MENDONÇA, Newton. **Samba de uma nota só**)

- e) **Função fática:** mais pontual, reconhece-se a função fática da linguagem quando *a atenção do emissor volta-se para o canal de comunicação entre ele e o receptor, buscando mantê-lo aberto para a continuação do diálogo*. Exercem a função fática as **interjeições** e **saudações**, como “o quê?” e “alô!”, sublinhadas no exemplo abaixo:

Texto VII

“Querida, eu juro que não era eu. Que coisa ridícula! Se você estivesse aqui – Alô? Alô? – olha, se você estivesse aqui ia ver a minha cara, inocente como o Diabo. O quê? Mas como ironia? ‘Como o Diabo’ é força de expressão, que diabo. Você acha que eu ia brincar numa hora desta? Alô! Eu juro, pelo que há de mais sagrado, pelo túmulo da minha mãe, pela nossa conta no banco, pela cabeça dos nossos filhos, que não era eu naquela foto de carnaval no ‘Cascaelho’ que saiu na *Folha da Manhã*. O quê? Alô! Alô! Como é que eu sei qual é a foto? Mas você não acaba de dizer... Ah, você não chegou a dizer... Ah, você não chegou a dizer qual era o jornal. Bom, bem. Você não vai acreditar, mas acontece que eu também vi a foto. Não desliga! (...)”

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. Trapezista, **in Comédias da Vida Privada**)

- f) **Função poética:** decorre da intenção do autor de expressar sua mensagem por uma forma pouco usual, valendo-se de rimas, ritmos, jogos de imagem etc.. Apesar do nome, **não** se aplica somente a poesias, podendo ser encontrada em outros exemplos textuais:

Texto VIII



(XISTO, Pedro. *Ephitalamium II*. 1966)

3.3. Tipos de discurso

Dá-se o nome de **discurso** à *representação textual das falas de uma pessoa*, ou seja, quando uma personagem do texto diz alguma coisa para outra ou para si mesmo. As funções da linguagem sofrem influência direta do tipo de discurso utilizado: por exemplo, a **função emotiva** em destaque no **texto III** acima é potencializada pela fala dos personagens. Por essa razão, é importante conhecer e saber identificar os três tipos de discurso.

- a) **Discurso direto:** quando deixa explícita a ocorrência de um diálogo entre as personagens através do uso de sinais de pontuação como dois-pontos, travessão ou aspas.

Texto IX

“ – A mim? – perguntou Rubião depois de alguns segundos. – A você – confirmou o Palha. – Devia tê-la dito há mais tempo, mas estas histórias de casamento, de comissão das Alagoas, etc., atrapalharam-me, e não tive ocasião; agora, porém, antes do almoço... Você almoça comigo.

– Sim, mas que é?

– Uma coisa importante.”

(ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**)

- b) **Discurso indireto:** o próprio narrador da história relata, com suas palavras, o que dissera a personagem. O discurso indireto, portanto, representa uma **paráfrase** do diálogo. Nele, não há travessões ou quaisquer outros sinais de pontuação; o texto segue seu curso normalmente.

Texto X

“O coronel convidou Cauda Pintada a ir até seu quartel-general e lamentou a perda de sua filha. O chefe disse que nos dias em que os brancos e os índios estavam em paz, ele trouxera a filha a Fort Laramie muitas vezes, que ela gostava do forte, e ele gostaria que o palanque fúnebre fosse elevado no cemitério do posto. O coronel Maynadier imediatamente deu permissão. Ficou espantado ao ver lágrimas nos olhos de Cauda Pintada; ele não sabia que um índio podia chorar.”

(BROWN, Dee. **Enterrem meu coração na curva do rio**)

- c) **Discurso indireto livre:** é o ponto médio entre o discurso direto e o discurso indireto. Aqui, o narrador *mistura-se ao personagem, transcrevendo diretamente seus pensamentos* sem indicar, com sinais de pontuação, que disso se trata.

Texto XI

“Sinhá Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia, patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teria meio de conduzir os cacarecos.”

(RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**)

3.4. Narração

O texto narrativo caracteriza-se *pela presença de um enredo, um encadeamento lógico dos acontecimentos com começo, meio e fim.*

Dentre os tipos de texto que elencamos, é o que permite *maior liberdade* do autor, o qual pode trabalhar de muitas formas diferentes para expor seu relato. Pode se apresentar como um **romance**, uma história onde as personagens e os fatos são criados com maior profundidade; um **conto**, que é uma narrativa mais curta, ou uma **crônica**, normalmente espelhando fatos do cotidiano; até mesmo **poemas** podem assumir um viés narrativo, como a famosa obra **Os Lusíadas**, de Camões.

Por conta dessa amplitude de forma, a narração pode reunir **quaisquer das funções da linguagem**, as quais transitarão pelo texto conforme a intenção do autor, bem como valer-se dos três **tipos de discurso**.

A narração ainda se divide em duas subespécies:

- a) **Narração propriamente dita:** na qual *o foco do texto é contar os fatos*. Aquilo que *aconteceu* é mais importante para o autor do que *como aconteceu*.

Texto XI

“Pedro Bala bateu a moeda de quatrocentos réis na parede da Alfândega, ela caiu diante da de Boa-Vida. Depois Pirulito bateu a dele, a moeda fica entre a de Boa-Vida e a de Pedro Bala. Boa-Vida estava acocorado, espiando. Tirou o cigarro da boca:

– Eu gosto é assim mesmo. De começar ruim...

E continuaram o jogo, mas Boa-Vida e Pirulito perderam as moedas de quatrocentão, que Pedro Bala embolsou:

– Eu sou é bamba mesmo.”

(AMADO, Jorge. **Capitães da areia**)

- b) **Descrição:** chamamos a narração de **texto descritivo** quando *as atenções do autor estão voltadas a dividir com o intérprete cada detalhe da cena narrada*. Pretende, com isso, permitir que o leitor imagine a cena em cada pormenor, *valorizando mais as circunstâncias do que os fatos em si*.

Texto XII

“Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo do jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.”

(ALENCAR, José de. **Iracema**)

Atenção! Mais uma vez, a classificação entre **narração propriamente dita** e **descrição** leva em consideração as características **preponderantes** do texto. É claro que um texto narrativo apresentará algumas descrições, da mesma forma que um texto puramente descritivo, sem o transcorrer de qualquer acontecimento, justifica-se apenas por razões artísticas (como no movimento literário conhecido por Parnasianismo).

3.5. Argumentação

Na argumentação, a intenção básica do autor é *defender um determinado ponto de vista ou expressar sua opinião sobre um fato relevante*. Esse gênero textual, portanto, afasta-se da narração na medida em que esta é expressão de *ficção*, enquanto aquele se fundamenta em *fatos concretos* sobre os quais o autor quer se manifestar. É a espécie de texto mais explorada nos concursos públicos hoje em dia, tanto nas questões de interpretação, quanto na redação.

No texto argumentativo, são muito usadas as funções **emotiva** e **conativa**, cujos teores variam de acordo com a maior ou menor intenção do autor de convencer seus interlocutores através da razão ou dos sentimentos (prática comum nos textos **publicitários**).

Também se apresenta em diversos formatos: **ensaio**, onde o autor discorre sobre o tema lastreado em fatos ou opiniões que corroborem sua conclusão; **resenha**, na qual se discute as características de uma obra artística, culminando com um julgamento sobre sua qualidade; **manifestações processuais**, próprias dos advogados, quando defendem os interesses de seus clientes, entre outros.

A estrutura mais conhecida, porém, é a **dissertação**, organizada de forma a contrapor diferentes posições para que o autor, e também o intérprete, cheguem à conclusão após ponderar todos os argumentos. Por sua grande importância nos concursos públicos, principalmente nas provas de redação, na parte III voltaremos a estudá-la.

Texto XIII

O fator Russomanno

“O empate técnico entre José Serra (PSDB) e Celso Russomanno (PRB) foi o dado mais inesperado da última pesquisa Datafolha.

Segundo o instituto, o tucano tem 30% das intenções de voto, contra 26% de Russomanno. Os demais candidatos a prefeito de São Paulo, como Fernando Haddad (PT) e Soninha Francine (PPS), não passam de 7%. A margem de erro é de três pontos percentuais.

Desde dezembro, o pleiteante do nanico PRB avançou dez pontos nas pesquisas. Manteve, até aqui, trajetória ascendente que surpreendeu boa parcela dos analistas.

O crescimento de Russomanno vinha sendo atribuído a sua presença no quadro “Patrulha do Consumidor”, que integra um programa matinal diário veiculado pela TV Record, emissora ligada ao PRB.

A exposição do ex-deputado na TV, no entanto, terminou no final de junho. De lá para cá, sua candidatura não chegou a atrofiar-se, como se previa. Ao contrário, confirmou-se a tendência, com oscilação positiva de dois pontos.

Ainda que a boa colocação se comprove fenômeno apenas inercial, fadado a esvair-se, é preciso reconhecer que há mais vetores a influenciar essa trajetória.

Um deles é a Igreja Universal, denominação neopentecostal que controla o PRB. Não é coincidência que Russomanno tenha seu melhor desempenho justamente entre os eleitores que declaram alguma religião evangélica pentecostal.

Outro vetor é o baixo conhecimento de Fernando Haddad. Quase metade dos paulistanos ainda ignora o candidato do PT. Por enquanto, Russomanno é quem mais se beneficiou desse fato, mas ele também tem mais a perder. Hoje, os petistas representam quase um terço de suas intenções de voto.

Jogam a favor de Russomanno ainda outros dois fatores: a retirada da candidatura do popular Netinho (PC do B) e a baixa avaliação do prefeito Gilberto Kassab (PSD), que afeta diretamente José Serra.

Contra o candidato do PRB, paradoxalmente, pesará em breve uma força decisiva - o tempo de TV. Com meros dois minutos de propaganda eleitoral, Russomanno terá menos de um terço da exposição de Serra e Haddad e metade da de Gabriel Chalita (PMDB).

Nas eleições presidenciais de 2002, nesta mesma época do ano, Ciro Gomes, então no PPS, tinha 28% e ameaçava a liderança de Lula (PT), com 33%. No final de agosto, após o início do horário eleitoral, Ciro, com menos tempo na TV, perdeu sete pontos e nunca mais se recuperou na disputa.

Para firmar-se como alternativa à polarização PT-PSDB, Russomanno precisa sobreviver às primeiras semanas de campanha na TV. Até lá, não passará de uma anomalia.”

(Folha de São Paulo. Editorial publicado em 24/07/2012)

3.6. Relato

É o tipo de texto *voltado à difusão de fatos concretos*. Nele, predominam a **função denotativa**, porque o autor deve evitar a influência de suas posturas pessoais na composição, e o **discurso indireto**, que permite ao historiador ou jornalista resumir as falas dos envolvidos e manter o texto fluido, com poucas interrupções oriundas dos sinais de pontuação. Nada impede, naturalmente, que diante da importância do que foi dito, alterne-se para o discurso direto para consignar literalmente a expressão usada. Nesse caso, a frase ou o diálogo é transcrito entre aspas e antecedido de dois-pontos.

São exemplos comuns as **notícias**, veiculadas nos meios de comunicação escritos ou falados; o relato **histórico**, sobre fatos passados da sociedade; a **biografia**, usada para difundir experiências relevantes da vida de uma personalidade; o **testemunho** prestado em processos judiciais etc..

Texto XIV

“Mesmo a pior depressão cíclica mais cedo ou mais tarde tem de acabar, e após 1939 havia sinais cada vez mais claros de que o pior já passara. De fato, algumas economias dispararam na frente. O Japão e, em escala mais modesta, a Suécia alcançaram quase duas vezes o nível de produção pré-Depressão no fim da década de 1930, e em 1938 a economia alemã (embora não a italiana) estava 25% acima de 1929. Mesmo economias emperradas como a britânica davam claros sinais de dinamismo. Contudo, o esperado aumento não voltou. O mundo continuou em depressão. Isso foi mais visível na maior de todas as economias, a dos EUA, porque as várias experiências para estimular a economia feitas pelo ‘New Deal’ do presidente F. D. Roosevelt – às vezes de maneira inconsistente – não corresponderam exatamente à sua promessa econômica.”

(HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**)

3.7. Exposição

O objetivo da **exposição** é *transmitir conhecimentos, instruir ou ensinar o leitor/intérprete por meio de informações que ele ainda não possui*. Muito usada no meio acadêmico e para a propagação do conhecimento científico, a exposição é marcada pela **função denotativa** e, por força do costume, é redigida em terceira pessoa.

As características do trabalho final se assemelham bastante às do relato. Diferenciam-se somente na **objeto**: o **relato publica fatos reais**; a **exposição transmite conhecimentos**, conceitos teóricos. Ela é mais abstrata, ele é mais concreto.

Encontramos exemplos de exposição nas **enciclopédias**, nos **dicionários**, nos **artigos** científicos, nos **livros didáticos**, entre outros.

Texto XV

“**Nome empresarial**, já vimos, é o *elemento identificador do empresário*, a forma como ele é conhecido no mercado. Sua proteção contra uso indevido é feita pela própria Junta Comercial, como consequência imediata do registro da empresa.

Título do estabelecimento é o *elemento identificador do ponto comercial*, é o *nome fantasia* do estabelecimento. Nada obsta que contenha elementos idênticos ao nome empresarial, mas são institutos distintos (...).”

(SUBI, Henrique. In **Super-Revisão – OAB** – negrito e itálico no original)

3.8. Instrução

Por último, classifica-se como **instrução** o texto que pretende *prescrever um padrão de conduta, determinar a forma de agir das pessoas*. Deve ser o mais claro e objetivo possível, para que efetivamente permita aos seus destinatários atuar conforme as regras.

Manifesta-se na forma de **regras de jogo, leis e normas jurídicas, receitas culinárias, ordens de serviço** etc..

Texto XVI

“Art. 1.300. O proprietário construirá de maneira que o seu prédio não despeje águas, diretamente, sobre o prédio vizinho.

Art. 1.301. É defeso abrir janelas, ou fazer eirado, terraço ou varanda, a menos de metro e meio do terreno vizinho.”
(*Código Civil*)

4. INSTRUMENTOS DE INTERPRETAÇÃO**4.1. Contexto****4.1.1. Conceito**

Chamamos **contexto** o *conjunto de circunstâncias implícitas ou explícitas no texto que complementam as palavras com o intuito de desenvolver completamente as ideias nele expostas*.

Identificar o contexto é o primeiro passo da interpretação, constituindo dela importante instrumento. Mais ainda, é o próprio fundamento da leitura ativa.

A regra de ouro para a captação do contexto é indagar: “quem disse?”, “por que ele disse?”, “quando ele disse?”, “onde ele disse?”. Vamos trabalhar juntos o texto abaixo:

Texto I

“Mas quando o príncipe está à frente de seu exército, e com um grande número de soldados sob seu comando, é necessário que aceite a fama de crueldade, sem a qual não conseguirá manter as tropas unidas e dispostas para qualquer tarefa. Entre as ações notáveis de Aníbal, conta-se que, embora dispusesse de um exército vastíssimo e muito heterogêneo, e combatesse em terras estrangeiras, nunca houve qualquer dissensão entre seus soldados, ou entre estes e o príncipe, nos bons tempos ou na adversidade. Isto outra causa não tinha senão sua crueldade desumana que, juntamente com outras inumeráveis virtudes, fez com que fosse visto sempre com terror e veneração pelos comandados; sem tal crueldade, as outras virtudes não teriam bastado para alcançar tal efeito. Desavisadamente, alguns historiadores admiram, de um lado, suas ações, e de outro lhe reprovam a causa mais importante das mesmas”.
(MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**)

O texto aborda a conduta ideal que um príncipe ou governante deve ter no campo de batalha ao liderar seu exército. O que ele diz sobre isso? Que o príncipe deve ser cruel para ser respeitado na guerra, tanto pelo inimigo quanto por seus soldados. Essa opinião soa absurda nos dias de hoje, quando se prega a solução pacífica dos conflitos e são criados tribunais internacionais para o julgamento de crimes contra a humanidade.

Continue questionando: por que ele disse isso? Porque a obra **O Príncipe** foi escrita como um guia, um compilado de sugestões para o sucesso de um governante. Quando e onde ele disse? No século XVI, mais precisamente em 1513, época das grandes navegações e intensas disputas territoriais na Europa, tanto entre potências, quanto por colônias nos novos continentes. Apesar do avanço intelectual do Renascimento, a sociedade ainda se dividia de acordo com a capacidade financeira, as mulheres não tinham direitos, escravidão era comum e não se enxergava a sociedade com um sentimento coletivo.

Perceba que, ao responder as questões periféricas, enxergamos melhor a realidade na qual o autor estava inserido e as razões de sua opinião. Ao visualizar o **contexto** podemos refletir com precisão sobre as ideias elencadas na exposição e discuti-las com mais propriedade.

Todo texto está inserido em um contexto. É muito comum lermos ou ouvirmos, principalmente em anúncios publicitários, que determinado veículo de comunicação é “isento”, “neutro”, que se limita a “noticiar os fatos tal como eles aconteceram”. Enfim, é comum a tentativa de transmitir implicitamente que a mensagem está livre de impressões pessoais de seu autor ou emissor.

A verdade é bem outra: *não existe texto neutro, despreten-sioso, alheio às experiências, certezas e opiniões de seu criador.* Mesmo quando desejamos apenas relatar o que sabemos (usando a **função denotativa** da linguagem), empenhando nossos maiores esforços para sermos imparciais, não podemos esquecer de que tudo que está em nossa memória ali ingressou através de nossos sentidos (visão, olfato, paladar, audição e tato), os quais são moldados de acordo com nossa experiência. Todos nós temos “filtros” em nossos olhos, ouvidos, nariz, implantados com o passar do tempo como resultado de nossa história, das nossas experiências vividas; e sempre pretendemos, ao exteriorizar isso, que o receptor da mensagem seja marcado positiva ou negativamente pelas nossas palavras.

Por isso, toda mensagem chega até nós, por qualquer caminho que seja, acompanhada de diversas circunstâncias que o bom intérprete consegue identificar para estabelecer com clareza o que o autor pretende obter com a publicação do texto.

A análise do contexto, muitas vezes, depende de conhecimentos prévios sobre História, Geografia ou Literatura. Em concursos públicos, por outro lado, é bastante comum a contextualização em relação a eventos recentes que tiveram destaque na imprensa nacional e internacional. Isso é bom, porque ao ler jornais, revistas e *sites* de notícias, além de estar

se preparando para a prova de Atualidades, você igualmente estará se municiando de dados relevantes para as questões de Português, pois ficará consciente da conjuntura econômica e política atual para extrair corretamente as informações sobre o contexto.

Em outra linha, pontos importantes do contexto podem ser encontrados no momento da leitura. A **leitura ativa** deve considerar todos os elementos do texto: o título, eventuais notas de rodapé, a fonte de onde o texto foi retirado etc.. Por exemplo: textos encontrados em publicações científicas costumam ser objetivos e ter a função de informar sobre uma nova descoberta ou estudo (classificam-se como **exposições**); já textos advindos de jornais e revistas, principalmente dos editoriais, trazem elevada carga de opinião do autor, a sua análise pessoal de determinado acontecimento (classificam-se como **argumentações**).

Dizemos isso para mostrar que o caminho do estudo da interpretação de textos segue, agora, para a “desmontagem” do conceito de leitura ativa. Imagine que vamos colocá-la no microscópio e investigar de que ela é formada. Assim, conheceremos os diversos **instrumentos de interpretação** que nos ajudarão na construção do **contexto**.

4.1.2. Intertextualidade

Ocorre **intertextualidade**, ou **intertexto**, quando *dois textos se entrelaçam, um mencionando o outro*. Dessa forma, para a perfeita interpretação de um, é preciso primeiro conhecer e extrair o sentido do outro.

Observe os exemplos abaixo:

Texto III

PT QUER ABAFAR MENSALÃO COM A CPI DO CACHOEIRA

(...) A estratégia antes negada publicamente pela maioria dos petistas, - de usar a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) de Carlinhos Cachoeira para desviar o foco e neutralizar o julgamento do mensalão no Supremo Tribunal Federal (STF) - foi admitida ontem pelo presidente nacional do PT, Rui Falcão. Em vídeo de quase dois minutos postado ontem à tarde no *site* oficial do partido, Falcão conclama centrais sindicais e partidos políticos que defendem o combate a corrupção, além de movimentos populares, a fazerem uma mobilização contra o que chamou de ‘operação abafa’ que visaria a impedir a realização da investigação da CPMI, que já envolve parlamentares de seis partidos, inclusive do PT.

No vídeo, pela primeira vez, Falcão cita a intenção de desmascarar, na CPMI, aqueles que, segundo o presidente do PT, são os autores do que ele chama de ‘farsa do mensalão’, PSDB e DEM. As declarações foram criticadas pela oposição e até por setores mais moderados do PT.

(...) No vídeo, ele ataca o governador de Goiás, Marconi Perillo (PSDB), mas não faz nenhuma menção ao envolvimento do governador petista do Distrito Federal, Agnelo Queiroz - que teve seu nome citado na Operação Monte Carlo, da Polícia Federal, como interessado num suposto encontro com Cachoeira, o que Agnelo nega.”

(LIMA, Maria. **O Globo**. Publicado em 12/04/2012)

Texto IV

A CPI DE CACHOEIRA E A RETÓRICA DO “MENSALÃO”

“Era questão de tempo: tímidos, até então, com a escancarada relação mantida pelo contraventor Carlinhos Cachoeira com senador, deputados e um governador tucano, os jornais chegaram às bancas, nesta quinta-feira 12, com a arma apontada na direção oposta.

Estamparam em suas capas a suspeita de que o *lobby* de Cachoeira chegara ao governador petista Agnelo Queiroz (DF). Num exercício de retórica mais elástico que os tentáculos políticos de Cachoeira, conseguiram trazer ao centro do debate a palavra ‘mensalão’.

Tudo isso às vésperas da instalação de uma CPI mista para investigar as relações suprapartidárias do contraventor pelo mundo político, tão ecléticas quanto suas áreas de influência – que iam do jogo do bicho à indústria farmacêutica, passando por serviços de coleta de lixo. (...)

A abertura da CPI passou a ser defendida abertamente pelo presidente do PT, Rui Falcão. Foi o suficiente para que *O Globo* visse na postura uma tentativa de desviar o foco do ‘mensalão’.

(Revista **Carta Capital**. Publicado em 12/04/2012)

Note que o texto IV **menciona** o texto III no último parágrafo. Essa informação é fundamental para a interpretação, pois dela podemos extrair que o texto IV é uma **resposta** ao texto III, criando o cenário de **intertextualidade**. Isso é confirmado por outras circunstâncias do contexto: são dois veículos de comunicação tradicionalmente conhecidos por terem alinhamentos políticos opostos e ambos os textos foram publicados na mesma data.

Há, ainda, uma espécie de relação intertextual muito famosa chamada **paródia**. Nela, *o autor faz referência a outro texto com o intuito de reescrevê-lo, normalmente com pretensões humorísticas ou críticas*. Está implícito em qualquer paródia a intenção de gerar no leitor a necessidade de revisitar o texto original, de vê-lo com outros olhos diante da evolução da sociedade ou até mesmo para simplesmente desconstruir o ideal artístico alheio. Leia com atenção os poemas que seguem:

Texto V

“Minha terra tem palmeiras,
onde canta o Sabiá;
as aves que aqui gorjeiam,
não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
nossas várzeas têm mais flores,
nossos bosques têm mais vida,
nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
mais prazer encontro eu lá;
minha terra tem palmeiras
onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
que tais não encontro eu cá;
em cismar – sozinho, à noite –
mais prazer encontro eu lá;
minha terra tem palmeiras
onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra
sem que eu volte para lá;
sem que desfrute os primores
que não encontro por cá;
sem qu’inda aviste as palmeiras
onde canta o Sabiá.”

(DIAS, Gonçalves. **Canção do Exílio**. 1843)

Texto VI

“Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo.”

(ANDRADE, Oswald de. **Canto de regresso à pátria**. 1926)

A importância de estudarmos a paródia é destacar que a relação intertextual **não precisa** ser explícita. A correta interpretação da “Canção de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade, **pressupõe** o conhecimento da **Canção do exílio**, de Gonçalves Dias, para se apontar que o poeta modernista buscou atualizar a visão do Brasil exposta pelo seu antecessor do Romantismo. Há crítica à escravidão antes reinante no país (“Minha terra tem palmares/ Onde gorjeia o mar”) e uma nova paisagem urbana que ocupa os espaços naturais cantados por Gonçalves Dias (“Não permita Deus que eu morra/ Sem que eu volte para São Paulo/ Sem que veja a Rua 15/ E o progresso de São Paulo”).

4.2. Observação

Uma boa interpretação de texto tem um quê de processo científico. Imagine um biólogo que pretende estudar o comportamento de uma colônia de formigas. Qual seu primeiro passo? **Observar** os insetos e anotar suas primeiras impressões.

O mesmo se dá com a leitura ativa de um texto. O primeiro instrumento que devemos utilizar é a **observação**, até por uma questão natural: a visão é o primeiro sentido que toma contato com o objeto de estudo.

Antes de começar propriamente a ler, **observe** o texto e suas características. Assim, de antemão, você já pode identificar se ele está escrito em prosa ou verso; se está diante de um texto verbal escrito ou misto; procure a fonte do texto e veja de onde ele foi extraído. Há muito o que descobrir nesse primeiro contato, principalmente nos textos mistos, como no exemplo abaixo:

Texto IX



“O número de mulheres no mercado de trabalho mundial é o maior da História, tendo alcançado, em 2007, a marca de 1,2 bilhão, segundo relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Em dez anos, houve um incremento de 200 milhões na ocupação feminina. Ainda assim, as mulheres representaram um contingente distante do universo de 1,8 bilhão de homens empregados. Em 2007, 36,1% delas trabalhavam no campo, ante 46,3% em serviços. Entre os homens, a proporção é de 34% para 40,4%. O universo de desempregadas subiu de 70,2 milhões para 81,6 milhões, entre 1997 e 2007 — quando a taxa de desemprego feminino atingiu 6,4%, ante 5,7% da de desemprego masculino. Há, no mundo, pelo menos 70 mulheres economicamente ativas para 100 homens.

O relatório destaca que a proporção de assalariadas subiu de 41,8% para 46,4% nos últimos dez anos. Ao mesmo tempo, houve queda no emprego vulnerável (sem proteção social e direitos trabalhistas), de 56,1% para 51,7%. Apesar disso, o universo de mulheres nessas condições continua superando o dos homens.”

O Globo, 7/3/2007, p. 31 (com adaptações).

Perceba que, em um primeiro momento, nossa **observação** encontra um gráfico, o qual, visivelmente, ilustra um cenário de crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho. Em seguida, vemos um texto verbal que, pelas diversas referências a percentuais, veio para explicar os resultados inseridos no gráfico anterior. Verificamos, ao final, que se trata de uma notícia de jornal (um **relato**, portanto), porque extraído de um famoso periódico (“O Globo”). Isso tudo já sabemos antes de avançarmos sobre as palavras em si!

Naturalmente, é difícil que questões de concurso cobrem o uso puro e simples da observação. Na verdade, ela é o primeiro passo, ao qual se seguirão necessariamente outros que devem ser tomados para encontrarmos a resposta. Mesmo assim, é uma ferramenta imprescindível para nosso trabalho.

4.3. Análise

É a consequência lógica imediatamente posterior à observação. Depois de apreender com nossos sentidos as principais características do texto, começamos a lê-lo para dele *retirar as informações relevantes e, dentro do processo intelectual de interpretação, compreender o quanto foi dito*. Na etapa da **análise** é que utilizamos nossos conhecimentos prévios (significado das palavras, situação política e econômica nacional e internacional, conceitos científicos etc.) e alargamos a simples imagem do texto para o conjunto de informações que ele representa.

Vamos permanecer com o exemplo do texto IX acima. É muito comum que as questões de interpretação de textos em concursos públicos exijam a análise de gráficos e tabelas. Como vimos, essa operação mental consiste em *avaliar os dados esparsos e “remontá-los” de forma que permitam deles extrair uma conclusão*. No nosso texto, o gráfico se chama “número de mulheres no mercado de trabalho mundial (em milhões)”, informação que faz nosso cérebro resgatar o problema histórico de discriminação na contratação de mão de obra feminina. Vemos, então, uma sequência de colunas crescentes que representam os anos de 1983 a 2007 e os patamares, respectivamente, atingem 810 e 1.200. O que isso significa? Que em 1983 havia 810.000.000 (oitocentos e dez milhões) de mulheres no mercado de trabalho mundial (não se esqueça da informação entre parênteses no título do gráfico!), o número foi progressivamente subindo e em 2007 esse total atingiu 1.200.000.000 (um bilhão e duzentos milhões), um aumento de quase 50%. À primeira vista, parece um bom resultado.

Mas a interpretação não pode prescindir de nenhuma informação e resta ainda analisar a parte verbal do texto. Após a leitura, percebemos que o autor não ficou satisfeito com os números apresentados pela OIT, afirmando que há uma grande distância entre homens e mulheres no ambiente de trabalho. Sua visão é pessimista, pois ele procura realçar os problemas que ainda existem em detrimento dos bons resultados obtidos até o momento.

4.4. Comparação

Segundo o dicionário Michaelis, **comparar** significa “examinar simultaneamente duas ou mais coisas, para lhes determinar semelhança, diferença ou relação; confrontar; cotejar”.

A definição é precisa. Ao compararmos dois textos, estamos em busca de **elementos de relação** entre ambos, ou seja, pontos de contato que permitam traçar um paralelo entre as conclusões apresentadas. Para tanto, devemos *levantar hipóteses sobre onde estariam esses elementos de relação*: seria o tipo de texto? As conclusões apresentadas? A época em que foram produzidos?

Um olhar mais atento revela que, no fundo, *a comparação é uma ferramenta da análise*. Uma das formas de se obter um resultado de interpretação, de se extrair informações dos textos apresentados, é compará-los a fim de se determinar o contexto em que estão inseridos. Já esbarramos nesse raciocínio ao falar da **intertextualidade**, você se lembra?

Em questões de concursos públicos, a **comparação** é um instrumento fundamental para *encontrar a resposta correta*. Afinal, dizemos que a afirmativa está certa quando *a comparamos com o texto e as conclusões são semelhantes*; e dizemos que está errada *quando sua afirmação não se coaduna com o texto*.

4.5. Indução e dedução

São outras operações mentais que tomamos emprestadas do raciocínio científico, uma vez que são muito usadas para extrair o sentido de um texto.

Indução é o *processo lógico que permite, com base na observação de situação particular, chegar a uma conclusão de cunho geral*. Ficará mais claro após a leitura ativa do texto abaixo:

Texto XII

“Devido às características que os distinguem radicalmente dos pequenos e médios países da periferia, os grandes Estados periféricos enfrentam graves dilemas para a definição e a execução de seus objetivos estratégicos nesse quadro de profundas transformações econômicas e políticas do cenário mundial.

Assim como o objetivo estratégico das estruturas hegemônicas de poder é a sua própria preservação e expansão (devido aos benefícios que os países, situados em seu centro, delas derivam), os objetivos estratégicos finais dos grandes Estados periféricos seriam participar dessas estruturas hegemônicas – de forma soberana e não subordinada – ou promover a redução de seu grau de vulnerabilidade diante da ação dessas estruturas.

Tal perspectiva se contrapõe à visão que advoga, de forma implícita ou explícita, que os grandes Estados periféricos estão fadados a permanecer na periferia por sua própria incapacidade ou por não terem poder suficiente para vir a participar das estruturas hegemônicas de poder ou até mesmo para reduzir sua vulnerabilidade diante delas.

Os objetivos dos grandes Estados periféricos são: a redução de suas disparidades internas, a construção de sistemas democráticos reais, a luta pela multiculturalidade e, finalmente, a redução de sua vulnerabilidade externa.

A apresentação sumária desses objetivos estratégicos tem um viés brasileiro de interpretação; porém acredita-se que, em grande medida e devido a seu grau de generalidade, se apliquem eles, com as distinções cabíveis, aos demais grandes Estados periféricos.”

(GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Quinhentos anos de periferia**)

É interessante observar como o autor conduziu seu raciocínio e a forma que estruturou o texto. Inicialmente, ele apresenta suas razões (trata-se de um texto **argumentativo**) para, em seguida, afirmar sua conclusão sobre quais são os objetivos estratégicos de um “grande Estado periférico”. Apenas ao final ele confessa que sua análise leva em consideração unicamente o exemplo brasileiro, mas, por questões de ordem política, econômica e social, estabelece sua aplicabilidade aos demais países classificados como “grandes Estados periféricos”.

A operação intelectual, portanto, ocorreu por **indução**: partindo-se de dados colhidos em relação exclusivamente ao Brasil (*situação particular*), a conclusão expande-se para os demais países em posição semelhante (*situação geral*).

A **dedução**, ou **inferência**, por sua vez, segue o caminho inverso: *partindo-se de dados ou conceitos genéricos, chegamos a uma conclusão em relação a uma situação particular*. A dedução é exemplificada tradicionalmente pelo clássico silogismo: “Todo homem é mortal. Sócrates é homem. Logo, Sócrates é mortal”.

Dito de outra forma, se eu tenho evidências (por observação ou por imposição de uma norma ou postulado) de que a informação se aplica a um número suficientemente grande de situações análogas, posso **deduzir** que a regra obtida se aplicará ao caso que estou analisando. Outro exemplo é o raciocínio jurídico: “A lei diz que aquele que matar alguém será punido com reclusão de seis a vinte anos. João matou José. Logo, João receberá uma pena que variará entre seis e vinte anos”.

Podemos também utilizar a dedução para extrair conceitos que desconhecemos. Volte ao texto XII acima e responda: quais seriam os “grandes Estados periféricos” mencionados pelo autor?

Bem, se eu observo que o texto foi extraído de um livro chamado “Quinhentos anos de periferia”, o **contexto** é a evolução histórica do Brasil, o que foi confirmado pelo autor no último parágrafo. O trecho fala da relação entre “estruturas hegemônicas de poder” – o antigamente chamado “Primeiro Mundo” – e “estados periféricos” – o “Terceiro Mundo” – que são divididos em pequenos, médios e grandes (primeiro parágrafo). Ao traçar objetivos concretos para esses grandes países e neles incluir o Brasil, posso **deduzir** que também se encaixam nesse grupo outros Estados de grande extensão territorial e com economia emergente. Atualmente, esse bloco é conhecido como BRICs – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

4.6. Explicação, demonstração ou justificação

Por fim, muitas questões de concursos pedem que o candidato assinale a alternativa que melhor **explique** determinada passagem do texto ou o sentido buscado pelo autor. A **explicação** constitui um *esclarecimento, uma outra forma de dizer a mesma coisa*. A explicação deve ter por escopo tornar mais simples e visível aquilo que antes estava implícito no texto.

Demonstração e justificação são termos sinônimos de **explicação**, podendo ser usados um pelo outro sem qualquer alteração de sentido.

5. FIGURAS DE LINGUAGEM

5.1. Conceito

Figuras de linguagem são *instrumentos de estilo utilizados pelos escritores para realçar a sonoridade, a expressividade ou a beleza do texto*. Seu uso competente permite que a mensagem transmitida atinja com maior precisão o público-alvo, pois se vale de pequenas fugas das regras previstas pela Gramática.

Dentre outras variações, as figuras de linguagem podem ser usadas para alterar o sentido das palavras utilizadas. Por essa razão, conhecê-las é de suma importância para a correta interpretação do texto, a fim de que se possa perceber o uso das figuras e extrair a verdadeira mensagem que o autor desejou transmitir.

O que absolutamente não se permite é confundir as **figuras de linguagem** com os **vícios da linguagem**: aquelas são *elementos de estilística de um texto*, ou seja, expressam o estilo de escrita do autor e, mesmo que importem desrespeito a alguma regra gramatical, são **aceitas** pela norma culta da língua porque possuem uma finalidade no texto; já esses são *erros, abusos ou desvios* no uso da linguagem que ocorrem por ignorância dos padrões linguísticos e, como tais, **não são aceitos** pela norma culta, dada sua total falta de função na exposição.

Nossa maior preocupação com os vícios de linguagem relaciona-se com a prova de redação. Falaremos deles, por conseguinte, na Parte III. Por ora, vamos focar o estudo nas figuras de linguagem.

5.2. Espécies

5.2.1. Metáfora

Pode ser definida como *uma comparação implícita entre dois elementos da oração*. A **metáfora** trabalha com o **sentido conotativo** das palavras, isto é, a atribuição de um significado ao vocábulo diferente do que lhe é comum (popularmente conhecido como **sentido figurado**, o conceito opõe-se ao **sentido denotativo**, que é a palavra usada tal como *definida no dicionário* – lembra-se da **função denotativa**, que estudamos no item 3.2?).

Encontre a metáfora no texto abaixo:

Texto I

“Vinda do mar, uma enorme mariposa de cor cinza entrou direto sala adentro e partiu para cima do gato. (...)

Olhei a bruxa pousada a meu lado. Nunca tinha visto uma tão grande. Meus cabelos eriçaram-se ao longo da nuca. Devia estar cansada de sua longa viagem desde terra. Não, eu não teria medo dela.”

(MORAES, Vinicius de. Mistério a bordo. In: **Para viver um grande amor – crônicas e poemas**)

A comparação subentendida, implícita, está na primeira oração do segundo parágrafo. O texto conta a chegada da mariposa que pousa ao lado do narrador, *feia como uma bruxa*. Ao suprimir o adjetivo *feia* e o conectivo *como*, forma-se a metáfora.

5.2.2. Comparação ou símile

Mais fácil de ser notada, a **comparação** é a *contraposição explícita de dois termos, indicando-lhe semelhanças ou diferenças*. Difere da metáfora justamente porque ela (a metáfora) é *implícita, subentendida*, ao passo que a comparação é *explícita*, ou seja, encontramos o elemento de referência e o conectivo.

Texto II

“Pude rezar no mesmo instante;
e a ave, a se soltar
de mim, tombou tal como chumbo
e mergulhou no mar.”

(COLERIDGE, Samuel Taylor. A **balada do velho marinheiro**)

5.2.3. Metonímia

A **metonímia** é uma das figuras de linguagem mais comuns, por conta de suas diversas formas de se apresentar. Em sentido amplo, é definida como *a substituição de uma palavra por outra com a qual mantenha algum tipo de conexão*, de forma que, mesmo em sentido conotativo, pode-se deduzir o real sentido expresso pela palavra.

Cuidado para não confundir metonímia e metáfora! Ambas trabalham os vocábulos em sentido conotativo, porém com intenções diferentes: na metáfora, busca-se uma comparação implícita; na metonímia, não há comparação, apenas o uso de uma palavra relacionada àquela que expressaria o verdadeiro sentido. Veja só:

Texto III

“Pedro Boleeiro chegou na porta do mestre José Amaro com um recado do coronel Lula. Era para o mestre aparecer no engenho para concerto dos arreios do carro.”
(REGO, José Lins do. *Fogo morto*)

Quando se constrói a frase “chegou na porta do mestre” (deixando de lado o pequeno deslize de regência – o correto seria “à porta”), a palavra *porta* está substituindo a palavra *casa*, com a qual se relaciona (a porta é uma parte da casa). Temos, então, metonímia.

Essa figura de linguagem pode ocorrer sob diversas roupagens:

- a parte pelo todo:** como no exemplo acima;
- o continente pelo conteúdo:** “tomei um copo d’água” (você não toma o copo – o continente, aquilo que contém – mas a água – o conteúdo, aquilo que está contido);
- o autor pela obra:** “a galeria de arte vendeu um Van Gogh ontem” (vendeu o quadro pintado por Van Gogh);
- a matéria pelo objeto:** “cuidado com os cristais!” (os copos de cristal);
- o abstrato pelo concreto:** “a juventude é irresponsável” (os jovens, concretos, são irresponsáveis, não a juventude, conceito abstrato);
- o singular pelo plural:** “a mulher, na sociedade de hoje, assume papel relevante” (as mulheres, todas elas, e não apenas uma).

5.2.4. Antítese

Define-se como *o efeito estilístico proporcionado pelo uso próximo de antônimos no texto*. Transmite-se uma ideia de embate entre situações extremas em um processo dialético. Observe suas ocorrências (que nós sublinhamos) no excerto abaixo:

Texto IV

“Decerto a gente daqui
jamais envelhece aos trinta
nem sabe da morte em vida,
vida em morte, severina;
e aquele cemitério ali,
branco na verde colina,
decerto pouco funciona
e poucas covas aninha.”

(MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina*)

5.2.5. Paradoxo ou oxímoro

Configura **paradoxo** a criação de *imagens absurdas, impossíveis, por meio de palavras antagônicas*, como no texto seguinte:

Texto V

“Positivamente, era um diabrete Virgília, um diabrete angélico, se o querem, mas era-o, então...”

(ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

É realmente bastante difícil de supor a existência de um diabrete (palavra antiga para designar o diminutivo de “diabo”) de feições angelicais...

Mais uma vez, há de se ter cuidado para não confundir as figuras. Ao trabalhar com antônimos, **paradoxo** e **antítese** se assemelham, contudo o primeiro *cria uma imagem absurda* e a segunda cria apenas *uma contraposição de ideias*.

5.2.6. Gradação

Chamamos **gradação** a *estruturação do parágrafo de forma que as ideias nele apresentadas formem uma progressão, positiva ou negativa*. Podemos, assim, visualizar duas espécies de gradação:

- Gradação positiva, ascendente ou clímax:** quando há um *aumento de intensidade* nos elementos linguísticos usados. Exemplo:

Texto VI

“Onde me levas, pois?...’ – ‘Longe te levo
ao país do ideal, terra das flores,
onde a brisa do céu tem mais amores
e a fantasia – lagos mais azuis...’
E fui... e fui... ergui-me no infinito,
lá onde o voo d’água não se eleva...
Abaixo – via a terra – abismo em treva!
Acima – o firmamento – abismo em luz!”

(ALVES, Castro. O voo do gênio. In: *Espumas flutuantes*)

- b) **Gradação negativa, descendente ou anticlímax:** quando o caminho percorrido pelo texto demonstra uma *diminuição na intensidade* dos elementos, conforme as expressões sublinhadas no exemplo que segue:

Texto VII

“Mãe, monogamia, romantismo. A fonte jorra bem alto; o jato é impetuoso e branco de espuma. O impulso não tem mais que uma saída. Não é de admirar que esses pobres pré-modernos fossem loucos, perversos e desgraçados. Seu mundo não lhes permitia aceitar as coisas naturalmente, não os deixava ser sãos de espírito, virtuosos, felizes. Com suas mães e seus amantes; com suas proibições, para as quais não estavam condicionados; com suas tentações e seus remorsos solitários; com todas as suas doenças e intermináveis dores que os isolavam; com suas incertezas e sua pobreza – eram forçados a sentir as coisas intensamente.”

(HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**)

5.2.7. Hipérbole

Figura de linguagem que expressa *um exagero desmedido para valorizar o sentimento da pessoa que fala*.

Texto VIII

“Ó Prometeu! Como deploramos o teu infeliz destino! De nossos olhos comovidos correm rios de lágrimas; nossas faces estão umedecidas pelo pranto. De que terrível poder dispõe Júpiter!”

(ÊSQUILO. **Prometeu acorrentado**)

5.2.8. Eufemismo

Ao invés de usar um termo ou expressão triste, desanimador ou desagradável em alguma medida, valemo-nos do **eufemismo** para, *substituindo essa expressão, usar outras mais leves visando a suavizar a tensão envolvida*. Repare o eufemismo com o qual Manuel Bandeira se refere à morte no poema abaixo:

Texto IX

“Quando a Indesejada das gentes chegar
(não sei se de dura ou caroável),
talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
– Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com seus sortilégios).
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
a mesa posta,
com cada coisa em seu lugar.

(BANDEIRA, Manuel. **Consoada**)

5.2.9. Prosopopeia ou personificação

Consiste em *atribuir uma característica ou ação humana para um animal ou objeto inanimado*. É muito comum em fábulas e outras histórias infantis, mas encontra igualmente espaço em textos de todas as espécies por conta de variedade de efeitos que pode criar.

Texto X

“Assim que saiu, Dorian foi depressa até o pano, puxou-o. Não, não havia nova mudança no quadro, que recebera a notícia da morte de Sibyl Vane antes mesmo que ele. O quadro tinha consciência dos eventos da vida, à medida que iam acontecendo. A crueldade perniciosa que transfigurara as linhas daquela boca haviam, não resta dúvida, surgido no momento preciso em que a jovem tomara o veneno, não importa qual fosse. Ou seria o quadro indiferente aos resultados, e tomasse conhecimento apenas do que se passasse dentro d'alma?”

(WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**)

5.2.10. Catacrese

Denomina-se **catacrese** o *uso de palavras que não guardam relação com o objeto referido para designar uma parte, uma característica ou uma ação sobre ele, em decorrência da inexistência ou desconhecimento do termo apropriado*.

Apesar da aparente dificuldade do conceito, trata-se uma figura de linguagem que está totalmente integrada ao nosso modo de falar e escrever. São exemplos tradicionais: braço da cadeira; dente de alho; cabeça do prego; embarcar no avião etc..

Atenção para a diferença entre **catacrese**, que é somente o *uso de um termo “emprestado” na falta de outro específico*, e **prosopopeia**, caracterizada pela *imputação de uma conduta tipicamente humana a um objeto*.

5.2.11. Perífrase e antonomásia

Ocorre **perífrase** com a *substituição de um substantivo por uma locução ou expressão hábil a identificar o termo substituído, que pode ser um objeto, um animal, um lugar etc..* Exemplos: a Cidade-Luz (que identifica Paris), o Velho Continente (para Europa), o rei dos animais (que remete ao leão).

Texto XI

“Última flor do Lácio, inculca e bela,
és, a um tempo, esplendor e sepultura:
ouro nativo, que na ganga impura
a bruta mina entre os cascalhos vela...”

(BILAC, Olavo. *Língua Portuguesa*)

No texto acima, o poeta usa a perífrase sublinhada para identificar a Língua Portuguesa.

Dá-se o nome de **antonomásia** para a *perífrase relacionada a nomes de pessoas*. Exemplos: o Rei do Futebol (Pelé), a Rainha-Mãe (Elizabeth I, da Inglaterra).

5.2.12. Sinestesia

É a “confusão dos sentidos”, ou seja, a atribuição de um adjetivo normalmente ligado a um determinado sentido (visão, olfato, paladar, audição ou tato) para uma ação relacionada a outro.

Texto XII

“A flor que desabrocha ao romper d’alva
um só giro do sol, não mais, vegeta:
eu sou aquela flor que espero ainda
doce raio de sol que me dê vida.”

(DIAS, Gonçalves. **Leito de folhas verdes**)

No exemplo acima, o adjetivo “doce”, ligado ao paladar, é atribuído a um “raio de sol”, que pode apenas ser visto (visão) ou sentido (tato).

5.2.13. Aliteração

É um recurso fonético *criado pela repetição de sons consonantais*, como a letra “s” no exemplo abaixo:

Texto XIII

“Um sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto
É realidade”

(SEIXAS, Raul. **Prelúdio**)

5.2.14. Assonância

É figura de linguagem também relacionada com os fonemas, *mas essa se refere aos sons vocálicos*, como as letras “a” e “o” na letra de Caetano Veloso:

Texto XIV

“Sou um mulato nato
No sentido lato
Mulato democrático do litoral”

(VELOSO, Caetano. *Sugar cane fields forever*)

5.2.15. Onomatopeia

Última das figuras de linguagem fonéticas, a **onomatopeia** é a *reprodução escrita dos sons*.

Texto XV

“Passa, tempo, tic-tac
tic-tac, passa hora
chega logo, tic-tac
tic-tac, e vai-te embora”

(MORAES, Vinicius. **O relógio**)

5.2.16. Anáfora

Recurso estilístico que consiste *na repetição dos termos no início da oração, frase ou verso*, para transmitir ênfase na expressão.

Texto XVI

“No último andar é mais bonito:
do último andar se vê o mar.
É lá que eu quero morar.”

O último andar é muito longe:
custa-se muito a chegar.
Mas é lá que eu quero morar.

Todo o céu fica a noite inteira
sobre o último andar.
É lá que eu quero morar.

Quando faz lua no terraço
fica todo o luar.
É lá que eu quero morar.

Os passarinhos lá se escondem
para ninguém os maltratar:
no último andar.

De lá se avista o mundo inteiro:
tudo parece perto, no ar.
É lá que eu quero morar:
no último andar.

(MEIRELLES, Cecília. **No último andar**)

Esse conhecido poema de Cecília Meirelles traz, ao mesmo tempo, dois exemplos de anáfora. Há a repetição das expressões “último andar” e “é lá que quero morar”, denotando o intenso desejo do eu-lírico de mudar-se para o último andar.

5.2.17. Pleonasmos

É a *repetição sintática e gramaticalmente desnecessária de um termo*. Aqui também devemos destacar que o pleonasmos, para ser considerado uma figura de linguagem, deve estar justificado pelo tipo de texto, normalmente com função de ênfase ou para bem caracterizar uma personagem. Não sendo esse o caso, ou seja, quando usado por descuido ou ignorância, configura **vício** de linguagem que trataremos na Parte III (pleonasmos viciosos).

Veja abaixo o uso aceitável do pleonasma, também conhecido como **pleonasma literário**:

Texto XVII

“ – E foi morrída essa morte,
irmãos das almas,
essa morte foi morrída
ou foi matada?
– Até que não foi morrída,
irmão das almas,
esta foi morte matada,
numa emboscada.”

(MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina**)

No poema “Morte e vida severina”, João Cabral de Melo Neto nos conta a história de um retirante do Nordeste e da realidade dura que vivencia em seu caminho. Por essa razão, o uso dos pleonasmos “morte morrída” e “morte matada” é justificado pela origem humilde e pouco letrada do eu-lírico. De quebra, ainda vemos mais um exemplo de anáfora (“irmão das almas”).

5.2.18. Polissíndeto

Normalmente, quando precisamos relacionar uma “lista” dentro do texto, separamos cada elemento com vírgula e o último é antecedido da conjunção “e” (exemplo: “comprei maçãs, bananas, laranjas e ameixas”).

As conjunções também podem ser chamadas de **síndetos**. Logo, **polissíndeto** é a figura de linguagem na qual *ocorre a repetição das conjunções ao invés de substituí-las por sinais de pontuação*.

Texto XVIII

“Bela e traidora! Beijas e assassinas...
Quem te vê não tem forças que te oponha:
ama-te, e dorme no teu seio, e sonha,
e, quando acorda, acorda feito em ruínas...”

Seduzes, e convidas, e fascinas,
como o abismo que, pérfido, a medonha
Fauce apresenta flórida e risonha,
tapetada de rosas e boninas.

O viajor, vendo as flores, fatigado
foge o sol, e, deixando a estrada poenta,
avança incauto... Súbito, esbroando,

falta-lhe o solo aos pés: recua e corre,
vacila e grita, luta e se ensanguenta,
e rola, e tomba, e despedaça, e morre...”

(BILAC, Olavo. **Abyssus**)

Quem observou que, além do polissíndeto, temos também uma **gradação negativa** no último verso?

5.2.19. Assíndeto

Vimos diversas figuras de linguagem que trabalham com a repetição de termos da oração. Passamos agora àquelas que, inversamente, omitem-nos.

Começando pelo **assíndeto**, que, como o próprio nome sugere, é o oposto do **polissíndeto**. O prefixo “a”, de origem grega, indica negação, inexistência. Logo, no **assíndeto**, *há a supressão das conjunções*.

Texto XIX

“Suspirei; Jacinto preguiçava. E terminamos por reme-xer languidamente os jornais que o mordomo trouxera, num monte facundo, sobre uma salva de prata– jornais de Paris, jornais de Londres, semanários, magazines, revistas, ilustrações... Jacinto desdobrava, arremessava; das revistas espreitava o sumário, logo farto; às ilustrações rasgava as folhas com dedo indiferente, bocejando por cima das gravuras.”

(QUEIRÓS, Eça de. **A cidade e as serras**)

No trecho sublinhado, encontramos duas enumerações: primeiro, os itens que “o mordomo trouxera” (os jornais, semanários e revistas); segundo, as ações de Jacinto. Em ambas, ao invés de terminar com a substituição da vírgula ou do ponto e vírgula pela conjunção aditiva “e”, o autor optou pelo **assíndeto**, mantendo o sinal de pontuação.

5.2.20. Elipse

Temos a **elipse** com a *supressão de um termo da oração facilmente identificável sem que ele tenha aparecido anteriormente*. A elipse é bastante corriqueira em nossa linguagem.

Na oração “Comi todo o pão que estava sobre a mesa.”, por exemplo, ocorre elipse pela omissão do sujeito “eu”, *facilmente identificado* pela conjugação verbal.

Outro caso: “Sobre a mesa, nenhum prato de comida.” Aqui, houve a elipse do verbo “haver”, que pode ser deduzido através da análise dos demais elementos.

5.2.21. Zeugma

O **zeugma** é um tipo específico de elipse, caracterizado pela omissão de um termo da oração *que já havia sido expresso anteriormente*.

No exemplo “Enquanto a camisa azul está secando, uso a amarela.”, na segunda oração houve a omissão do substantivo “camisa” (notadamente para evitar a repetição do termo). Como a palavra já havia sido usada antes, estamos diante de um **zeugma**.

5.2.22. Silepse ou concordância irregular

Damos o nome de **silepse** para a figura de linguagem na qual *o termo da oração concorda com a ideia que se pretende transmitir, não com os termos expressos da oração*. Acompanhe as hipóteses abaixo:

- a) **Silepse de pessoa:** *quando o verbo não concorda com a pessoa expressa na oração*. Normalmente, ocorre quando o autor se inclui dentre as pessoas abrangidas pela ação verbal.

Texto XX

“(...) Assim, nos fomos dali, o médico, o pai da menina, nosso amigo e eu próprio; passamos a noite em minha casa. No dia seguinte, após o café da manhã, fomos todos juntos até o banco.”

(STEVENSON, Robert Louis. *O médico e o monstro*)

Perceba que, na última oração, o sujeito “todos” rege, formalmente, a terceira pessoa do plural, pelo que deveria estar escrito “todos foram”. Porém, o narrador se inclui dentre os presentes e, por isso, utiliza o verbo na primeira pessoa do plural (“nós”);

- b) **Silepse de número:** *quando o verbo não concorda em número com o sujeito da oração (sujeito no singular e verbo no plural ou vice-versa)*. Usualmente é verificada quando o substantivo indica uma coletividade, fazendo com que o verbo em concordância com a ideia coletiva transmitida, não pelas regras formais da gramática.

Texto XXI

“E desapareceu. Maanape tirou dez garrafas, abriu e veio vindo um aroma perfeito. Era o cauim famoso chamado quiânti. Então Maanape entrou na outra sala da adega. O gigante estava aí com a companheira, uma caapora velha sempre cachimbando que se chamava Ceiuci e era muito gulosa. Maanape deu as garrafas para Venceslau Pietro Pietra, um naco de fumo do Acará pra caapora e o casal esqueceram que havia mundo.”

(ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter)

- c) **Silepse de gênero:** *quando o gênero do adjetivo ou do artigo não concorda com o gênero (masculino ou feminino) do substantivo*. No mais das vezes, ocorre quando o adjetivo concorda com uma palavra subentendida.

Texto XXII

“Como uma procissão espectral que se move...
Dobra o sino... Solução um verso de Dirceu...
Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.”

(BILAC, Olavo. **Vila Rica**)

No exemplo acima, veja que o termo “Ouro Preto”, em si, é masculino, porém o artigo definido feminino singular “a” concorda com a palavra oculta “cidade”.

5.2.23. Anacoluto

Trata-se de figura de linguagem que *pretende representar a língua falada em sua rapidez e falhas de continuidade*. Há uma ruptura na coerência da mensagem, resultado da mudança abrupta do pensamento de quem fala. Em outras palavras, a personagem ou o narrador “muda de assunto” sem concluir o raciocínio anterior. Um dos indicativos de sua ocorrência é o uso das reticências.

Texto XXIII

“– Na nossa terra, no Pântano da Podridão, continuou o fogo-fátuo, hesitante, aconteceu uma coisa... uma coisa inacreditável... Ou melhor, ainda está para acontecer... é difícil explicar... Começou assim: a leste de nossa terra há um lago... ou melhor dizendo, havia... que se chamava Caldo Fervente. Tudo começou quando, certo dia, o lago Caldo Fervente desapareceu... pela manhã, não estava mais ali.”

(ENDE, Michael. **A história sem fim** – itálico no original)

6. DICAS FINAIS DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

6.1. Administre o tempo

Grandes autores de livros didáticos e professores de Língua Portuguesa ensinam que, para bem interpretar, é necessário ler o texto ao menos duas vezes. Essa recomendação, não obstante verdadeira em muitos aspectos, não se coaduna com a realidade do concurso público, durante o qual temos muitas questões para responder em pouco tempo.

Diante disso, adaptamos a dica para **administre seu tempo**. Antes de começar a responder a prova, passe os olhos e veja a quantidade e o tamanho dos textos e das questões de interpretação; em seguida, dedique-lhes tempo suficiente para ler com calma sem comprometer o restante da prova.

Como dissemos no início, interpretar textos é uma **habilidade** que pode ser treinada e melhorada com o tempo. Daí porque é fundamental o autoconhecimento e a autocrítica do candidato: se você tem mais facilidade na leitura, pode dedicar menos tempo para a prova de Português; se, ao contrário, você lê mais devagar, considere deixar um tempo maior para nossa disciplina.

Minha sugestão pessoal: *leia o texto inteiro uma vez*, com atenção. Em seguida, vá para as perguntas e analise se já é possível respondê-las. Se não for, releia **apenas o trecho a que se refere a pergunta** (normalmente nos textos de concursos as linhas estão numeradas para facilitar a localização).

6.2. Sublinhe as ideias mais importantes

Durante a primeira leitura, tente identificar em cada parágrafo do texto sua **ideia básica, fundamental**, aquilo que o autor quer transmitir naquele momento. Ao identificar a mensagem principal, **sublinhe-a** para facilitar a recuperação desse conhecimento caso seja questionado. Muitas questões de concursos são focadas nesses tópicos principais.

6.3. Interprete também as questões

É preciso lembrar que o enunciado e as alternativas das questões de interpretação **são também textos a serem interpretados**. Leia-as com atenção, destacando as palavras mais importantes e veja se elas concordam com as ideias expostas no texto principal. Tome especial cuidado com palavras **negativas**, como *incorreto, errado, não é verdadeiro* etc..

6.4. Identifique as “falsas questões de interpretação”

Vejo com cada vez mais frequência provas nas quais há questões que pretendem confundir o candidato, fazendo-o pensar que está diante de uma questão de interpretação, quando, na verdade, é uma pergunta de gramática. Isso acontece de várias formas, mas a mais comum é colocar um trecho do texto, ou indicar a linha onde aparece determinada palavra, e o candidato, na ânsia de responder, acaba relendo todo o parágrafo. Quando vai às alternativas, encontra regras de acentuação...

Perdeu-se, então, um tempo precioso. Para evitar isso, **leia, além do enunciado, também as alternativas** da questão antes de decidir como respondê-la. Com certeza você evitará releituras desnecessárias do texto e poderá passar mais rapidamente para a próxima questão ao dar conta de que os conhecimentos exigidos não se referem à interpretação.

PARTE II GRAMÁTICA

1. FONÉTICA

1.1. Sílabas

Chamamos de **sílabas** a *estrutura fonética expressada através de apenas uma emissão de voz*. Na estrutura da Língua Portuguesa, a sílaba é composta sempre por um **núcleo**, constituído de uma **vogal**, acompanhado de **semivogais** e/ou **consoantes**. Exemplo: bi-bli-o-te-ca.

Podemos classificar as palavras **quanto ao número de sílabas** em:

- Monossílabas:** aquelas que têm *uma única sílaba*. Exemplos: céu, pé;
- Dissílabas:** aquelas que têm *duas sílabas*, como ca-ma, pos-te;
- Trissílabas:** aquelas que têm *três sílabas*, caso de ca-va-lo, o-ri-gem;
- Polissílabas:** aquelas que têm *quatro ou mais sílabas*. Exemplos: gra-má-ti-ca, e-qui-pa-men-to.

1.2. Encontros vocálicos

1.2.1. Conceito

Os **encontros vocálicos** ocorrem nas palavras *onde vislumbramos duas ou mais vogais unidas*.

1.2.2. Espécies

Existem três espécies de encontros vocálicos:

- Ditongo:** *quando temos duas vogais juntas na mesma sílaba*. Na verdade, uma delas tem o valor **fonético** de semivogal e *ambas são pronunciadas* (veja a diferença em relação ao **dígrafo** logo abaixo!). Exemplos: quan-do, bri-o. Os ditongos subdividem-se em:
 - Ditongos crescentes:** *quando a semivogal vem antes da vogal*. Exemplos: gló-ria, a-qua-so;
 - Ditongos decrescentes:** *quando a semivogal é colocada depois da vogal*. Exemplos: azu-ís, her-ói;
- Tritongo:** *quando temos três vogais juntas na mesma sílaba*. Na verdade, duas delas têm o valor **fonético** de semivogais. Exemplos: Pa-ra-guai, U-ru-guai;
- Hiato:** *quando temos duas vogais juntas em sílabas separadas*. Aqui, efetivamente, cada uma tem o valor **fonético** de vogal. Exemplos: ra-i-nha, be-a-to.

1.3. Encontros consonantais

Chamam-se **encontros consonantais** as *junções de duas ou mais consoantes ao longo da palavra*, tendo, **ambas**, valor **fonético**. É o que ocorre em *livro, prosa, blusa, digno, substância*.

1.4. Dígrafo

O **dígrafo** não se confunde com o encontro consonantal. Ocorre **dígrafo** nas palavras *nas quais duas letras são utilizadas para a representação de um só fonema*, ou seja, uma dessas letras não é pronunciada (chamada de **letra diacrítica**).

Os dígrafos se dividem em:

- a) **Consonantais:** *quando é formado pela inserção da letra diacrítica após uma consoante.* São os casos de *rr* (carro), *ss* (pássaro), *sc* (crescer), *sç* (cresça), *xc* (exceção), *xs* (exsurgir), *ch* (chama), *lh* (calha), *nh* (manha), *qu* (quero) e *gu* (gueixa). Note que os dois últimos casos (“qu” e “gu”) representam dígrafos *apenas quando a letra “u” não tiver valor fonético, isto é, não for pronunciada.* Caso contrário (se pronunciarmos o “u” – como em “água”), estaremos diante de um encontro vocálico (em nosso exemplo, um ditongo crescente);
- b) **Vocálicos ou nasais:** *quando é formado pela inserção da letra diacrítica após uma vogal.* Nessas hipóteses, funcionam como letras diacríticas as consoantes “m” e “n”. Exemplos: santo (/sãto/), pomba (/põba/).

1.5. A letra “h”

É muito comum ouvirmos que, na Língua Portuguesa, a letra “h” é *muda*. Em termos mais técnicos, isso significa que ela, sozinha, **não representa qualquer fonema, não tem valor fonético.** Sua função é formar dígrafos (é uma letra diacrítica), **exceto** quando aparecer no início da palavra por razões etimológicas.

Isso porque os dígrafos vocálicos são aqueles em que a letra diacrítica é colocada para formar um fonema nasal. Logo, como ensina Evanildo Bechara (In **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p. 567), não há dígrafo em “hora”. Apesar de termos duas letras formando um só fonema (/ora/), não se trata de uma nasalização da vogal “o”. Vale o mesmo para os exemplos: haras, hotel, helicóptero.

2. ORTOGRAFIA

2.1. Conceito

Etimologicamente, **ortografia** vem da junção de duas palavras gregas: *ortho*, correto, certo; e *graphein*, escrever, escrita. Portanto, a **ortografia** é o *ramo da Língua Portuguesa que estuda e apresenta a forma correta de escrever as palavras*, consideradas as letras e os sinais gráficos (acentos, hífen, til etc.) utilizados.

2.2. Bases normativas

Dizemos que a ortografia é um **sistema convencional**, porque decorre de *um acordo entre os países que utilizam a mesma língua*. Ainda que em cada lugar possam ser adotadas pronúncias diferentes para a mesma palavra, a forma de escrevê-la será igual em todos eles.

Para os países lusófonos (*falantes da Língua Portuguesa*) devem ser observadas as **Bases do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**, assinado em 1990 por Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Além do tratado internacional, temos também como fonte primária da ortografia o **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP**, editado pela Academia Brasileira de Letras, que é um compêndio de todas as palavras da nossa língua com a forma correta de escrevê-las. Faz bem saber que ele está disponível para consulta na Internet (<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>). Sempre que surgir uma dúvida sobre a ortografia de uma palavra, é só consultá-lo. Vale também qualquer bom dicionário. A vantagem do VOLP é que ele é o repositório oficial da Língua Portuguesa. Os dicionários, por sua vez, podem apresentar algumas discrepâncias de acordo com a opinião de seu autor.

2.3. Como estudar ortografia?

2.3.1. Leitura é fundamental

Para saber escrever corretamente as palavras, é necessário conhecê-las previamente. A maior dificuldade dos candidatos quando enfrentam questões de ortografia reside justamente em nunca ter lido determinada palavra que é cobrada na alternativa.

Ou seja, dominar a ortografia é decorrência de possuir um bom vocabulário. Construí-lo leva tempo, mas a melhor forma de fazê-lo é *lendo*. A bem da verdade, não há outro caminho. A leitura permite que você tome contato com uma série de palavras ao mesmo tempo e, assim, enriqueça sua linguagem.

A boa notícia é que *a leitura de qualquer texto é útil nesse exercício*, desde que, é óbvio, ele esteja bem escrito. Insira em seus hábitos a leitura de tipos diferentes de textos: livros, poesias, notícias sobre temas variados. Mas lembre-se de tudo o que falamos na Parte I sobre **leitura ativa!** Ao encontrar uma palavra que não conhece, escreva-a três vezes em um papel separado e vá ao dicionário procurar seu significado. Com essa rotina, além de aumentar sua cultura geral, você estará memorizando a grafia correta de uma série de vocábulos que podem ser úteis na hora da prova.

2.3.2. Quadro de palavras

Contudo, para emergências, use o quadro abaixo para consultas. Nele, elencamos algumas palavras mais eruditas e pouco utilizadas hoje em dia (e outras bastante usuais, mas que são frequentemente escritas erroneamente por aí!) em sua grafia correta. Leia-o com atenção e já marque aquelas que você nunca tinha visto ou descobriu que escrevia em desacordo com a ortografia:

abscesso	açafrão	açambarcar
adolescente	afã	aguarrás
algema	aliás	almoxarifado
ansioso	apesar	apoteose
ascensão	assaz	atarraxar
atrás	berinjela	bílis
bochecha	broxa	bruxa
bucha	bugiganga	buzina
cenho	cerejeira	chacina
chorume	coaxar	comissão
concessão	conciso	coxa
crioulo	cuscuз	descendência
destreza	discente	disenteria
docente	enseada	enxada
enxugar	enxuto	escusar
esdrúxulo	esplêndido	estender
estrangeiro	exação	exalar
exasperar	exceção	excitar
expurgo	exsurgir	extensão
extraordinário	farsa	fascículo
foz	frenesi	fuligem
granizo	guizo	hirto
Iguaçu	infelizmente	jeito
jejum	jiló	jocoso
lagartixa	lêndea	lixo
majestade	mendigo	mercearia
mexer	miçanga	misto
monge	muçarela	murchar
muxoxo	nascimento	nicho
obsessão	ogiva	pança
piscina	pretexto	puxar
quesito	quis (verbo “querer”)	revés
sarjeta	sexo	sigilo
siso	sobrancelha	suscetível
tigela	titubear	tocha
tremoço	trincheira	viagem
xícara	xilogravura	xingar

Há palavras, por seu turno, que *aceitam duas grafias como corretas*. É bom saber que tanto faz escrever:

aluguel	aluguer
assobiar	assoviar
caminhão	camião
cociente	quociente
espuma	escuma
flecha	frecha
germe	gérmen
louro	loiro
quatorze	catorze
quota	cota
quotidiano	cotidiano

2.3.3. Algumas regras

Pode não parecer, mas grande parte das definições de ortografia, como as hipóteses em que se usa o “x” com som de “s” ao invés do próprio “s” ou “ss”, tem uma razão de ser, uma justificativa (normalmente de cunho etimológico, ligada à origem da palavra).

Não há espaço e não é o foco desse livro elencar tais regras, seja pelo seu grande número, seja pela sua complexidade ou pela existência de inúmeras exceções.

Não obstante, há algumas normas simples que, uma vez incorporadas ao nosso conhecimento, facilitam bastante a resolução de questões sobre ortografia. Vamos a elas:

a) Utiliza-se letra maiúscula:

- a1) **em início de período** (“Ontem não fui à aula.”);
- a2) **após reticências** (“Não sei... Talvez eu vá ao cinema.”);
- a3) **em substantivos próprios** (José, Rua Augusta, Idade Média);
- a4) **em nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas** (Igreja, Nação, Estado), **desde que em sentido abstrato**;
- a5) **em nomes que designam artes, ciências ou disciplinas** (Direito, Matemática, Língua Portuguesa);
- a6) **em nomes que designam altas autoridades** (Presidente da República, Ministro de Estado, Papa);
- a7) **pronomes pessoais de tratamento** (Senhor, Vossa Excelência, Vossa Magnificência);

b) O som do “s” em palavras de origem indígena é feito pelo “ç”. Exemplos: açaí, Iguaçu, uruçu, Paiçandu;

- c) **Palavras de origem indígena, africana ou árabe** são escritas com “j” e não com “g”. Exemplos: Moji-mirim, Moji-guaçu (apesar do nome oficial das cidades, conforme as leis municipais respectivas, ser grafado com “g”), pajé, jenipapo, jiló, canjica;

- d) **Palavras estrangeiras que contenham o dígrafo “sh”, ao serem incorporadas ao Português, devem ser escritas com “x”.** Exemplo: xampu, xerife, xelim;
- e) **As letras “w”, “k” e “y”, apesar de oficialmente incorporadas ao nosso alfabeto, são utilizadas somente em palavras e nomes estrangeiros e seus derivados.** Exemplos: watt, kart, playboy, darwinismo, wagneriano, Kuwait, kuwaitiano;
- f) **Atenção para não confundir locuções (grupos de palavras com um único sentido) com palavras únicas. Lembre-se:** de repente, em cima, embaixo, à frente, atrás;
- g) **Os dígrafos “rr” e “ss” ocorrem apenas entre vogais, nunca antes ou depois de consoantes;**
- h) **Antes de “p” e “b” utiliza-se “m”; antes das demais letras utiliza-se “n”.** *Exceções: Comte, comtista;*
- i) **Não se usa “ch” depois de “n”.** Exemplos: enxuto, enxaqueca. *Exceções: encher (e derivados), anchova e anteposição do prefixo “en-” em palavras que já começam com “ch” – como em encharcar (originada de charco);*
- j) **Não se usa “ch”, “z” e “ss” depois de ditongo.** Exemplos: lousa, gueixa, afeição. *Exceções: caucho (e derivados – recauchutar, recauchutagem) e diminutivos que usam o “z” como consoante de ligação (papezinhos, fiezinhos).*

2.4. Homonímia e paronímia

Dá-se o nome de **homônimas** a palavras que *possuem a mesma grafia e/ou a mesma pronúncia*. Os homônimos subdividem-se, portanto, em:

- a) **Homófonos:** *possuem a mesma pronúncia, mas grafias diferentes.* Exemplo: sela (do cavalo) e cela (da prisão);
- b) **Homógrafos:** *possuem a mesma grafia, mas pronúncias diferentes.* Exemplo: sede (com o primeiro “e” fechado – vontade de tomar água) e sede (com o primeiro “e” aberto – matriz, estabelecimento principal de uma empresa);
- c) **Perfeitos:** *possuem a mesma pronúncia e a mesma grafia.* Exemplo: são (conjugação do verbo “ser”) e são (sadio, forte).

Parônimas, por sua vez, são *palavras de grafia parecida*, cuja semelhança pode causar confusão no receptor da mensagem. São parônimas, por exemplo, as palavras “eminente” (importante, destacado) e “imminente” (algo que está prestes a acontecer).

Para servir de guia, use o quadro abaixo com as palavras homônimas e parônimas que causam maiores dificuldades e não erre mais:

afiar (a faca)	afear (tornar feio)
ária (tipo de música)	área (espaço)
assento (lugar onde se senta; registro)	acento (sinal gráfico)
besta (com “e” fechado – animal)	besta (com “e” aberto – tipo de arma)
cassar (anular)	caçar (abater animais)
censo (pesquisa)	senso (noção, percepção)
cervo (animal – pronuncia-se “cêrvo”)	servo (escravo – pronuncia-se “sérvo”)
chá (tipo de bebida)	xá (título religioso)
cheque (documento bancário)	xeque (jogada do xadrez)
cidra (fruto da cidreira)	sidra (tipo de bebida)
comprimento (medida)	cumprimento (saudação)
concerto (de música)	conserto (daquilo que estava quebrado)
coser (costurar)	cozer (cozinhar)
deferir (autorizar)	diferir (postergar, adiar)
descrição (relato)	discrissão (cautela)
discriminar (deixar de ser crime)	discriminar (detalhar; segregar)
despensa (onde se guarda alimentos)	dispensa (liberar de obrigação)
eminente (importante)	imminente (o que está para acontecer)
extrato (da conta bancária)	estrato (camada)
insipiente (ignorante)	incipiente (inicial)
mandado (ordem)	mandato (tempo de gestão; procuração)
peão (de boiadeiro)	pião (brinquedo)
possa (conjugação do verbo “poder”)	poça (d’água)
russo (relativo à Rússia)	ruço (esgarçado, gasto)
seção (parte, setor)	sessão (reunião)
taxar (aplicar taxa, tributar)	tachar (criticar)

2.5. Uso de expressões e palavras homônimas

2.5.1. Abaixo x A baixo

- a) **Abaixo** = advérbio de lugar (é sinônimo de “embaixo”). Exemplo: “abaixo do tenente, está o sargento”;
- b) **A baixo** = opõe-se a “de alto”. Exemplo: “observou a mulher de alto a baixo”.

2.5.2. Acerca de x A cerca de x Há cerca de x Cerca de

- a) **Acerca de** = “sobre”; “a respeito de”. Exemplo: “fale-me acerca daquele assunto”;
- b) **A cerca de** = transmite a noção de distância. Exemplo: “o menino postou-se a cerca de cem metros”;
- c) **Há cerca de** = transmite a noção de tempo. Exemplo: “concluí o ensino superior há cerca de dez anos”;
- d) **Cerca de** = sinônimo de “durante”, “aproximadamente”. Exemplo: “estive viajando cerca de 15 dias”.

2.5.3. Acima x A cima

- a) **Acima** = indica posição superior, seja de algo concreto ou de um valor abstrato. Exemplos: “o armário está logo acima de sua cabeça”; “nada está acima da ética!”;
- b) **A cima** = opõe-se a “de baixo”. Exemplo: “o vestido rasgou de baixo a cima”.

2.5.4. Afim de x A fim de

- a) **Afim de** = “parecido”; “semelhante”; transmite a noção de afinidade, proximidade entre duas pessoas ou coisas. Exemplos: “estou afim daquela menina” (linguagem coloquial); “sogro e genro são afins em linha reta” (linguagem jurídica);
- b) **A fim de** = “com o intuito de”; indica um propósito, um objetivo. Exemplo: “escrevo um relatório a fim de apresentá-lo à diretoria durante a reunião”.

2.5.5. Abaixo-assinado x Abaixo assinado

- a) **Abaixo-assinado** = documento. Exemplo: “por favor, leia nosso abaixo-assinado”;
- b) **Abaixo assinado** = quem assina embaixo. Exemplo: “os advogados abaixo assinados requerem a soltura do réu”.

2.5.6. Demais x De mais

- a) **Demais** = tem valor de pronome indefinido (sinônimo de “os outros”) ou de advérbio de intensidade (sinônimo de “excessivamente”). Exemplos: “onde estão os demais colegas?”; “ele come demais!”;

- b) **De mais** = locução adjetiva (tem valor de adjetivo) sinônima de “muito”, oposta a “de menos”. Exemplo: “bebi cerveja de mais”.

2.5.7. Por que x Por quê x Porque x Porquê

- a) **Por que** = locução sinônima a “por qual razão”. É usada nas orações interrogativas e sempre que puder ser substituída pela correlata indicada. Exemplo: “por que você não foi ao meu aniversário?”; “agora você saberá por que faltei à aula ontem”;
- b) **Por quê** = tem exatamente o mesmo valor de “por que”. O acento deve ser colocado quando a expressão ocorrer no fim da frase ou logo antes de uma pausa (vírgula, ponto e vírgula ou dois-pontos). Exemplos: “você não foi ao meu aniversário por quê?”; “antes de explicar por quê, sente-se”;
- c) **Porque** = é uma *conjunção explicativa*, ou seja, une duas orações nas quais a segunda expõe os motivos, as causas, da primeira. Exemplos: “não fui ao seu aniversário porque estava doente”; “estive em São Paulo porque precisava fazer compras”;
- d) **Porquê** = é um *substantivo* (sinônimo de “motivo”, “razão”). Normalmente é usado antecedido do artigo definido “o(s)” e pode ser passado para o plural. Exemplo: “quero saber o porquê de sua teimosia”; “posso elencar uma série de porquês para a derrota”.

2.5.8. Senão x Se não

- a) **Senão** = conjunção equivalente a “caso contrário”. Exemplo: “você deve estudar, senão não passará de ano”;
- b) **Se não** = sinônimo de “caso não”. Exemplo: “se não estudar, não passará”.

2.5.9. Expressões que demandam cuidado

- a) **Em vez de x Ao invés de**: “**em vez de**” equivale a “no lugar de”. Exemplo: “em vez de estudar, preferiu sair com amigos”. **Ao invés de** é igual a “ao contrário de”. Exemplo: “ao invés de fechar a janela, abriu-a mais”;
- b) **Ao nível de x Em nível de**: “**a nível de**” expressa que duas coisas estão na mesma altura. Exemplo: “Santos fica ao nível do mar”. “**Em nível de**” exprime uma relação de hierarquia. Exemplo: “essa questão deve ser debatida em nível de Presidência da República”;
- c) **Ao encontro de x De encontro a**: “**ao encontro de**” reflete uma proximidade, uma correlação entre dois termos. Exemplo: “minhas ideias vão ao encontro das suas” (ou seja, são semelhantes). “**De encontro a**” tem sentido inverso, denota uma contrariedade. Exemplo: “minhas propostas vão de encontro às suas” (ou seja, são antagônicas, divergentes);

d) **Em princípio x A princípio:** “em princípio” equivale a “em geral”. Exemplo: “em princípio, não me oponho às privatizações”. “A princípio” tem o mesmo valor de “no início”. Exemplo: “a princípio, bastava escrever algumas linhas; agora, exigem um longo texto”.

2.6. Uso do hífen

2.6.1. Na redação

- a) **Separação de sílabas:** ao redigir um texto, o hífen serve para separar as sílabas de uma palavra que tiverem de ficar em linhas diferentes. Se a linha terminar justamente no momento em que se usaria o hífen por qualquer razão, devemos repeti-lo na linha de baixo. Exemplo:
sirva-se (*final da linha*)
- b) **Mesóclise e ênclise:** quando o pronome for colocado “dentro” (mesóclise) ou após o verbo (ênclise), deve ser desse separado com hífen (voltaremos a esse assunto no item 5). Exemplo: “afastá-la-ei de minha vida”; “preciso vendê-la”.

2.6.2. Na ortografia

Podemos identificar duas hipóteses nas quais a presença ou ausência do hífen torna a grafia da palavra certa ou errada, com regras bastante específicas para cada uma delas. Trata-se das **palavras compostas** e dos **prefixos**.

O problema é que muitas pessoas confundem esses dois conceitos e acabam por utilizar as regras de hifenização própria dos prefixos nas palavras compostas. Resultado: erro de ortografia!

Lembre-se: **palavras compostas são substantivos únicos formados a partir de dois outros termos, os quais também existem individualmente.** Podem seguir as fórmulas “substantivo + substantivo” (exemplo: hotel-escola); “adjetivo + substantivo” ou “substantivo + adjetivo” (exemplos: puro-sangue, amor-perfeito); “verbo + substantivo” (exemplo: guarda-roupa); ou “verbo + verbo” (exemplo: pegue-pague).

Já os **prefixos são anexados ao substantivo original para alterar-lhe o sentido.** O sufixo, sozinho, não pode aparecer. São exemplos: “pré-” (pré-escola), “sub-” (submundo), “vice-” (vice-presidente), “super-” (supermercado) etc..

Acompanhem, então, as regras de uso do hífen em cada caso.

2.6.2.1. Palavras compostas

O Novo Acordo Ortográfico trouxe várias mudanças nesse ponto. A partir dele, temos que:

- a) **Palavras compostas de dois termos** são hifenizadas: como ocorre em guarda-roupa, porta-malas, guarda-sol, beija-flor, dois-pontos etc.;

- b) **Palavras compostas de três termos** não são hifenizadas: como vemos em pé de moleque, fim de semana, dia a dia, ponto de interrogação etc.. **Exceção:** nomes de *plantas e animais continuam a ser grafados com hífen*, portanto temos João-de-barro, cana-de-açúcar;
- c) **Palavras compostas que perderam a noção de composição** não são hifenizadas: o que ocorreu em girassol, pontapé, paraquedas etc.. Há bastante divergência nesse ponto, porque o Novo Acordo Ortográfico não traz nenhum parâmetro do que seria a “perda da noção de composição”. Assim, há autores que defendem, ainda, a grafia “para-quedas”, por exemplo.

2.6.2.2. Prefixos

O Novo Acordo Ortográfico estabeleceu as seguintes regras para o uso do hífen em palavras formadas com prefixos:

- a) **Usa-se o hífen com os prefixos “vice-”, “ex-”, “sem-”, “além-”, “aquém-”, “recém-”, “pós-”, “pré-” e “pró-” em todas as hipóteses, sem exceção.** Exemplo: vice-rei, vice-presidente, ex-atleta, ex-ministro, sem-terra, além-túmulo, aquém-mar, recém-chegado, pós-graduação, pré-projeto, pró-memória;
- b) **Usa-se o hífen em palavras iniciadas com a letra “h”.** Exemplos: anti-higiênico, sobre-humano, super-herói. **Atenção!** Com o prefixo “sub-”, é **facultativo** o hífen, *suprimindo o “h” da palavra original:* sub-humano ou subumano (que também se pronuncia “sub-humano”). **Redobre a atenção!** Com o prefixo “co-” temos uma **exceção**, porque **obrigatoriamente suprimiremos o “h” e não usaremos hífen:** coerdeiro, coabitar;
- c) **Usa-se o hífen quando o prefixo terminar em vogal e a palavra começar com a mesma vogal.** Exemplos: micro-organismo, infra-assinado, contra-ataque. **Exceção:** os prefixos “co-” e “re-” *aglutinam-se sempre com a palavra, mesmo que iniciada com a vogal “o” ou “e”, como vemos em cooperar, cooptar, coobrigação, reencarnar, reerguer;*
- d) **Não se usa o hífen quando o prefixo terminar em vogal e a palavra começar com vogal diferente.** Exemplos: aeroespacial, plurianual, semianalfabeto;
- e) **Não se usa o hífen quando o prefixo terminar em vogal e a palavra começar com consoante.** Caso a palavra comece com “r” ou “s”, essa letra deverá ser duplicada (“rr” ou “ss”). Exemplos: anteprojeto, semicírculo, microcosmos, microssistema, antirrábica, minissaia, contrassenso;
- f) **Usa-se o hífen quando o prefixo terminar em consoante e a palavra começar com a mesma consoante.** Exemplos: super-rápido, inter-racial;
- g) **Usa-se o hífen com os prefixos “circum-” e “pan-” se a palavra começar com “m”, “n” ou vogal.** Nos demais casos, não há hífen. Exemplos: circum-navegação, pan-americano, circumperegrinar, pancosmismo;

- h) Não se usa o hífen quando o **prefixo terminar em consoante** e a **palavra começar com consoante diferente**. Exemplos: supermercado, hiperproteção. *Exceção: com os prefixos “ab-” e “sub-”, usa-se o hífen antes de palavra iniciada por “r”, como vemos em ab-rogar, sub-raça;*
- i) Não se usa o hífen quando o **prefixo terminar em consoante** e a **palavra começar com vogal**. Exemplos: subárea, interestadual, superinteressante.

2.7. Acentuação gráfica

2.7.1. Prosódia

Ao pronunciarmos uma palavra, é fácil perceber que uma das sílabas é pronunciada com mais ênfase, com mais destaque, enquanto as demais são articuladas de forma mais branda. Dizemos, então, que toda palavra tem uma **sílaba tônica** (forte) e outras **sílabas átonas** (fracas). O ramo da fonética que estuda essa relação chama-se **prosódia** e, nesse aspecto, as palavras são classificadas em:

- a) **Oxítonas:** *aquelas cuja sílaba tônica é a última*. Exemplos: ca-fé, sa-bi-á, A-ma-pá;
- b) **Paroxítonas:** *aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima*. Exemplos: lá-pis, pe-dra, sa-bi-a, ar-má-rio;
- c) **Proparoxítonas:** *aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima*. Exemplos: ár-vo-re, xí-ca-ra, sá-ba-do.

Já os monossílabos não se enquadram nesses conceitos, justamente por terem uma única sílaba. Por isso, são divididos apenas entre **monossílabos tônicos** (céu, pé, ás [substantivo]) e **monossílabos átonos** (lhe, de [preposição], as [artigo]).

No campo da ortografia, a prosódia tem uma consequência importante. Conforme as convenções adotadas, a sílaba tônica pode ou não receber um sinal gráfico, denominado **acento**, que indica seu destaque na pronúncia da palavra. Outro ponto de destaque: ao usarmos palavras latinas, *qualquer que seja sua prosódia, não devemos usar o acento*, porque tal convenção não era conhecida no latim, e devemos grafá-las em *itálico* ou entre aspas, **exceto se as palavras já foram incorporadas ao nosso idioma e usarmos sua forma aportuguesada**. Exemplos: *habitat* (é proparoxítona), *venia* (é paroxítona), *quorum* (é paroxítona); por outro lado, escreve-se fórum, vênia.

Na Língua Portuguesa, os acentos *que indicam tonicidade da sílaba são o acento agudo* (som aberto) e o **acento circunflexo** (som fechado) e apenas as vogais podem recebê-los. Há outros sinais gráficos com funções distintas, conforme veremos.

Abaixo, lançamos algumas palavras que costumam gerar dificuldades na prosódia.

2.7.1.1. São oxítonas as palavras

cateter	condor	hangar
harém	masseter	mister
Nobel	novel	recém
refém	ruim	sutil

2.7.1.2. São paroxítonas as palavras

acórdão	avaro	aziago
clímax	decano	dúctil
exegese	filantropo	fluido
fórceps	fortuito	gratuito
ibero	látex	misanthropo
necropsia	nenúfar	pudico

2.7.1.3. São proparoxítonas as palavras

ágape	álibi	amálgama
ariete	arquétipo	bávaro
cizânia	crisântemo	écloga
édito	égide	ímprobo
íncrito	ínterim	leucócito
protótipo	réquiem	vândalo

2.7.1.4. Palavras que admitem dupla prosódia

acrobata	acróbata
alopata	alópata
autopsia	autópsia
biopsia	biópsia
hieroglifo	hieróglifo
ortoepia	ortóepia
oximoro	oxímoro
projétil	projéttil
reptil	réptil
soror	sóror
zangão	zângão

2.7.2. Regras de acentuação

2.7.2.1. Palavras proparoxítonas

Todas as proparoxítonas são acentuadas. Exemplos: ár-vo-re, pro-pa-ro-xí-to-na, cân-ti-co, ju-rás-si-co.

É a regra de acentuação mais fácil de nossa Língua. Não comporta nenhum caso especial ou exceção.

2.7.2.2. Palavras paroxítonas

- a) **Regra geral 1:** *não* são acentuadas as paroxítonas terminadas em **o(s), a(s), e(s)**. Exemplos: ca-dei-ra, ma-cha-do, fi-am-bre;
- b) **Regra geral 2:** são acentuadas as paroxítonas terminadas em **i(s), us, r, l, x, n, um(ns), ão(s), ã(s), ps, om(ns)**. Exemplos: jú-ri, lá-pis, bô-nus, ca-rá-ter, fá-cil, cór-tex, hí-fen, pó-len (**mas não o plural: hi-fens, po-lens**), ál-bum, mé-diuns, ór-fão, a-cór-dãos, í-mã, ór-fãs, bí-ce-ps, rá-dom, pró-tons;
- c) **Hiato:** *são acentuados o i(s) e o u(s) tônicos quando forem a segunda vogal de um hiato e estiverem sozinhas na sílaba*. Exemplos: sa-í-da, fa-ís-ca, gra-ú-do, ba-la-ús-tre.

Exceções: *não* serão acentuados se estiverem **depois de ditongo ou antes de “nh”**. Exemplos: fei-u-ra, cau-i-la, ra-i-nha, mo-i-nho.

2.7.2.3. Palavras oxítonas

- a) **Regra geral:** são acentuadas as palavras oxítonas terminadas em **o(s), a(s), e(s)**. Exemplos: Mos-so-ró, A-ma-pá, Gua-xu-pé;
- b) **Ditongos:** *são acentuadas as oxítonas terminadas em ditongo aberto seguido ou não de “s”*. Exemplos: he-rói (mas he-roi-co, porque essa é paroxítona), quar-téis, tro-féu;
- c) **Hiato:** *são acentuados o i(s) e o u(s) tônicos quando forem a segunda vogal de um hiato e estiverem sozinhas na sílaba, mesmo que precedidas de ditongo*. Exemplos: Pi-au-í, Gra-ja-ú, tui-ui-ús;
- d) **Verbos com pronome enclítico:** quando, segundo as regras de colocação pronominal, o pronome estiver depois do verbo (ênclise), normalmente este apresenta uma pequena adaptação em sua ortografia por questões fonéticas. Nesses casos, o verbo deve ser considerado uma palavra autônoma **do jeito que está escrito**, ignorando-se o pronome, para verificarmos se é caso de acentuação. Exemplos: “vou ajudá-lo” (“a-ju-dá” é oxítona terminada em “á”, portanto leva acento); “devo adverti-lo” (“ad-ver-ti” é oxítona terminada em “i”, portanto não leva acento).

2.7.2.4. Monossílabos

- a) **Monossílabos tônicos:** *seguem as regras de acentuação das oxítonas*. Exemplos: pó, pá, pé, céu, mi (nota musical), nu;
- b) **Monossílabos átonos:** *não* são acentuados. Vale destacar que a caracterização de um monossílabo como tônico ou átono depende de seu uso na frase, porque isso implicará na entonação que lhe é dada. Veja: de (preposição → átono); dê (verbo → tônico); as (artigo → átono); ás (substantivo → tônico).

2.7.2.5. Novo Acordo Ortográfico

Atenção! Desde a vigência do Novo Acordo Ortográfico, várias palavras que antes eram acentuadas deixaram de ser. Vejamos:

- a) **Não levam acento os ditongos abertos das palavras paroxítonas**, ou seja, i-dei-a, he-roi-co, as-sem-blei-a *não são acentuadas*;
- b) **Não levam acento as letras duplicadas**, ou seja, vo-o, zo-o, le-em (conjugação do verbo “ler”), de-em (conjugação do verbo “dar”), en-jo-o *não são acentuadas*.

Mas, **cuidado!** Quando essas letras se aglutinaram em uma só, **deverão ser acentuadas**. É o que ocorre em *têm* (conjugação da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo “ter”) e *vêm* (conjugação da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo “vir”).

Redobre a atenção: *vêm* é conjugação do verbo “vir” e *não* do verbo “ver”, que se conjuga, na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, como *ve-em* (e, portanto, não leva acento, conforme a regra enunciada);

- c) **Não existe mais o acento diferencial**, ou seja, “pa-ra” (do verbo “parar”) não leva mais acento para diferenciar-se de “pa-ra” (preposição); “pe-ra” (fruta) não leva mais acento para diferenciar-se de “pe-ra” (preposição + artigo).

Exceções: mantém-se o acento diferencial **obrigatoriamente** em “pôr” (verbo) para afastá-lo de “por” (preposição) e “pôde” (conjugação da 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo “poder” – timbre fechado) para distanciá-lo de “pode” (conjugação da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo “poder” – timbre aberto); e **facultativamente** utiliza-se o acento diferencial em “fôrma” (de bolo – timbre fechado) para destacá-la de “forma” (maneira de fazer – timbre aberto).

2.7.3. Outros sinais gráficos

Como mencionado anteriormente, a Língua Portuguesa lança mão de outros sinais gráficos *cujas funções não é destacar a sílaba tônica das palavras*, mas sim anotar *outros detalhes ligados a sua pronúncia ou à própria ortografia*. Vamos a eles:

- a) **Acento grave (´):** *indica a ocorrência da crase, fenômeno que decorre da aglutinação de dois fonemas vocálicos “ã”*. Dada sua importância, será analisado separadamente no tópico seguinte;
- b) **Trema (¨):** *indicava a pronúncia do “u” átono nas construções “gue”, “gui”, “que” e “qui”*. Desde o Novo Acordo Ortográfico, porém, *ele perdeu essa função!* Atualmente, é usado apenas em nomes estrangeiros e seus derivados. Exemplos: Müller, mülleriano, linguíça (pronuncia-se o “u”), aquífero (pronuncia-se o “u”);

2.7.4. Crase

2.7.4.1. Conceito

Chama-se **crase** o fenômeno fonético de aglutinação de duas vogais iguais em um só fonema. O termo designa qualquer situação de reunião de dois fonemas vocálicos, contudo os principais casos referem-se ao fonema /a/.

2.7.4.2. Representação

Quando ocorrer crase em relação ao fonema /a/, ela é designada através do **acento grave** (`) sobre a vogal. Exemplos: àquela; à.

Portanto, é incorreto dizer que, em determinada situação, “o ‘a’ tem crase”. **Crase** é o fenômeno fonético; **acento grave** é a sua forma de representação. Deve-se dizer que “*ocorre a crase*” ou “*o ‘a’ tem acento grave indicativo da crase*”.

2.7.4.3. Hipóteses gerais

Genericamente, podemos apontar duas situações onde ocorre crase:

- Na aglutinação da preposição “a” com o artigo definido “a(s)” ou com o fonema inicial dos pronomes “aquele(s)”, “aquela(s)”, “aquilo”.** Exemplos: “fui à cidade”; “refiro-me àquele homem”;
- Como acento diferencial em locuções adverbiais formadas pela preposição “a” e substantivo feminino singular.** Exemplos: à força, à míngua, à distância, à noite.

2.7.4.4. Casos específicos

Passemos à análise de cada caso específico em que *deveremos* usar o acento grave indicativo da crase, ou seja, suas **ocorrências obrigatórias**:

- Preposição “a” + artigo definido feminino “a”:** *ocorrerá crase quando o verbo utilizado reger a preposição “a” e esta for seguida de palavra feminina acompanhada do artigo definido “a”.* Exemplos: “refiro-me à mulher que passou por nós”; “solicitei informações à diretora da escola”.

Para identificarmos se é caso de crase, *basta substituírmos a palavra feminina por uma palavra masculina.* Se da transformação resultar “ao” (a+o), significa que existem na oração a preposição e o artigo, logo há crase. Exemplo: “refiro-me ao homem que passou por nós”; “refiro-me à mulher que passou por nós”.

Por outro lado, se após a substituição a frase for formada apenas com “a”, significa que o termo posterior **não** está acompanhado de artigo; se for formado apenas com “o”, significa que o verbo **não** rege preposição “a”, portanto **não** há crase em nenhum dos dois casos. Exemplo: “requisitamos o material”; “requisitamos as caixas”; “só falava a homens de bom senso”; “só falava a mulheres de bom senso”.

Atenção! A palavra feminina pode, por vezes, estar oculta (hipótese de elipse). Mesmo assim, deveremos usar a crase: “dirigi-me à Ayrton Senna” (à rodovia Ayrton Senna);

- Preposição “a” + pronomes demonstrativos “aquele(s)”, “aquela(s)” ou “aquilo”:** *nesse caso, a preposição aglutina-se com o fonema inicial do pronome.* Exemplo: “quanto àquela casa, quero que a destrua”; “diga isso àquele senhor”;
- Preposição “a” + pronome relativo “a(s) qual(is)”:** na hipótese do verbo reger a preposição “a”, ocorrerá crase com a locução pronominal “a qual”. Veja: “minha mulher, à qual sempre recorri em situações difíceis, estava mais uma vez ao meu lado”. Note que substituindo a palavra “mulher” por outra masculina (“meu marido”, por exemplo), teremos “ao qual” – o que confirma a ocorrência da crase;
- Preposição “a” + nomes de lugares que exigem o artigo definido “a”:** quando estamos diante de topônimos (nomes de lugares) femininos, é necessário verificar se eles são obrigatoriamente antecidos do artigo definido. Caso positivo, há crase. Exemplos: “fui à Itália”; “fui a Paris”.

Para verificar a necessidade do acento grave, a dica é *substituir o verbo por “voltar” ou “vir”, que regem a preposição “de”.* Se da transformação resultar “da” (de+a), é porque ocorre crase com o verbo “ir” ou “chegar”. Se, mesmo assim, aparecer somente o “de”, é porque não existe a crase. Veja só: “voltei da Itália”; “fui à Itália”; “voltei de Paris”; “fui a Paris”.

A rima abaixo vai ajudá-lo a memorizar essa regra:

“Fui ‘a’, voltei ‘da’, crase há;

Fui ‘a’, voltei ‘de’, crase pra quê?”

Atenção! Mesmo com topônimos femininos que, em regra, repelem o artigo definido “a” *pode haver crase, na hipótese desses lugares estarem acompanhados de uma característica que os tornem únicos.* Exemplos: “fui a Paris”; “fui à Paris das belas artes”; “cheguei a casa”; “cheguei à casa de meus pais”;

- Locuções adverbiais formadas por palavras femininas:** levam o acento grave indicativo da crase as expressões “às vezes”, “à vista”, “às pressas”, “à força”, “às escondidas”, “à toa” etc.. *Exceções: não se recomenda o uso do acento grave em locuções adverbiais de instrumento (muito embora alguns gramáticos o autorizem):* “ele desenha a mão livre”; “escreveu o texto a máquina”;
- Locuções prepositivas (com valor de preposição) formadas por palavras femininas:** ocorre crase em “à procura de”, “à frente de”;
- Locuções conjuntivas (com valor de conjunção) formadas por palavras femininas:** como ocorre em “à medida que”, “à proporção que”;
- Ao expressarmos o horário, esteja a palavra “hora” expressa ou implícita:** sempre que expressarmos o momento em que algo aconteceu, o “a” deve indicar a crase. Exemplos: “a festa começará às duas horas”; “o trem chegou à uma”.

Repita-se: nas situações **acima**, a crase é *obrigatória*. Agora, nas situações **abaixo**, ela será *facultativa*:

- a) **Antes de pronomes possessivos:** “vou a sua casa”; “vou à sua casa”; “mandei um bilhete a minha mãe”; “mandei um bilhete à minha mãe”.

Atenção! Alguns gramáticos, como Evanildo Bechara (*op. cit.*), indicam que a crase é facultativa *somente se o substantivo e o pronome estiverem no singular*. Se estiverem no plural, a crase será **obrigatória**: “dirigiu-se às minhas irmãs”;

- b) **Antes de nomes próprios femininos:** “escreva a Luíza”; “escreva à Luíza”. A crase aqui é facultativa porque também o é a colocação do artigo definido “a” antes de nomes próprios femininos;

- c) **Após a preposição “até”:** “vou com você até a porta”; “vou com você até à porta”;

- d) **Antes de alguns topônimos femininos:** segundo Renato Aquino (In “Português para concursos”. 27ª ed. rev. e at. Niterói: Impetus, 2011, p. 127), os topônimos Ásia, África, Europa, França, Inglaterra, Escócia, Espanha e *Holanda* podem ou não ser precedidos do artigo definido “a”, gerando facultativamente a crase.

Salientamos, por fim, situações nas quais a crase é **proibida**, consistindo grave erro gramatical, apesar de muitas vezes ser vista em diversos tipos de texto:

- a) **Antes de palavra masculina:** “a pé”, “a prazo”, “entregue isso a ele, por favor”;
- b) **Antes de verbo:** “a partir de”, “pôs-se a correr desesperadamente”;
- c) **Antes de palavra no plural:** “cante somente a pessoas que saibam apreciar a música”;
- d) **Antes de palavras de sentido indefinido:** como “uma”, “certa”, “qualquer”, “cada”, “toda”. Exemplos: “vou a qualquer praça”; “entregue isso a cada pessoa que encontrar”;
- e) **Antes de pronomes pessoais de tratamento:** como “Vossa Excelência”, “Vossa Reverendíssima”, “Vossa Senhoria” etc.. Exemplos: “dirijo-me a Vossa Excelência respeitosamente”.

Exceções: admite-se a crase antes de “Senhora” e “Dona”.

Exemplo: “Falei à Dona Leonor sobre o caso”;

- f) **Em expressões formadas por palavras repetidas:** portanto, “gota a gota”, “cara a cara”;
- g) **Antes da palavra “terra”, quando estiver empregada como contrário de “bordo”:** “chegar a terra firme”;
- h) **Com a palavra “distância”, se estiver desacompanhada de qualquer qualificação:** “observamos tudo a distância”; “observamos tudo à distância *de cinquenta metros*”;

- i) **Quando componente de expressões de duração, que indicam um período de tempo:** desde que precedidas de preposição pura (“de”). Exemplos: “haverá aulas de segunda a sexta”; “a missa terá de uma a duas horas de duração”. **Atenção!** Se houver aglutinação de artigo com a preposição (“de” + “a”) *ocorrerá crase*: “estarei fora *das* sete às nove horas”; “estarei fora *de* sete a nove horas”;

- j) **Após preposição (exceto “até”, que torna a crase facultativa):** “o deputado discursou perante a plebe”; “eu o vi andando pela rua após as onze horas da noite”.

3. PONTUAÇÃO

3.1. Ponto

Representado pelo sinal gráfico “.”, o ponto é utilizado duas hipóteses:

- a) **Para finalizar orações que não sejam interrogativas, exclamativas ou que expressem incerteza ou reflexão (quando se usarão as reticências),** ou seja, a utilização do ponto é residual: quando a frase for encerrada e não for caso de ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, coloca-se o ponto. Exemplos:

Gostei muito do livro de Machado de Assis.

Amanhã irei ao cinema.

- b) **Para indicar abreviaturas:** p. (para “página”), obs. (para “observação”), *v.g.* (para “*verbi gratia*” = “por exemplo”, em latim) etc.. *Exceção: não se usa o ponto quando a abreviação representar unidades técnicas (como medida, tempo, velocidade). Por isso, temos 100m (cem metros), 10s (dez segundos) etc..*

Foneticamente, o ponto equivale a uma *pausa longa* na leitura. Após o ponto, deve-se utilizar **letra maiúscula**.

3.2. Ponto de interrogação

Representado pelo sinal gráfico “?”, o ponto de interrogação é utilizado *para finalizar orações interrogativas diretas*, ou seja, aquelas que exprimem uma pergunta, uma dúvida do orador, seja ela real ou simplesmente retórica. Exemplos:

– Quem é você?

– Ora, quem sou eu? Sou o proprietário da casa.

Por razões de **estilo**, o ponto de interrogação pode ser seguido de ponto de exclamação para *indicar o estado de dúvida ou de surpresa* do orador:

– Foi você quem rendeu os ladrões?!

Nas **orações interrogativas indiretas** (discurso indireto), *não se usa o ponto de interrogação*. Exemplo:

– Ontem Leonardo esteve aqui e perguntou quando poderia encontrá-lo.

Após o ponto de interrogação, em regra, deve-se utilizar **letra maiúscula**. Porém, é comum na literatura o uso de minúsculas em caso de *interrogações internas na oração*.

3.3. Ponto de exclamação

Representado pelo sinal gráfico “!”, o ponto de exclamação é utilizado em três hipóteses:

- a) **Para finalizar orações exclamativas**, aquelas *nas quais o orador expressa com maior ênfase suas palavras*, representando surpresa, medo, ironia etc.. Exemplos:

Eu não acredito que você conseguiu o emprego!

Eu juro que o dinheiro estava aqui!

- b) **Para separar as interjeições**, que são *expressões que traduzem estados emotivos*. As interjeições estão sublinhadas nos exemplos abaixo:

Uau! Que carro bonito!

Ei! Cuidado por onde anda!

- c) **Para separar as onomatopeias**, termos da oração *que representam sons*. Exemplo:

Estava andando pela rua, quando, de repente, bum! Um ônibus bateu no poste.

Vale para o ponto de exclamação as mesmas anotações que fizemos em relação ao ponto de interrogação quanto ao **discurso indireto** e à possibilidade literária de a ele seguir-se letra minúscula.

3.4. Reticências

Representadas pelo sinal gráfico “...” (vulgarmente conhecidas como “três pontinhos”), as reticências são utilizadas em três hipóteses:

- a) **Para expressar um pensamento incompleto, sua interrupção ou a dúvida em exteriorizá-lo**. Exemplos:

Estive pensando... Ah, deixa para lá!

Vou almoçar... Ou melhor, primeiro vou ao banco.

- b) **Na transcrição de um diálogo, para representar o silêncio do interlocutor**. Exemplo:

– Eu sou o máximo, você não acha?

– ...

- c) **Em citações de outras obras, para indicar a supressão de trechos sem interesse**. Nesse caso, devem vir entre parênteses: “(...)”.

Lembre-se que após as reticências o texto deve continuar com **letra maiúscula**, sendo autorizada a letra minúscula em produções literárias e na linguagem poética.

3.5. Vírgula

Representada pelo sinal gráfico “,”, a vírgula é utilizada em uma série de situações na Língua Portuguesa, sendo o sinal de pontuação que mais gera dúvidas quanto ao seu uso correto. Veremos, porém, que os principais casos em que a vírgula aparece podem ser facilmente compreendidos se entendermos antes a estrutura da oração.

Dizemos que determinado período está na **ordem direta** quando vem estruturado seguindo a fórmula:

SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTOS

Exemplos:

João comprou uma moto ontem.
(sujeito) (verbo) (complemento) (complemento)

Se a oração está na ordem direta, não se usa vírgula.

Por outro lado, teremos a **ordem indireta** quando há uma inversão nos termos da oração, colocando-os de qualquer maneira diferente da enunciada acima. Exemplo:

Ontem, João comprou uma moto.
(complemento) (sujeito) (verbo) (complemento)

Se a oração está na ordem indireta, separa-se com vírgula o termo que está deslocado. Em nosso exemplo, o adjunto adverbial “ontem” foi deslocado para o início da oração, portanto deve ser separado dos demais elementos com vírgula. Ressalte-se que vale a mesma regra para os **períodos compostos**, que são formados por duas ou mais orações. Veja só:

João	comprou	uma moto	para passear.
(sujeito)	(verbo)	(complemento)	(complemento)
Oração principal			Oração subordinada adverbial

Para passear,	João	comprou	uma moto.
(complemento)	(sujeito)	(verbo)	(complemento)
Oração subordinada adverbial	Oração principal		

Note que ao deslocarmos a oração “para passear” – que tem função sintática de adjunto adverbial – devemos separá-la com vírgula da oração principal, *seguindo a mesma regra enunciada acima*.

Naturalmente, em se tratando de Língua Portuguesa, esse padrão não é absoluto. Há situações nas quais utilizamos vírgula mesmo quando a oração está na ordem direta e há situações nas quais, mesmo o termo estando deslocado, a vírgula é facultativa.

Devemos, destarte, aprofundar os estudos para resolver as questões mais difíceis sobre pontuação nas provas. Vamos elencar todas as regras:

- a) **Não se separa com vírgula o sujeito do verbo**. Exemplos:

Pedro vai ao cinema.

Antes de ir à escola, Joana visita a avó.

Cumprir os compromissos	é questão de honra.
Or. sub. subst. subjetiva	Oração principal

Perceba no terceiro exemplo que a oração “cumprir os compromissos” exerce a função de sujeito da outra oração, “é questão de honra”. Portanto, ela não pode ser separada com vírgula do verbo de ligação “é”;

b) Não se separa com vírgula o verbo de ligação do predicativo. Exemplos:

Maria é bonita.

Esse menino é muito agitado!

Em qualquer das duas orações, seria **incorreto** colocar vírgula após o verbo de ligação “é” para separá-lo dos predicativos do sujeito “bonita” ou “muito agitado”;

c) Não se separa com vírgula o verbo transitivo de seus complementos (objeto direto e indireto). Exemplo:

Enviei cartões de Natal a meus amigos.
(verbo) (objeto direto) (objeto indireto)

d) Não se usa vírgula ao escrever numerais por extenso.

Exemplos: quatro mil quinhentos e vinte e três, cinco milhões setecentos e noventa e um mil cento e treze;

e) Usa-se a vírgula, mesmo na ordem direta, para intercalar o apostro, o vocativo, conjunções adversativas e conclusivas deslocadas e orações subordinadas adjetivas explicativas. Exemplos:

O prédio da escola, antigo e descascado, ainda guardava seus segredos. (apostro)

Venham, queridos, o jantar está na mesa! (vocativo)

Não posso, todavia, deixar de agradecer! (conjunção adversativa)

Devemos, portanto, encerrar o documento hoje. (conjunção conclusiva)

Luíza, que estava no Canadá, não aproveitou a promoção. (or. sub. adj. explic.)

f) Usa-se vírgula para separar orações coordenadas, exceto as aditivas (iniciadas com a conjunção “e”). Exemplo:

Fui ao supermercado e depois caminhei pelo parque. (or. coord. aditiva)

Queria muito vê-lo hoje, mas não terei tempo. (or. coord. adversativa)

Exceção: as orações coordenadas aditivas podem ser facultativamente separadas com vírgula se os sujeitos das orações forem diferentes. Acompanhe:

Henrique escreve um livro e seu filho dorme.

Henrique escreve um livro, e seu filho dorme.

g) Usa-se vírgula para separar termos elencados em uma mesma oração e vinculados à mesma palavra determinada.

Exemplos:

Preciso comprar pão, farinha, leite...

Jorge, Paulo, Pedro e Antônio cuidarão de tudo.

Atenção! Se a lista contiver *itens que, eles próprios, tenham subdivisões (ou seja, internamente precisem ser separados por vírgula)*, recomenda-se o uso do ponto e vírgula para separar os itens “principais” por questão de clareza. No caso do exemplo abaixo:

A ação civil pública é usada para pleitear a condenação pelos danos causados ao meio ambiente, ao consumidor, a bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico, a qualquer outro interesse difuso ou coletivo, por infração da ordem econômica e à ordem urbanística.

Recomenda-se (não é obrigatório) pontuar da seguinte forma:

A ação civil pública é usada para pleitear a condenação pelos danos causados ao meio ambiente; ao consumidor; a bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico; a qualquer outro interesse difuso ou coletivo; por infração da ordem econômica; e à ordem urbanística.

Perceba que deixamos a vírgula para separar os elementos internos de um dos itens, intercalando os demais com ponto e vírgula;

h) Usa-se vírgula para separar o local e a data em cartas, ofícios e outros documentos oficiais. Exemplo:

São Paulo, 31 de dezembro de 2012.

i) Usa-se vírgula para indicar a elipse (supressão) de um termo da oração, normalmente o verbo. Exemplo:

João ficou aqui por três horas; Maria, por duas.

Foneticamente, a vírgula equivale a uma pausa curta na leitura. Após a vírgula, deve-se utilizar **letra minúscula**.

3.6. Ponto e vírgula

Representado pelo sinal gráfico “;”, o ponto e vírgula é utilizado nas seguintes hipóteses:

a) Para separar os tópicos de uma enumeração. Exemplo:

O candidato deve levar no dia da prova:

- caneta preta;

- lápis preto nº 2; e

- borracha.

Atenção! A norma culta da língua recomenda que o penúltimo item da lista seja encerrado com ponto e vírgula e sucedido da conjunção aditiva “e”, nos moldes do exemplo acima;

b) Para separar termos de uma oração que já contenha vírgulas, conforme dispusemos acima sobre o uso da vírgula (item 3.5, “g”). Repetimos o exemplo:

A ação civil pública é usada para pleitear a condenação pelos danos causados ao meio ambiente; ao consumidor; a bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico; a qualquer outro interesse difuso ou coletivo; por infração da ordem econômica; e à ordem urbanística.

c) **Em períodos compostos por coordenação, usa-se o ponto e vírgula para separar as orações coordenadas sindéticas quando a conjunção estiver deslocada.** Acompanhe o exemplo abaixo:

Apressei-me no almoço, portanto cheguei adiantado. (ordem direta)

Apressei-me no almoço; cheguei, portanto, adiantado. (conjunção deslocada)

d) **Para separar orações coordenadas com sujeitos distintos.** Nesse caso, pode ser substituído por ponto sem qualquer prejuízo ao sentido do texto. Exemplo:

Tatiana foi visitar uma amiga; eu, para variar, fiquei trabalhando.

Foneticamente, o ponto e vírgula equivale, na leitura, a uma pausa mais forte do que a vírgula e mais breve do que o ponto. Após o ponto e vírgula, deve-se usar **letra minúscula**.

3.7. Dois-pontos

Representados pelo sinal gráfico “:”, os dois-pontos devem ser utilizados nas seguintes hipóteses:

a) **Para anunciar uma enumeração**, hipótese em que pode ser suprimido sem prejuízo ao sentido do texto.

Exemplo:

Sempre levo em minhas viagens: livros, remédios e documentos que possa precisar.

b) **Para introduzir o aposto (ou oração subordinada substantiva apositiva).** Exemplos:

Para ser feliz, basta uma coisa: paciência. (aposto)

Antes de começarmos, preciso dizer algo: a situação é mais séria do que imaginávamos. (oração subordinada substantiva apositiva)

c) **Para introduzir exemplos, notas ou observações**, como vemos normalmente em “ex.”; “obs.”; “p.s.”.

Após os dois-pontos, deve-se utilizar **letra minúscula**.

3.8. Aspas

Representadas pelo sinal gráfico “ ”, utilizamos as aspas nas seguintes situações:

a) **Para indicar que determinado trecho corresponde a uma citação direta de outra obra.** Exemplo:

Segundo Evanildo Bechara (*op. cit.*, p. 654), “pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa aceção larga e noutra restrita.”

b) **Para indicarmos que determinada palavra ou expressão** não foi usada em seu sentido denotativo (original), podendo representar uma metáfora ou uma ironia. Exemplos:

Leandro não aguentou a pressão no emprego e acabou “jogando a toalha”. (no lugar de “desistindo” ou “pedindo demissão”)

– Que “beleza”... Isso são horas de chegar em casa? (ironia)

c) **Para indicarmos que a palavra ou expressão é uma gíria ou um estrangeirismo.** Exemplos:

O rapaz “sarado” arrancava suspiros das mulheres na academia.

Vou “tuitar” essa notícia amanhã.

d) **Para darmos destaque a palavras estrangeiras usadas no corpo do texto.** Nessa função, as aspas podem ser substituídas por itálico. Exemplo:

Atualmente, exerço o cargo de “controller” da empresa.

Se for necessário, aumentaremos nossos investimentos em *merchandising*.

Por fim, vale anotar que o padrão culto da linguagem escrita determina o uso de aspas simples (‘ ’) quando *for necessário usar novamente as aspas dentro de um trecho que já está entre as aspas duplas (“ ”)*. Exemplo:

Texto I

“Trabalhar, nem pensar. No mundo feminino machadiano só em caso muito especial isso acontece e assim mesmo como algo extremamente lamentável. Só o magistério era, ao tempo, aceitável, ainda assim com ressalvas, para a ação da mulher. A ‘profissão’ almejada, a realização buscada era a de esposa. Num bom casamento. Para tal preparavam-se as meninas-moças, aprendendo línguas, música, costura, bordado. Beleza também era fundamental nesse jogo. Capitu não foge à regra. E luta galhardamente por seu objetivo: casar-se com o vizinho.” (PROENÇA FILHO, Domício. **Capitu, a moça dos olhos de água**)

No texto original, publicado na obra *Personae* (organização de Lourenço Dantas Mota e Benjamin Abdala Júnior, Ed. Senac São Paulo), a palavra profissão está entre aspas duplas (usadas com base na regra exposta no item “b”, acima). Contudo, como estamos citando o trabalho de outro autor, devemos colocar todo o trecho entre aspas duplas (conforme a regra exposta no item “a”, acima); com isso, os sinais antes e depois da palavra “profissão” são transformados em aspas simples.

Atenção! Normalmente, outros sinais de pontuação (ponto, vírgula, dois-pontos) são colocados **depois das aspas finais** (como no primeiro exemplo do item “b”, acima), *exceto quando se tratar de citação direta de outra obra*. Nessa hipótese, o último sinal de pontuação deve ficar **antes das aspas finais** (como se vê no Texto I, acima).

3.9. Parênteses

Representados pelo sinal gráfico “()”, os parênteses são utilizados em duas hipóteses:

- a) **Para a inserção de explicações, adendos e opiniões ao texto, cuja retirada não prejudicará o sentido ou a coesão do escrito.** Exemplo:

Texto II

“Era das poucas casas assoalhadas de Santa Fé; dizia-se até que muita gente em melhor situação financeira que a de Pedro não morava numa casa tão boa como a dele. Não era muito grande. Tinha uma sala de jantar, que eles chamavam de varanda (o vigário, homem letrado, afirmava que varanda na verdade era outra coisa), dois quartos de dormir, uma cozinha e uma despensa, que era também o lugar onde ficava o bacião em que a família tomava seu banho semanal.”

(VERÍSSIMO, Erico. **Um certo Capitão Rodrigo**)

Nessa função, os parênteses podem ser substituídos, sem qualquer equívoco ou prejuízo, por travessões;

- b) **Para enunciar por extenso um numeral maior que dez.** Na linguagem culta, a redação de numerais cardinais de zero a dez deve ser feita *unicamente por extenso, sem qualquer sinal de pontuação*. Exemplo:

Comprei uma geladeira e vou pagá-la em dez prestações.

Quando o numeral cardinal a ser redigido foi maior que dez, a regra é colocá-lo em seu formato numérico seguido de sua enunciação por extenso entre parênteses. Exemplo:

A República Federativa do Brasil é composta de 26 (vinte e seis) Estados ao lado do Distrito Federal.

Lembramos, ainda, que os parênteses abrigam as reticências para indicar a supressão de uma parte de um texto transcrito (item 3.4, “c”, acima).

Quanto à pontuação, a regra é de que os demais sinais colocados no texto fiquem **fora dos parênteses**, nos mesmos moldes que vimos para as aspas. Logo, o correto é o que se vê no exemplo abaixo:

Podemos conceituar nascente como o “afloramento natural do lençol freático que apresenta perenidade e dá início a um curso d’água” (art. 3º, XVII, da Lei nº 12.651/2012).

Também seguindo o quanto ensinado para as aspas, é possível inserirmos sinais de pontuação **dentro dos parênteses** quando seu conteúdo formar uma oração completa e coerente. Exemplo:

Texto III

“Quero gozar o presente e considerar o passado como passado. Você está certo, os homens sofreriam menos se não se concentrassem tanto (e só Deus sabe por que eles são assim!) na lembrança dos seus males, em vez de esforçar-se por tornar o presente suportável.”

(GOETHE. **Os sofrimentos do jovem Werther**)

3.10. Colchetes

Representados pelo sinal gráfico “[]”, os colchetes são utilizados em duas situações:

- a) **Quando for necessária nova inserção dentro de parênteses.** Não se utiliza, portanto, parênteses dentro de parênteses. Exemplo:

A biblioteca era imensa, com estantes e prateleiras (visivelmente feitas de madeira maciça [o que deve ser proibido, suponho] em todas as paredes.

Não é comum vermos os colchetes utilizados dessa forma, porque aqui eles podem ser substituídos por travessões;

- b) **Para indicar uma inserção feita por aquele que transcreve a citação dentro do trecho colacionado.** Exemplo:

Texto IV

“Portanto, a passividade por parte dos clientes fora incentivada durante toda a expedição. Os sherpas [homens nepaleses que atuam como guias] abriam a rota, montavam os acampamentos, cozinhavam, transportavam a carga.”

(KRAKAUER, Jon. **No ar rarefeito**)

No texto original, não consta a explicação de quem são os “sherpas”, a qual foi introduzida por mim ao realizar a citação com o objetivo de facilitar a compreensão do trecho.

3.11. Travessão

Representado pelo sinal gráfico “–”, o travessão é usado em duas hipóteses:

- a) **Para indicar a mudança de interlocutor dentro de um discurso direto.** Exemplo:

– Alô?
– Quem fala?
– Edson.
– Desculpe! Foi engano.

- b) **Para intercalar elementos ou orações que estejam deslocados dentro do período.** Exemplo:

Preciso que você limpe a sala – que está imunda – e os banheiros.

TUDO*em***UM**

PARA CONCURSO DE ESCRIVENTE DO TJ/SP



QUESTÕES COMENTADAS

1. LÍNGUA PORTUGUESA

Magally Dato e Rogerio Karagulian

1. INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico “pas de deux” (*): sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo; encostado à parede, mármoreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: “Amigô?!”, “Chefê?!”, “Parceirô?!”; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre.

Eu disse “cliente paulista”, percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta “débito ou crédito?”.[...] Como pode ele entender que o fato de estar pagando não garantirá a atenção do garçom carioca? Como pode o ignóbil paulista, nascido e criado na crua batalha entre burgueses e proletários, compreender o discreto charme da aristocracia?

Sim, meu caro paulista: o garçom carioca é antes de tudo um nobre. Um antigo membro da corte que esconde, por trás da carapinha entediada, do descaso e da gravata borboleta, saudades do imperador. [...] Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20: levou gim tônica para Vinicius e caipirinhas para Sinatra, uísques para Tom e leites para Nelson, recebeu gordas gorjetas de Orson Welles e autógrafos de Rockefeller; ainda hoje fala de futebol com Roberto Carlos e ouve conselhos de João Gilberto. Continua tão nobre quanto sempre foi, seu orgulho permanece intacto.

Até que chega esse paulista, esse homem bidimensional e sem poesia, de camisa polo, meia soquete e sapatênis, achando que o jacarezinho de sua Lacoste é um crachá universal, capaz de abrir todas as portas. Ah, paulishhhhta otááário, nenhum emblema preencherá o vazio que carregas no peito – pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante, a caminho do banheiro, e ali esquecê-lo para todo o sempre.

Veja, veja como ele se debate, como se debaterá amanhã, depois de amanhã e até a Quarta-Feira de Cinzas, maldizendo a Guanabara, saudoso das várzeas do Tietê, onde a desigualdade é tão mais organizada: “Ô, companheirô, faz meia hora que eu cheguei, dava pra ver um cardápio?!”. Acalme-se, conterrâneo. Acostume-se com sua existência plebeia. O garçom carioca não está aí para servi-lo, você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.

(Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. *Folha de S.Paulo*, 06.02.2013)

(*) Um tipo de coreografia, de dança.

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa contendo passagem em que o autor simula dialogar com o leitor.

- (A) Acalme-se, conterrâneo. Acostume-se com sua existência plebeia.
- (B) Ô, companheiro, faz meia hora que eu cheguei...
- (C) Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico “pas de deux”.
- (D) Sim, meu caro paulista...
- (E) Ah, paulishhhhta otááário...

A: incorreta, pois o autor está se reportando ao cliente paulista; **B:** incorreta, pois é uma frase dita pelo cliente paulista ao garçom carioca; **C:** correta, o autor simula dialogar com o leitor; **D:** incorreta, pois o autor está se referindo ao cliente paulista; **E:** incorreta, pois se trata de um pensamento do garçom carioca sobre o cliente paulista.

Gabário “C”

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) No primeiro parágrafo, para reforçar a ideia que quer transmitir, o autor se expressa por meio de uma incoerência. Assinale a alternativa com a passagem que demonstra essa afirmação.

- (A) ... encostado à parede, mármoreo e impassível...
- (B) ... o garçom boceja, tira um fiapo do ombro...
- (C) ... o cliente paulista acena, assovia, agita os braços...
- (D) ... o garçom carioca o ignora com redobrada atenção.
- (E) ... aí estão eles, a bailar seu diabólico “pas de deux”...

A: incorreta, pois os adjetivos marmóreo e impassível demonstram sua tranquilidade inabalável; **B:** incorreta, pois a ação de bocejar e tirar o fiapo demonstra não ter nada que chame mais a atenção do garçom do que seu próprio mundo; **C:** incorreta, pois todos os gestos têm o único objetivo de chamar a atenção do garçom; **D:** correta, pois o ato de ignorar o cliente não combina nem precisa de atenção, tampouco redobrada; **E:** incorreta, pois o verbo bailar combina o passo de balé “pas de deux”

Gabarito „D.“

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) É correto afirmar que, no primeiro parágrafo, o autor traça um contraste entre as posturas do cliente e do garçom, contrapondo a

- (A) agitação insistente do primeiro à estaticidade do segundo.
- (B) informalidade do primeiro ao profissionalismo impassível do segundo.
- (C) falta de polidez do primeiro à eficiência do segundo.
- (D) negligência do primeiro à falta de educação do segundo.
- (E) grosseria do primeiro ao cavalheirismo nobre do segundo.

A: correto, o cliente está afoito ao contrário da calma eminente do garçom; **B:** incorreta, pois o garçom em nenhum momento demonstra profissionalismo; **C:** incorreta, pois o cliente não parece tão polido da mesma maneira que o garçom não é eficiente; **D:** incorreta, pois o cliente não foi negligente em seus atos apesar da aparente vontade de chamar a atenção do garçom; **E:** incorreta, pois o cliente não foi grosseiro, ao contrário foi amigável, a sua maneira, até aquele momento.

Gabarito „A.“

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Infere-se, da exposição de ideias, que o autor compõe retratos bem-humorados de dois tipos,

- (A) apoiando as atitudes de ambos, cujas qualidades morais destaca.
- (B) prestigiando o garçom, cuja atitude classifica de inadequada, em diversas passagens.
- (C) identificando-se com as atitudes do cliente, apesar de expressar antipatia por aquele.
- (D) tomando partido do garçom, pois, como este, o autor também é carioca.
- (E) ironizando os comportamentos de ambos, embora ele também seja paulista.

A: incorreta, pois não há destaque moral nas atitudes retratadas; **B:** incorreta, pois ele não demonstra concordância com os atos do garçom, só os retrata; **C:** incorreta, pois ele não indica identificar-se com as atitudes do cliente; **D:** incorreta, pois ele não toma partido aparente de nenhum dos personagens e é paulista; **E:** correta, pois traça os perfis de ambos os personagens ironicamente e sim ele é paulista.

Gabarito „E.“

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) O contexto em que se encontra a passagem – *Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20.* (2.º parágrafo) – leva a concluir, corretamente, que a menção a

- (A) príncipes e princesas constitui uma referência em sentido não literal.
- (B) reis e rainhas constitui uma referência em sentido não literal.
- (C) príncipes, princesas, reis e rainhas constitui uma referência em sentido não literal.
- (D) príncipes, princesas, reis e rainhas constitui uma referência em sentido literal.
- (E) reis e rainhas constitui uma referência em sentido literal.

A: incorreta, pois o sentido da realeza é literal quando em referência ao século 19; **B:** correta, pois não temos mais reis e rainhas literalmente falando no século 20; **C:** incorreta, todos são títulos de nobreza em referência de sentido literal; **D:** incorreta, pois os títulos de reis e rainhas em referência não são literais; **E:** incorreta, pois o sentido de reis e rainhas não é literal.

Gabarito „B.“

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa em que a oração destacada expressa finalidade, em relação à outra que compõe o período.

- (A) *Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20...*
- (B) *Pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante...*
- (C) *Você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.*
- (D) *... nenhum emblema preencherá o vazio que carrega no peito – ...*
- (E) *O garçom boceja, tira um fiapo do ombro...*

A: incorreta, pois indica apenas uma sequência de pessoas atendidas, sem relação de propósito ou finalidade; **B:** incorreta, pois a frase destacada indica tempo e local e não finalidade; **C:** correta, pois demonstra um propósito para ter ido ao restaurante que era de homenagear o garçom; **D:** incorreta, pois o que se carrega no peito é consequência de algumas atitudes que não tem relação de finalidade com a primeira parte do período. **E:** incorreta, pois tirar um fiapo do ombro não tem relação direta com o ato de bocejar, são ações independentes e sequenciais.

Gabarito „C.“

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa em que o emprego de nexos sintáticos entre as orações do período – Eu disse “cliente paulista”, percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. – mostra-se adequado ao sentido do texto.

- (A) Eu disse cliente paulista, mas percebo a redundância, pois o paulista é sempre cliente.
- (B) Eu disse cliente paulista, se percebo a redundância, mas o paulista é sempre cliente.
- (C) Eu disse cliente paulista, porque percebo a redundância, contanto que o paulista seja sempre cliente.
- (D) Eu disse cliente paulista, desde que percebi a redundância, para que o paulista seja sempre cliente.
- (E) Eu disse cliente paulista, sem perceber a redundância, portanto o paulista é sempre cliente.

A: correta. O autor percebe a redundância de sua frase tão logo a cita e explica o porquê deste ato quando comenta, ironicamente, que afinal o paulista é sempre cliente. Por esta rápida percepção, conclui-se que a alternativa correta é a A; **B:** incorreta, pois condiciona a sua percepção, fato não ocorrido; **C:** incorreta, pois explica sua frase dita como se tivesse sido propositalmente, fato não ocorrido; **D:** incorreta, pois indica que já havia pensando na redundância, mas não foi o ocorrido; **E:** incorreta, pois alega que não percebeu a redundância, mas, sim, ele percebeu.

Gabarito „A.“

Leia o texto abaixo e responda à questão.

Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade, na qual a informação é disposta em um ambiente no qual pode ser acessada de forma não linear. Isso acarreta uma textualidade que funciona por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.

Quando o cientista Vannevar Bush, na década de 40, concebeu a ideia de hipertexto, pensava, na verdade, na necessidade de substituir os métodos existentes de disponibilização e recuperação de informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica, que eram lineares, por sistemas de indexação e arquivamento que funcionassem por associação de ideias, seguindo o modelo de funcionamento da mente humana. O cientista, ao que parece, importava-se com a criação de um sistema que fosse como uma “máquina poética”, algo que funcionasse por analogia e associação, máquinas que capturassem o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

Parece não ser obra do acaso que a ideia inicial de Bush tenha sido conceituada como hipertexto 20 anos depois de seu artigo fundador, exatamente ligada à concepção de um grande sistema de textos que pudessem estar disponíveis em rede. Na década de 60, o cientista Theodor Nelson sonhava com um sistema capaz de disponibilizar um grande número de obras literárias, com a possibilidade de interconexão entre elas. Criou, então, o “Xanadu”, um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo, numa rede de publicação hipertextual universal e instantânea. Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto deveria ser um enorme arquivo virtual.

(Disponível em: <<http://www.pucsp.br/~cimid/4lit/longhi/hipertexto.htm>>.

Acesso em: 05 fev 2013. Adaptado)

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Embora se trate de um texto predominantemente informativo, é correto afirmar que o autor faz uma inferência, expressando sua opinião, ao dizer:

- (A) O cientista, ao que parece, importava-se com a criação de um sistema que fosse como uma “máquina poética”.
- (B) Criou, então, o “Xanadu”, um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo, numa rede.
- (C) Isso acarreta uma textualidade que funciona por associação.

- (D) A informação é disposta em um ambiente no qual pode ser acessada de forma não linear.
 (E) Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito está ligada a uma nova concepção de textualidade.

A: correta, pois ele infere sua opinião por meio do termo “ao que parece”; B, C, D e E: são uma expressão do autor mediante a fatos e consequências de determinadas ações sem nenhuma explicitação de sua opinião a respeito dos fatos.

Gabarito “A”

Leia o texto da tira, para responder à questão.



(Orlandeli, “Grump”, *Diário da Região*, 06.02.2013)

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) O pensamento da personagem Vândalo, no último quadrinho,

- (A) põe em dúvida a ideia de que o intercâmbio terá sucesso.
 (B) não admite as verdadeiras qualidades do garoto que morará com Grump.
 (C) contradiz a ideia de que o garoto será bem recebido por Grump.
 (D) expressa o reconhecimento de características negativas em quem receberá o garoto.
 (E) reconhece a dificuldade de Grump adequar-se ao perfil traçado pelo projeto de intercâmbio.

A: incorreta, pois o local indicado corresponde à ideia da contraposição, tornando assim o projeto bem-sucedido; B: incorreta, pois não faz referência negativa às qualidades do garoto e sim do local; C: incorreta, pois o anfitrião quer recebê-lo apesar das diferenças, motivado pela “grana” que vai ganhar; D: correta, pois o local indica exatamente o contrário das qualidades positivas do garoto que virá; E: incorreta, pois seu pensamento reconhece as características negativas do anfitrião, mas não coloca em dúvida sua capacidade de adequar-se.

Gabarito “D”

Leia o texto, para responder às questões.

A disseminação do conceito de boas práticas corporativas, que ganhou força nos últimos anos, fez surgir uma estrada sem volta no cenário global e, conseqüentemente, no Brasil. **Nesse** contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos. **Isso** porque se cristalizou a compreensão de que atos ilícitos vão além de comprometer relações comerciais e o próprio caixa das empresas. *Eles representam dano efetivo à reputação empresarial frente ao mercado e aos investidores, que exigem cada vez mais transparência e, em casos extremos, acabam em investigações e litígios judiciais que podem levar executivos à cadeia.*

(Fernando Porfírio, Pela solidez nas organizações. Em *Mundo corporativo* n.º 28, abril-junho 2010)

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) A parte final do texto, destacada em itálico, coloca-se para a afirmação que a antecede como

- (A) um trecho explicativo de ideia exposta anteriormente.
 (B) uma resposta não fundamentada em dados de realidade.
 (C) um meio de levar o leitor a buscar explicações que não estão no texto.

- (D) uma sequência fundamentada em hipóteses pouco prováveis.
 (E) a manifestação de uma contradição que será discutida.

A parte final do texto é uma explicação do que já havia sido exposto anteriormente de forma a resumir as ideias principais. Alternativa correta A.

Gabarito “A”

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Na passagem – Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, **valendo-se dos mais variados mecanismos...** – a oração destacada expressa, em relação à anterior, sentido que responde à pergunta:

- (A) “Quando?”
 (B) “Por quê?”
 (C) “Como?”
 (D) “Para quê?”
 (E) “Onde?”

A parte destacada indica o modo como *estão fechando o cerco*, logo a pergunta que cabe é “como”, alternativa correta C.

Gabarito “C”

Considere a história em quadrinhos para responder a questão seguinte.



(Quoc. *Mafalda*)

(Escrivente Técnico Judiciário – TJSP – 2011 – VUNESP) Acerca da mensagem apresentada nos quadrinhos, é correto afirmar que

- (A) a menina é avessa à liberdade de imprensa por esta permitir a publicação de receitas que ela considera deliciosas.
 (B) a liberdade de imprensa prejudica o direito das crianças no que diz respeito à alimentação saudável.
 (C) a receita é recortada do jornal como forma de censura e protesto.
 (D) a mãe apoia a supressão da liberdade de imprensa por concordar com a filha.
 (E) a liberdade de imprensa nem sempre agrada a todos.

A: ao contrário do que foi expresso, a menina mostra-se avessa à liberdade de imprensa por esta permitir a publicação de receitas que ela não considera apetitosas; B, C e D: não se pode inferir o que dizem essas alternativas; E: pode-se inferir isso.

Gabarito “E”

(VUNESP – VI) Leia o poema.

Ao desconcerto do Mundo
 Os bons vi sempre passar
 No Mundo graves tormentos;
 E pera* mais me espantar,
 Os maus vi sempre nadar
 Em mar de contentamentos.
 Cuidando alcançar assim
 O bem tão mal ordenado,
 Fui mau, mas fui castigado.
 Assim que, só pera mim
 Anda o Mundo concertado.

(Luís de Camões, *Obras Escolhidas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora, 1954, 2.ª edição, vol. 1, p. 136)

*pera – grafia da preposição para no séc. XVI.

Assinale a alternativa que reproduz de maneira mais completa o pensamento do autor.

- (A) No mundo, o autor vê que os bons sofrem enquanto os maus vivem bem.
 (B) Os bons gostam de sofrer.
 (C) Os maus são castigados pelos bons.
 (D) Só para o autor o mundo está em desarmonia.

O autor conclui a ideia do poema com “só pera mim / Anda o Mundo concertado”, pois somente o eu lírico do poema (eu lírico é a voz que expressa a subjetividade do poeta) sofre as consequências esperadas por um mau comportamento. O eu lírico diz ter visto os bons passarem por graves tormentos e os maus nadarem em mar de contentamentos. Ele tentou alcançar o bem por meio do mal, porém foi castigado (“Cuidando alcançar assim / O bem tão mal ordenado / Fui mau, mas fui castigado.”)

„A.“ Gabarito

Princípios e valores

Uma mãe quer saber se deve ou não permitir que sua filha, de nove anos, viaje com a família de uma colega num fim de semana. Ela diz que a garota nunca fez isso antes e que ela considera precoce esse passeio mais longo sem a família, mas que está em dúvida porque muitas crianças da mesma idade já fazem isso.

Um pai diz que o filho de 15 anos leva a namorada para dormir em casa e que ele fica constrangido com a situação, mas acredita que, se impedir, vai se afastar do filho. Finalmente, um outro leitor afirma que quer ensinar valores aos filhos, mas, ao mesmo tempo, considerando o clima competitivo de nosso tempo, quer saber como ensinar que há momentos em que é preciso abrir mão desses valores para não ser ingênuo.

O mundo contemporâneo tornou a educação uma tarefa muito mais complexa. Até o final da década de 50, a maioria não enfrentava questões como as citadas e tampouco tinha de tomar diariamente decisões sobre o tipo de educação a praticar com os filhos. A educação era uma só, os rumos faziam parte de um grande consenso social e assim caminhavam os pais, sem grandes conflitos. Vale dizer que pais e filhos sofriam muito mais, já que eram tão diferentes e tinham de se ajustar a um rumo comum.

Hoje, os pais ganharam a liberdade da escolha sobre como educar seus filhos e, por outro lado, assumiram também uma responsabilidade muito maior por eles. Afinal, cada escolha feita produz efeitos significativos na vida dos filhos, já que estes estão em formação.

Vale refletir a respeito das dúvidas dos pais. À primeira vista, todas parecem questões práticas sobre como agir. Mas cada uma delas guarda em si conteúdos bem mais amplos, que tratam de moral, ética, conceito de infância, limites entre privacidade e convívio social e relação entre pais e filhos.

E talvez esse seja o nó da questão da educação contemporânea que os pais podem desatar ou, ao menos, afrouxar: ao educar os filhos, precisam ter clareza de alguns princípios dos quais não abrem mão e, a partir desse norte, tomar as decisões sem se importar tanto com as decisões dos outros pais. Afinal, já que temos a oportunidade hoje de ter a riqueza da diversidade em educação, há que se aprender a conviver com ela, não?

“O que quero ensinar aos meus filhos, priorizar na educação deles?” Essa é a questão que os pais devem se fazer quando enfrentam situações que demandam decisões. Afinal: de festas, namoros, aprendizados diversos etc. eles terão muitas chances para desfrutar, mas da educação familiar, só enquanto estiverem sob a tutela dos pais. E esse tempo é curto, acreditem.

(www.blogdaroselysayao.blog.uol.com.br/, 27.03.2008. Adaptado.)

(VUNESP – 2008) De acordo com o texto, as dúvidas que os pais têm em relação à forma como educar os filhos

- (A) não se justificam na sociedade atual, que prescreve, implicitamente, uma educação homogênea a todos.
 (B) são consideradas legítimas, já que a educação hoje ganhou uma complexidade não vivida em outros tempos.

- (C) revelam a imaturidade dos pais modernos que, não sabendo aproveitar a liberdade, limitam-se às próprias opiniões.
 (D) ganham relevância à medida que se torna mais importante a opinião alheia na educação das crianças e dos jovens.
 (E) não devem ser tomadas como relevantes, uma vez que as crianças e os jovens modernos são iguais aos de tempos passados.

A autora, no terceiro e no quarto parágrafos, discorre sobre complexidade da educação nos dias de hoje, o que gera as dúvidas dos pais.

„B.“ Gabarito

(VUNESP – 2008) Pode-se afirmar que, na sociedade moderna, os pais

- (A) têm mais liberdade de escolha quanto à forma de educar os filhos e, ao mesmo tempo, mais responsabilidade por eles.
 (B) têm menos liberdade de escolha quanto à forma de educar os filhos e, ao mesmo tempo, menos responsabilidade por eles.
 (C) têm mais liberdade de escolha quanto à forma de educar os filhos e, ao mesmo tempo, menos responsabilidade por eles.
 (D) têm menos liberdade de escolha quanto à forma de educar os filhos e, ao mesmo tempo, mais responsabilidade por eles.
 (E) têm mais liberdade de escolha quanto à forma de educar os filhos e, paradoxalmente, nenhuma responsabilidade por eles.

Ver o quarto parágrafo: “Hoje, os pais ganharam a liberdade da escolha (...) uma responsabilidade muito maior por eles.”

„A.“ Gabarito

(VUNESP – 2008) Os exemplos dos dois parágrafos iniciais do texto apresentam situações

- (A) vivenciadas antes da década de 50.
 (B) comuns desde a década de 50.
 (C) raras nas famílias modernas.
 (D) inusitadas para os pais modernos.
 (E) combatida pelos pais e por seus filhos.

A e B: ver o trecho “Até o final da década de 50, a maioria não enfrentava questões como as citadas...”; **C e D:** a autora vale-se de exemplos práticos para ilustrar as dúvidas dos pais modernos. Embora possam ser classificadas como situações inusitadas (diferentes, que causam certa surpresa), o texto não permite entendê-las como raras nas famílias modernas (eram raras até o final da década de 50); **E:** a autora não se refere a combate por pais ou filhos.

„D.“ Gabarito

(VUNESP – 2008) Quanto à educação, os exemplos apresentados nos dois primeiros parágrafos mostram que os pais estão

- (A) confiantes, principalmente por saberem que hoje é mais fácil educar do que em outros tempos.
 (B) receosos, já que hoje os filhos vivem mais preocupados com os amigos do que com a família.
 (C) decididos, sabendo qual conjunto de valores éticos e morais é imprescindível aos filhos.
 (D) desnorteados, pois reconhecem que a educação caminha como no final da década de 50.
 (E) confusos, sobretudo por se sentirem pressionados pelas decisões alheias.

As três situações referem-se a dúvidas dos pais acerca da educação dos filhos. Note que em todas há preocupação com as decisões, opiniões e valores alheios. Veja os trechos “mas que está em dúvida porque muitas crianças da mesma idade já fazem isso”, “mas acredita que, se impedir, vai se afastar do filho” e “considerando o clima competitivo de nosso tempo”.

„E.“ Gabarito

(VUNESP – 2008) A conclusão do texto deixa claro que

- (A) os pais não devem se questionar sobre a educação dada aos filhos.
 (B) os filhos devem aproveitar a diversão e, depois, a família.
 (C) os pais devem priorizar uma boa educação familiar a seus filhos.
 (D) os filhos devem ser livres e definir seus caminhos na vida.
 (E) o tempo dos filhos com os pais é curto para uma boa educação.

O parágrafo final sugere que os pais analisem o que querem priorizar na educação de seus filhos ao enfrentarem as dúvidas relacionadas à sua educação, pois o tempo para desfrutar da educação familiar é limitado.

„C.“ Gabarito

(VUNESP – 2008) Em – ... *só enquanto estiverem sob a tutela dos pais*. – o sinônimo de *tutela* é

- (A) proteção.
(B) cautela.
(C) orientação.
(D) companhia.
(E) observação.

“Tutela”, no contexto, significa guarda, proteção, referindo-se ao período em que há certa ascendência dos pais sobre os filhos.

Gabarito “A”

(VUNESP – 2008) Analise as afirmações.

- I. Em –...*porque muitas crianças da mesma idade já fazem isso*. – o pronome *isso* refere-se a *passado mais longo sem a família*. (1.º parágrafo)
- II. Em –...*ele fica constrangido com a situação*... – o pronome *ele* refere-se a *filho*. (2º parágrafo)
- III. A frase – “*O que quero ensinar aos meus filhos, priorizar na educação deles?*” – pode ser reescrita, com emprego correto de pronome, da seguinte forma – *O que quero priorizar na educação dos meus filhos, ensinar-lhes?* (último parágrafo)

Está correto o que se afirma em

- (A) I, apenas.
(B) II, apenas.
(C) I e III, apenas.
(D) II e III, apenas.
(E) I, II e III.

I e III: corretas; II: “ele” é o pai, que fica constrangido com a situação descrita – ver o trecho que se inicia com “Um pai diz que o filho...”.

Gabarito “C”

(VUNESP – 2008) *Vale dizer que pais e filhos sofriam muito mais, já que eram tão diferentes e tinham de se ajustar a um rumo comum*.

Assinale a alternativa em que se reescreve corretamente a frase, respeitando seus sentidos e adequando a pontuação.

- (A) Vale dizer. Eram tão diferentes e tinham de se ajustar a um rumo comum, mas pais e filhos sofriam muito.
(B) Vale dizer: como eram tão diferentes e tinham de se ajustar a um rumo comum, pais e filhos sofriam muito.
(C) Vale dizer? Eram tão diferentes e tinham de se ajustar a um rumo comum e pais e filhos sofriam muito.
(D) Vale dizer – conforme fossem tão diferentes e tinham de se ajustar a um rumo comum, pais e filhos sofriam muito.
(E) Vale dizer, como eram tão diferentes e tinham de se ajustar a um rumo comum, portanto, pais e filhos sofriam muito.

A: incorreta, pois “Vale dizer” não pode ficar isolado, pois se refere diretamente à ideia transmitida no trecho seguinte. Ademais, o uso da conjunção adversativa “mas” é inadequado, pois o trecho seguinte não se opõe ao anterior; **B:** correta, a assertiva reproduz adequadamente a original, sem alteração de conteúdo; **C:** incorreta, pois não há dúvida que justifique a interrogação após “Vale dizer”. O uso da conjunção coordenativa “e” não é indicado para essas orações subordinadas; **D:** incorreta, o travessão isola inadequadamente “Vale dizer”. “Conforme” dá ideia de progressão, o que não é adequado à assertiva; **E:** incorreta, “como” e “portanto” não podem ser utilizados conjuntamente, pois há perda de sentido.

Gabarito “B”

(VUNESP – 2008) No último parágrafo, as aspas empregadas indicam

- (A) a fala hipotética de pais preocupados com a educação de seus filhos.
(B) a transcrição de uma frase alheia de um especialista em educação familiar.
(C) a divagação do autor, despreocupado com a questão da educação.
(D) o realce a uma informação tratada com ironia pelo autor.
(E) a citação de um dito popular que comprova o ponto de vista do autor.

A autora indica a pergunta que os pais devem fazer a si mesmos. Por opção estilística e argumentativa, optou pelo discurso direto, o que implica uma fala hipotética de um pai prestes a decidir acerca da educação de seu filho.

Gabarito “A”

(VUNESP – 2008) Leia a charge.



(www.chargeonline.com.br)

Analise as afirmações.

- I. A charge ironiza a falta de professores nas escolas.
- II. O fato de o aluno fazer a chamada justifica a afirmação I.
- III. Quanto à concordância, está correta a frase – *Faltaram o professor de Matemática, o de Português e o de História*.
- IV. As palavras acentuadas na charge seguem a mesma regra de acentuação.

Estão corretas apenas as afirmações

- (A) I e II.
(B) I e III.
(C) III e IV.
(D) I, II e III.
(E) I, II e IV.

I e II: há ironia, pois, como sabemos, são os professores que fazem chamadas, não os alunos. Trata-se de crítica às faltas constantes desses profissionais em sala de aula; III: “Faltaram” concorda com o sujeito composto “o professor de Matemática, o de Português e o de História”; IV: são regras distintas de acentuação. “Matemática” – acentua-se a paroxítona; “português” – acentua-se a oxítona terminada em “e”, mesmo quando seguida de “s”; “história” – acentua-se a paroxítona terminada em ditongo.

Gabarito “D”

Autoridades sanitárias sentenciam o produto à morte, ao proibirem o uso de leite cru na sua fabricação

Uma grande falácia da modernidade se esconde sob a discussão da qualidade dos alimentos que ingerimos, a exemplo do que se verificou entre nós, em fins do ano passado, com a condenação quase unânime da adição de soda cáustica ao leite dito “longa vida”; ou a exemplo da intolerância histórica das autoridades sanitárias com o “queijo minas” feito com leite cru – como os mineiros crêem que deva ser e fazem há séculos –, agora ameaçado de morte por uma possível proibição total do uso de leite cru em produtos lácteos.

Não é possível imaginar a França sem o seu *camembert* de leite cru. Ele se tornou um ponto de honra do orgulho nacional contra o abuso das negociações do Gatt, em 1993, que queriam abolir a comercialização mundial de queijos de leite cru. Os franceses se puseram em pé de guerra e venceram.

“Criei meus filhos com queijo de leite cru, e estão todos fortes, graças a Deus. O que esses caras de Brasília entendem de saúde?” Afora essa indignação do velho produtor, não nos parece grave ficar sem o queijo do Serro, o queijo da Canastra ou o queijo de Araxá – todos “queijos minas” de leite cru, produzidos em várias microrregiões do Estado de Minas Gerais. Se fosse grave, estaríamos em pé de guerra como os franceses. Matar um produto tradicional, apreciado, equivale a liquidar parte do nosso prazer ao comer e nos empobrece culturalmente.

Mas governo não é coisa uniforme; não raro, é desorientador. Enquanto, com uma mão, tomba o queijo do Serro e o declara “patrimônio nacional”, com a outra nega aos produtores o registro do serviço de inspeção sanitária (SIF) para o produto circular nacionalmente.

Ao se cozer o leite, elimina-se microorganismos únicos e se perde a especificidade do produto. Para escapar a essa morte, o “queijo minas” de leite cru sai de Minas Gerais para uma longa viagem ilegal, clandestina, cheia de peripécias que envolvem a polícia, o fisco e o mercado informal das grandes cidades. Como pensar e fruir o “patrimônio nacional”, se ele está condenado à clandestinidade?

(www.p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2968,1.shl, acessado em 08/04/2008)

(VUNESP – 2008) Ao tratar da proibição total do uso de leite cru em produtos lácteos, o autor

- (A) deixa evidente que as decisões governamentais são necessárias para coibir atos ilegais, certamente comprometedores da saúde pública, como aconteceu na França e acontece em Minas Gerais.
- (B) revela-se respeitado como cidadão, que tem garantida a sua alimentação saudável por meio de decisões governamentais que, embora polêmicas, são necessárias.
- (C) enaltece a possível decisão governamental, que para ele dará conta da necessidade de fiscalização eficiente que garanta a eliminação da clandestinidade que envolve a polícia, o fisco e o mercado informal das grandes cidades.
- (D) entende que a possível decisão é, de fato, necessária e sustenta seu ponto de vista citando fatos ocorridos na França na década de 90, quando houve lá proibição semelhante à vivenciada em Minas Gerais.
- (E) questiona a possível decisão governamental, que não lhe parece a mais acertada, pois ele considera o queijo minas um patrimônio da cultura brasileira e defende a sua prazerosa degustação.

A, B, C e D: incorretas, pois o texto é claramente crítico em relação à possível decisão governamental; **E:** correta, pois a assertiva é a única que reflete o teor crítico do texto.

(VUNESP – 2008) Ao citar a situação vivenciada pela França, o autor sugere que o Brasil

- (A) segue com mais respeito e vigor as determinações legais, ao contrário da França.
- (B) poderá reverter a possível proibição, se as pessoas se mobilizarem e o exigirem.
- (C) não precisa se preocupar com a possível proibição, pois ela será revogada posteriormente.
- (D) tem um queijo melhor que o francês, por isso a lei mudará.
- (E) deixará de produzir queijo com leite cru, importando-o da França.

O autor cita a França como exemplo de mobilização e protesto do povo contra a política governamental que visava a proibir a produção e a comercialização de determinado alimento. Na França, a oposição deu certo. Caso o brasileiro entenda que a possível decisão governamental seja grave, poderá protestar como os franceses (o autor é irônico, pois afirma que não houve protesto, pois “não nos parece grave ficar sem o queijo”).

(VUNESP – 2008) No quarto parágrafo, quando cita as ações do governo, o autor mostra-as como

- (A) fundamentadas.
- (B) emergenciais.
- (C) imprescindíveis.
- (D) visionárias.
- (E) contraditórias.

No trecho “Mas governo não é coisa uniforme; não raro, é desorientador”, o autor refere-se às ações governamentais contraditórias que relatará a seguir: tombamento do queijo (proteção por conta de seu valor cultural, histórico etc.) e, ao mesmo tempo, não-concessão de registro aos produtores.

O tempo que passa e o tempo que não passa

É muito comum pensar no tempo como tempo sequencial, como categoria ordenadora que organiza os acontecimentos vividos numa direção com passado, presente e futuro, um tempo irreversível, a flecha do tempo, um tempo que passa. Também estamos acostumados a pensar na memória como um arquivo que guarda um número significativo de lembranças, semelhante a um sótão que aloca uma quantidade de objetos de outros momentos da vida, que lá ficam quietos, guardados, disponíveis para o momento no qual precisamos deles e queremos reencontrá-los. No entanto, a forma na qual a psicanálise pensa o tempo e a memória está muito distante desta maneira de concebê-los. Na psicanálise, tanto o tempo quanto a memória só podem ser considerados no plural. Há temporalidades diferentes funcionando nas instâncias psíquicas e a memória não existe de forma simples: é múltipla, registrada em diferentes variedades de signos. Há um tempo que passa, marcando com a sua passagem a caducidade dos objetos e a finitude da vida. A ele Freud se refere no seu curto e belo texto de 1915, “A transitoriedade”, no qual relata um encontro acontecido dois anos antes, em agosto de 1913, em Dolomitas, na Itália, num passeio pela campina na companhia de um poeta. Ambos dialogam sobre o efeito subjetivo que a caducidade do belo produz. Enquanto para o poeta a alegria pela beleza da natureza se vê obscurecida pela transitoriedade do belo, para Freud, ao contrário, a duração absoluta não é condição do valor e da significação para a vida subjetiva. O desejo de eternidade se impõe ao poeta, que se revolta contra o luto, sendo a antecipação da dor da perda o que obscurece o gozo. Freud, que está escrevendo este texto sob a influência da Primeira Guerra Mundial, insiste na importância de fazer o luto dos perdidos renunciando a eles, e na necessidade de retirar a libido que se investiu nos objetos para ligá-la em substitutos. São os objetos que passam e, às vezes, agarrar-se a eles nos protege do reconhecimento da própria finitude. Porém, a guerra e a sua destruição exigem o luto e nos confrontam com a transitoriedade da vida, o que permite reconhecer a passagem do tempo.

(Leonor Alonso Silva, *Revista Cult*, Abril 2006)

(VUNESP – 2006) De acordo com o texto, na psicanálise, a concepção de tempo e de memória

- (A) é considerada em sua multiplicidade, pois ambos constituem acontecimentos vividos, organizados e guardados de forma significativa como arquivos.
- (B) implica analisar os fatos vividos organizados num tempo irreversível considerando-se o passado, o presente e o futuro.
- (C) refere-se a vivências diferenciadas, independentemente da sequência dos acontecimentos, o que as torna múltiplas.
- (D) relaciona-se com a forma como as pessoas selecionam as experiências vividas e arquivadas de forma irreversível em suas mentes.
- (E) revela a forma como as pessoas organizam suas experiências, que são arquivadas e devem ser mantidas quietas para não se abalar o equilíbrio emocional.

Fora do âmbito da psicanálise, o tempo é organizado de acordo com a ordem cronológica em que os acontecimentos são vividos (passado, presente e futuro). Já a memória deve ser pensada como um arquivo. De acordo com a psicanálise, a concepção de tempo e de memória “refere-se a vivências diferenciadas, independentemente da sequência dos acontecimentos, o que as torna múltiplas.” “Na psicanálise, tanto o tempo como a memória só podem ser considerados no plural (...) a memória não existe de forma simples: é múltipla, registrada em diferentes variedades de signos.”

(VUNESP – 2006) Segundo o texto, é correto afirmar que a noção de caducidade dos objetos e de finitude da vida é apreendida de forma

- (A) idêntica entre o poeta e Freud, pois ambos reconhecem que a alegria pela beleza da natureza se vê obscurecida pela transitoriedade do belo.

- (B) diferente pelo poeta e por Freud, pois este reconhece a necessidade de se apreender a perda e a transitoriedade, enquanto aquele vê a alegria atrelada ao desejo de eternidade.
- (C) oposta pelo poeta e por Freud, pois este, apesar de reconhecer a necessidade do luto, incomoda-se pelo fato de a transitoriedade do belo obscurecer a alegria, o que aquele não reconhece.
- (D) muito parecida entre o poeta e Freud, pois ambos entendem como necessário para reconhecer a passagem do tempo a consciência de que a beleza da natureza se veja obscurecida pela transitoriedade do belo.
- (E) contrária pelo poeta e por Freud, pois este reconhece a necessidade imposta pelo desejo de eternidade como forma de se entender a transitoriedade do belo, vista por aquele como forma de reconhecer a passagem do tempo.

Para responder a essa questão, prestar atenção aos pronomes e se atentar a qual nome eles se referem. De acordo com o texto, Freud reconhece a necessidade de se apreender à perda e a transitoriedade e o poeta vê a alegria atrelada ao desejo de eternidade.

Gabário "B."

(VUNESP – 2006) De acordo com o texto, fora do âmbito da psicanálise, as pessoas normalmente pensam o tempo considerando-se, sobretudo, a sua

- (A) linearidade.
 (B) finitude.
 (C) incompletude.
 (D) reversibilidade.
 (E) pluralidade.

Fora do âmbito da psicanálise, o tempo é organizado de acordo com a ordem cronológica em que os acontecimentos são vividos (passado, presente e futuro), desse modo considera-se a linearidade.

Gabário "A."

Atendendo a provocações, volto a comentar o inominável assassinato do casal de namorados Liana Friedenbach e Felipe Caffé, desta vez _____ aspecto da lei. A tarefa que me cabe não é das mais agradáveis, pois ao sustentar que não se reduza a maioria penal para 16 anos, como muitos agora exigem, estarei de algum modo defendendo o menor Xampinha, _____ atos estão além de qualquer defesa. O que de certa forma me tranquiliza é a convicção _____ princípios existem para serem preservados contra exceções. E os crimes de Embu-Guaçu foram justamente uma trágica exceção.

(Hélio Schwartzman, "Crimes e Castigos". Em: www.folha.uol.com.br, 20.11.2003. Adaptado)

(VUNESP – 2012) De acordo com o autor, os atos do menor Xampinha são

- (A) indefensáveis.
 (B) amparados pela lei.
 (C) arroubos juvenis.
 (D) legítimos.
 (E) princípios contra exceções.

Diz o autor que os atos de Xampinha estão "além de qualquer defesa", logo são indefensáveis.

Gabário "A."

(VUNESP – 2012) No que diz respeito à redução da maioria penal, o autor deixa claro que ela

- (A) se tornou uma urgência, pois a exceção virou regra.
 (B) é forma eficaz de combate à onda de violência.
 (C) não é desejável, mas é inevitável nesta sociedade.
 (D) não deve ser efetivada, pois fere certos princípios.
 (E) não é possível em uma sociedade de trágicas exceções.

O autor é expressamente contra a redução da maioria penal, porque ela fere princípios (apesar de não dizer quais, ao menos não no trecho transcrito no enunciado). Para ele, tais princípios devem prevalecer sobre a exceção.

Gabário "D."

2. VERBO

Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux" (*): sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinel; encostado à parede, mármoreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: "Amigô?!", "Chefé?!", "Parceirô?!"; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre.

Eu disse "cliente paulista", percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?". [...] Como pode ele entender que o fato de estar pagando não garantirá a atenção do garçom carioca? Como pode o ignóbil paulista, nascido e criado na crua batalha entre burgueses e proletários, compreender o discreto charme da aristocracia?

Sim, meu caro paulista: o garçom carioca é antes de tudo um nobre. Um antigo membro da corte que esconde, por trás da carapinha entediada, do descaso e da gravata borboleta, saudades do imperador. [...] Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20: levou gim tônicas para Vinicius e caipirinhas para Sinatra, uísques para Tom e leites para Nelson, recebeu gordas gorjetas de Orson Welles e autógrafos de Rockefeller; ainda hoje fala de futebol com Roberto Carlos e ouve conselhos de João Gilberto. Continua tão nobre quanto sempre foi, seu orgulho permanece intacto.

Até que chega esse paulista, esse homem bidimensional e sem poesia, de camisa polo, meia soquete e sapatênis, achando que o jacarezinho de sua Lacoste é um crachá universal, capaz de abrir todas as portas. Ah, paulishhhhta otááário, nenhum emblema preencherá o vazio que carrega no peito – pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante, a caminho do banheiro, e ali esquecê-lo para todo o sempre.

Veja, veja como ele se debate, como se debaterá amanhã, depois de amanhã e até a Quarta-Feira de Cinzas, maldizendo a Guanabara, saudoso das várzeas do Tietê, onde a desigualdade é tão mais organizada: "Ô, companheirô, faz meia hora que eu cheguei, dava pra ver um cardápio?!". Acalme-se, conterrâneo. Acostume-se com sua existência plebeia. O garçom carioca não está aí para servi-lo, você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.

(Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. *Folha de S. Paulo*, 06.02.2013)

(* Um tipo de coreografia, de dança.

Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Nesse contexto, o verbo *estereotipar* tem sentido de

- (A) considerar ao acaso, sem premeditação.
 (B) aceitar uma ideia mesmo sem estar convencido dela.
 (C) adotar como referência de qualidade.
 (D) julgar de acordo com normas legais.
 (E) classificar segundo ideias preconcebidas.

Estereótipo é a imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação, logo a alternativa que corresponde ao sentido do verbo é a E.

Gabário "E."

Leia o texto abaixo e responda à questão.

Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade, na qual a informação é disposta em um ambiente no qual pode ser acessada de forma não linear. **Isso** acarreta uma textualidade que funciona por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.

Quando o cientista Vannevar Bush, na década de 40, concebeu a ideia de hipertexto, pensava, na verdade, na necessidade de substituir os métodos existentes de disponibilização e recuperação de informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica, que eram lineares, por sistemas de indexação e arquivamento que funcionassem por associação de ideias, seguindo o modelo de funcionamento da mente humana. O cientista, ao que parece, importava-se com a criação de um sistema que fosse como uma “máquina poética”, algo que funcionasse por analogia e associação, máquinas que capturassem o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

Parece não ser obra do acaso que a ideia inicial de Bush tenha sido conceituada como hipertexto 20 anos depois de seu artigo fundador, exatamente ligada à concepção de um grande sistema de textos que pudessem estar disponíveis em rede. Na década de 60, o cientista Theodor Nelson sonhava com um sistema capaz de disponibilizar um grande número de obras literárias, com a possibilidade de interconexão entre elas. Criou, então, o “Xanadu”, um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo, numa rede de publicação hipertextual universal e instantânea. Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto deveria ser um enorme arquivo virtual.

(Disponível em: <<http://www.pucsp.br/~cimid/4lit/longhi/hipertexto.htm>>. Acesso em: 05 fev 2013. Adaptado)

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa contendo a frase do texto na qual a expressão verbal destacada exprime possibilidade.

- (A) ... o cientista Theodor Nelson sonhava com um sistema capaz de **disponibilizar** um grande número de obras literárias...
- (B) Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto **deveria** ser um enorme arquivo virtual.
- (C) Isso acarreta uma textualidade que **funciona** por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.
- (D) Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito **está ligado** a uma nova concepção de textualidade...
- (E) **Criou**, então, o “Xanadu”, um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo...

A: incorreta, pois o verbo *disponibilizar* exprime uma liberação, provisão de obras; **B:** correta, pois o verbo *deveria* funciona como sugestão de algo possível de ser feito; **C:** incorreta, pois *funciona* exprime o ato de exercer, atuar; **D:** incorreta, pois o termo *está ligado* indica um elo entre os termos *conceito* e *nova concepção*, sem o entendimento de que este seja possibilitado por aquele; **E:** incorreta, pois *criar* exprime o ato de gerar e não de possibilitar.

..B.. Gabarito

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma-padrão.

- (A) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.
- (B) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.
- (C) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.
- (D) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...
- (E) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

A: correta, pois ambos os verbos estão corretamente conjugados no plural e em concordância com seus sujeitos; **B:** incorreta, pois o certo seria *se o réu se mantiver*; **C:** incorreta, pois o correto seria *aos que se dispuserem*; **D:** incorreta, pois o correto seria *quando o virem*; **E:** incorreta, pois o correto seria *que a requiera*.

..A.. Gabarito

(Escrevente Judiciário – 2008 – VUNESP) Analise as frases.

- I. Se tu me convidares para jantar e tocares uma de minhas canções para me agradar, juro que vou embora.
- II. Se Vossa Excelência me convidais para jantar e tocais uma de minhas canções para me agradares, juro que vou embora.
- III. Se Sua Senhoria me convidardes para jantar e tocades uma de minhas canções para me agradardes, juro que vou embora.

Quanto à forma de tratamento e a flexão verbal, está(ão) correta(s) apenas:

- (A) I.
(B) II.
(C) III.
(D) I e II.

O verbo concorda com o sujeito. I: o sujeito dos verbos *convidar* e *tocar* está na 2ª pessoa do singular. Os verbos estão conjugados na 2ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo; II: o pronome de tratamento *Vossa Excelência* pede que o verbo concorde na 3ª pessoa do singular (“Se Vossa Excelência me **convida** para jantar e **toca** uma de minhas canções para me **agradar**, juro que vou embora.”). Na oração original, os verbos *convidar* e *tocar* estão conjugados na 2ª pessoa do plural do presente do indicativo. A forma nominal pessoal *agradardes* está conjugada na 2ª pessoa do singular; III: o pronome de tratamento *Sua Senhoria* pede que o verbo concorde na 3ª pessoa do singular (“Se Sua Senhoria me **convidar** para jantar e **tocar** uma de minhas canções para me **agradar**, juro que vou embora.”). Na oração original, os verbos *convidare* e *tocar* estão conjugados na 2ª pessoa do futuro do pretérito. A forma nominal pessoal *agradardes* está conjugada na 2ª pessoa do plural.

..A.. Gabarito

(Escrevente Judiciário – 2008) Na primeira pessoa do plural, a frase *Prepare-se para morrer* assume a seguinte forma:

- (A) Preparem para morrermos!
(B) Preparemo-nos para morre!
(C) Preparem-se para morrermos!
(D) Preparamos-nos para morrer!

O verbo *preparar* na oração “Prepare-se para morrer” está conjugado na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo. A forma do verbo na 1ª pessoa do plural é “Preparemo-nos”.

..B.. Gabarito

(VUNESP – I) Assinale a alternativa em que ambas as frases estão gramaticalmente **corretas**.

- (A) 1- João foi a Itália, mas não à Roma dos Césares. 2- Estudou muito e, por isso, foi aprovado no concurso.
- (B) 1- Durante a audiência, o advogado não entrevistou uma só vez. 2- Se vocês virem Luiz, avisem-me, por favor.
- (C) 1- No clube havia lugares para todos os sócios. 2- O governo visa ao bem-estar social do povo.
- (D) 1- Vou à escola no período da manhã. 2- O caso adequa-se ao estabelecido na lei.

A: 1- João foi à (necessário uso da crase por conta da regência do verbo *ir*) Itália, mas não à Roma dos Césares; **B:** 1- o verbo *entrevir* é conjugado semelhante ao verbo *vir*. Assim, teremos a conjugação no pretérito perfeito: *entrevim, entrevieste, interveio, entrevistamos, entrevistastes, entrevistaram* (1- ... o advogado não **entrevieio** uma só vez); 2- trata-se do verbo *ver*, corretamente conjugado nessa oração, no futuro do subjuntivo (*vir, vires, vir, virmos, virdes, virem*); **C:** o verbo *haver* no sentido de existir é impessoal e deve ser mantido no singular; 2- está correta a conjugação e regência do verbo *visar*; **D:** o verbo *adequar* é defectivo, isto é, não possui certas formas. No caso do verbo *adequar* ou *adequar-se*, não existem as formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular; 3ª pessoa do plural do presente do indicativo e todas as formas do presente do subjuntivo (além dos imperativos, exceto a 2ª pessoa do plural do afirmativo – *adequai*). Esse verbo é mais empregado no participio ou no infinitivo: “O caso é adequado ao estabelecido na lei.” ou “O caso deve se adequar ao estabelecido na lei.”

..C.. Gabarito

(VUNESP – I) Assinale a alternativa **correta** para a colocação dos verbos nos espaços vazios da frase seguinte. Se você _____ João, diga-lhe que Paulo _____ na ação por ele proposta, tão somente por lhe _____.

- (A) ver - reconveio - aprouver
(B) vir - reconveio - aprazer
(C) ver - reconviu - aprouver
(D) vir - reconviu - aprazer

Trata-se da conjugação do verbo *ver* no futuro do subjuntivo (*vir, vires, vir, virmos, virdes, virem*), dos verbos *reconvir* (conjugado semelhante ao verbo *vir*: *reconvim, reconvieste, reconveio, reconviemos, reconviestes, reconviaram*) no pretérito perfeito do indicativo e da forma nominal do verbo *aprazer*.

..B.. Gabarito

(VUNESP – II) Há **erro** de conjugação verbal na frase:

- (A) Eu me precavejo contra os riscos do mercado financeiro.
(B) A direção quer que você medeie o debate.
(C) Ele sempre proveu às necessidades da casa.
(D) Ele reouve tudo o que perdera.

O verbo *precaver* é defectivo, não existe a forma “*precajevo*” (não existem as formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, todas as formas do presente do subjuntivo, além dos imperativos, exceto a 2ª pessoa do plural do afirmativo – *precavei*). Deve-se reescrever a oração: “Eu devo me *precaver* contra os riscos do mercado financeiro”.

Gabarrão “A”

(VUNESP – III) Assinale a alternativa em que, aplicando os verbos *haver* e *fazer* de forma impessoal, a frase está **correta**.

- (A) Haviam poucos alunos em sala.
- (B) Isto tudo ocorreu a tempos.
- (C) Faz dias que isto tudo ocorreu.
- (D) Faziam horas que ninguém se manifestava.

A: incorreta, pois o verbo *haver* no sentido de existir é impessoal e se mantém no singular (“Havia poucos alunos em sala.”); **B:** incorreta, pois o verbo *haver* também é usado no sentido de tempo decorrido (“Isto tudo ocorreu há tempos.”); **C:** correta **D:** incorreta, pois o verbo *fazer* com a ideia de tempo é impessoal e mantém-se no singular (“Fazia horas que ninguém se manifestava”).

Gabarrão “C”

(VUNESP – III) Indique a primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *viger*:

- (A) vigo.
- (B) vigoro.
- (C) vijo.
- (D) nenhuma das anteriores.

Tradicionalmente, o verbo *viger* é defectivo. Não existem as formas: 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (eu --, tu viges, ele vige, nós vigemos, vós vigeis, eles vigem), o presente do subjuntivo também é inexistente assim como as 3ª pessoas do imperativo afirmativo, além de todo o negativo. Porém há gramáticos e linguistas (por exemplo, Houaiss) que consideram o verbo *viger* regular, levando em consideração a mutação da língua e os novos usos que vão surgindo.

Gabarrão “D”

O tempo que passa e o tempo que não passa

É muito comum pensar no tempo como tempo sequencial, como categoria ordenadora que organiza os acontecimentos vividos numa direção com passado, presente e futuro, um tempo irreversível, a flecha do tempo, um tempo que passa. Também estamos acostumados a pensar na memória como um arquivo que guarda um número significativo de lembranças, semelhante a um sótão que aloca uma quantidade de objetos de outros momentos da vida, que lá ficam quietos, guardados, disponíveis para o momento no qual precisamos deles e queremos reencontrá-los. No entanto, a forma na qual a psicanálise pensa o tempo e a memória está muito distante desta maneira de concebê-los. Na psicanálise, tanto o tempo quanto a memória só podem ser considerados no plural. Há temporalidades diferentes funcionando nas instâncias psíquicas e a memória não existe de forma simples: é múltipla, registrada em diferentes variedades de signos. Há um tempo que passa, marcando com a sua passagem a caducidade dos objetos e a finitude da vida. A ele Freud se refere no seu curto e belo texto de 1915, “A transitoriedade”, no qual relata um encontro acontecido dois anos antes, em agosto de 1913, em Dolomitas, na Itália, num passeio pela campina na companhia de um poeta. Ambos dialogam sobre o efeito subjetivo que a caducidade do belo produz. Enquanto para o poeta a alegria pela beleza da natureza se vê obscurecida pela transitoriedade do belo, para Freud, ao contrário, a duração absoluta não é condição do valor e da significação para a vida subjetiva. O desejo de eternidade se impõe ao poeta, que se revolta contra o luto, sendo a antecipação da dor da perda o que obscurece o gozo. Freud, que está escrevendo este texto sob a influência da Primeira Guerra Mundial, insiste na importância de fazer o luto dos perdidos renunciando a eles, e na necessidade de retirar a libido que se investiu nos objetos para ligá-la em substitutos. São os objetos que passam e, às vezes, agarrar-se a eles nos protege do reconhecimento da própria finitude. Porém, a guerra e a sua destruição exigem o luto e nos confrontam com a transitoriedade da vida, o que permite reconhecer a passagem do tempo.

(Leonor Alonso Silva, Revista *Cult*, Abril 2006.)

(VUNESP – 2006) Considerando-se a regência, o emprego e a colocação pronominal, assinale a alternativa em que as orações em destaque no trecho – lá ficam quietos, guardados, disponíveis para o momento no qual precisamos deles e queremos reencontrá-los. – estão corretamente reescritas.

- (A) ... no qual buscamos-los e queremos rever-lhes.
- (B) ... no qual buscamos-lhes e queremos rever-lhes.
- (C) ... no qual lhes buscamos e queremos revê-los.
- (D) ... no qual os buscamos e queremos revê-los.
- (E) ... no qual buscamos-los e queremos-los rever.

A, B e C: incorretas, pois o verbo *buscar* e a locução verbal *queremos rever* agem como verbos transitivos diretos. Os objetos desses verbos serão também diretos e representados pelo pronome *o* (*los*). **D:** correta, pois nas locuções verbais em que o verbo principal (*rever*) está no infinitivo ocorre a ênclise “no qual os buscamos e queremos revê-los”.

Gabarrão “D”

(VUNESP – 2006) Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal e verbal.

- (A) Pensam-se os aspectos do tempo e da memória não de forma sequencial, mas sim de forma múltipla.
- (B) Quando Freud escreveu “A transitoriedade”, faziam dois anos que tivera o memorável encontro com o poeta.
- (C) As questões relativa à vida subjetiva marca a forma de o homem analisar a caducidade dos objetos.
- (D) Existe, funcionando nas instâncias psíquicas, temporalidades diferentes.
- (E) Entende-se comumente a memória como bastante lembranças que se guarda numa espécie de sótão.

A: correta, pois o verbo *pensar* é transitivo direto nessa alternativa. O pronome *se* é apassivador e o verbo está concordando com o sujeito. Veja a oração na voz ativa: *Os aspectos do tempo e da memória são pensados de forma sequencial*: “Pensam-se os aspectos do tempo e da memória não de forma sequencial, mas sim de forma múltipla.”; **B:** incorreta, pois o verbo *fazer* no sentido de tempo decorrido é impessoal, não tem sujeito e, por isso, mantém-se na 3ª pessoa do singular: “Quando Freud escreveu ‘A transitoriedade’, fazia dois anos que tivera o memorável encontro com o poeta.”; **C:** incorreta, pois a palavra *relativas* concorda com a palavra *questões* em gênero e número: “As questões relativas à vida subjetiva marcam [concorda com o sujeito “As questões”] a forma de o homem analisar a caducidade dos objetos.”; **D:** incorreta, pois o verbo sempre concorda com o sujeito. O sujeito do verbo *existir* é “temporalidades diferentes”: “Existem, funcionando nas instâncias psíquicas, temporalidades diferentes.”; **E:** incorreta, pois a palavra *bastante* concorda com *lembranças*. O verbo *guardar* tem que concordar com “bastantes lembranças”: “Entende-se comumente a memória como bastantes lembranças que se guardam numa espécie de sótão.”

Gabarrão “A”

(VUNESP – 2012) Leia a charge.



(Gazeta do Povo, 03.03.2012)

Sobre a flexão dos verbos “intermediar” e “negociar”, na fala da personagem, é correto afirmar que

- (A) a primeira deveria ser substituída por “intermede”; a segunda está correta.
- (B) ambas estão incorretas. Corrigindo, tem-se “intermedia” e “negocia”.
- (C) a primeira, no presente, é “intermediá”; a segunda, “negoceia”.
- (D) ambas estão incorretas, pois o acento muda o tempo verbal.
- (E) a forma correta da primeira é sem acento e a da segunda é “negocia”.

A terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "intermediar" é "intermedeia", sem acento. Quanto a "negociar", a questão merece críticas. A flexão da terceira pessoa do singular do presente do indicativo pode ser feita de duas maneiras, ambas corretas: "negocia" (mais comum no Brasil) e "negoceia", sem acento (mais comum em Portugal). Por exclusão, somente poderíamos chegar à alternativa "E", considerada correta pelo gabarito oficial. Porém, ela dá a entender que somente a forma "negocia" é aceitável, o que não é verdade.

„E.“
Gabarito

O número de passageiros transportados por metrô e trens _____ em 1,2 milhão em 2011. O ritmo de incremento, **contudo**, _____ sido mais veloz do que a modernização da malha. **Embora** não seja o único aspecto a apresentar problemas, o sistema elétrico está defasado. A elevação no número de passageiros é fruto da demanda reprimida por transporte de qualidade na Grande São Paulo. E não _____, para _____, os investimentos previstos em trens e metrô.

(Folha de S.Paulo, 31.03.2012. Adaptado)

(VUNESP – 2012) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

- (A) aumentaram ... tem ... basta ... atendê-la
(B) aumentou ... têm ... bastam ... atendê-los
(C) aumentaram ... têm ... basta ... atender-lhe
(D) aumentou ... tem ... bastam ... atendê-la
(E) aumentaram ... tem ... bastam ... atender-lhes

O verbo na primeira lacuna deve estar no singular para concordar com "o número" ("aumentou"). Na segunda também, para concordar com "o ritmo" ("tem"). Na terceira, vamos para o plural ("bastam"), para concordar com "os investimentos". A última é uma questão de pronome. "Atender" é verbo transitivo direto, portanto devemos usar o pronome "a", que se refere a "demanda".

„D.“
Gabarito

3. REDAÇÃO, COESÃO E COERÊNCIA

(Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP – 2011 – VUNESP) Leia o que segue.

- I. Há bastante motivos para se preocupar com o vazamento de informações.
- II. O assessor de Karzai trouxe anexo as encomendas solicitadas.
- III. A embaixadora americana apresentou um relatório aos diplomatas e ela mesmo criticou o príncipe Edward.
- IV. Winston Churchill e outros líderes que marcaram seus nomes na história venceram bastantes batalhas.

De acordo com a norma padrão da língua, está correto apenas o contido em

- (A) I.
(B) II.
(C) III.
(D) IV.
(E) II e IV.

I: "Há **bastantes** motivos" – nesse caso a palavra bastante é pronome indefinido. Se fosse advérbio, seria invariável; II: "**anexas** as encomendas" – o adjetivo concorda com o substantivo em número e gênero; III: "ela **mesma**" o adjetivo concorda com o pronome pessoal do caso reto em gênero e número; IV: está correta.

„D.“
Gabarito

(Escrevente Judiciário – 2008 – VUNESP) ... passou anos estudando as religiões afro-brasileiras. Os termos que fazem o plural da mesma forma que religião (religiões) são:

- (A) capitão e mamão.
(B) cirurgião e negação.
(C) limão e pão.
(D) mão e pão.

A: incorreta, pois seriam capitães e mamões; **B:** correta, cirurgiões e negações; **C:** incorreta, pois seriam limões e pães; **D:** incorreta, pois seriam mãos e pães.

„B.“
Gabarito

Um *historiador* nordestino continua criticando o Rio *por dar destaque* às comemorações do bicentenário da chegada da corte *portuguesa* ao Brasil. Segundo o mestre do nosso setentrião, que *nesse* particular é acompanhado por mestres de outros Estados, inclusive de São Paulo, a badalação sobre a vinda de fugitivos de Napoleão é apenas uma jogada de marketing, destinada a encobrir as mazelas de uma cidade que *deveria* estar preocupada em combater a violência urbana, que *envergonha* não *apenas* a cidade mas o país inteiro.

(Analista – TJ/MT – 2008 – VUNESP) Ao estabelecer a coesão no início do parágrafo, a preposição *por* introduz, com relação à oração anterior, uma ideia de

- (A) hipótese.
(B) concessão.
(C) conformidade.
(D) causa.
(E) oposição.

O motivo da crítica está no fato de o Rio dar "destaque às comemorações". Desse modo, a preposição *por* introduz uma ideia de causa.

„D.“
Gabarito

(VUNESP – II) Indique a frase que contém a abreviatura **correta**.

- (A) Ele deveria partir às 18hs.
(B) O estábulo ficava a 20 mts. da casa sede.
(C) Requeiro a V.Excia. a reconsideração do despacho.
(D) Ele mora perto da P. da República.

A: incorreta, pois o certo seria 18h; **B:** incorreta, pois o certo seria 20 m (nenhuma abreviatura do sistema métrico decimal tem ponto ou plural); **C:** incorreta, pois o certo seria V. Exa.; **D:** correta, usa-se inicial maiúscula nos nomes de logradouros públicos (P. ou Pça.).

„D.“
Gabarito

(VUNESP – III) Indique a palavra **corretamente** grafada.

- (A) Noso-grafia.
(B) Geo-ciência.
(C) Mixo-zoário.
(D) Licença-paternidade.

A, B e C: incorretas, pois as palavras nosografia, geociência e mixozóario são escritas sem o hífen. **D:** correta, pois os substantivos licença e paternidade quando unidos por hífen formam o substantivo composto licença-paternidade.

„D.“
Gabarito

(VUNESP – VI) Assinale a alternativa que completa, **correta** e respectivamente, as lacunas da frase.

- Ele casou-se _____ em sem providenciar o _____ .
(A) primeira núpcia ... pacto antenupcial
(B) primeiras núpcias ... pacto antenupcial
(C) primeiras núpcias ... pacto antinupcial
(D) primeira núpcia ... pacto ante-nupcial

A palavra *núpcias* é escrita somente no plural. O prefixo *ante-* carrega a ideia de anterioridade ("antes de"), já o prefixo *anti-* nos dá a noção de oposição ou contrariedade.

„B.“
Gabarito

(VUNESP – V) Na expressão – "Em se tratando de regra restritiva, a ausência de expressa proibição não autoriza o intérprete a _____, pois não há _____ em boa técnica como interpretar, normas restritivas." – Assinale a alternativa que completa, **correta** e respectivamente, as lacunas da frase.

- (A) extendê-la ... extensivamente
(B) estendê-la ... extensivamente
(C) extendê-la ... estensivamente
(D) estendê-la ... extensivamente

O verbo *estender* é grafado com "s". A palavra *extensiva* (significa aquilo que se aplica ou que é válido para um maior número de pessoas, objetos ou casos), enquanto que *extensão* (que significa o ato ou efeito de estender-se) e *extensivamente* são grafadas com a letra X.

„D.“
Gabarito

(VUNESP – VI) Assinale a alternativa que completa, **correta** e respectivamente, as lacunas da frase. João substabeleceu o _____ , _____ não confiava mais no advogado.

- (A) mandato ... por que
 (B) mandado ... porque
 (C) mandato ... porquê
 (D) mandado ... por quê

Mandato significa a autorização de um poder concedida a alguém. Já *mandado* é uma ordem, uma missão judicial ou administrativa. A segunda lacuna deve ser preenchida com a conjunção *porque* (veja tabela abaixo).

„C.“ Gabarito

porque	conjunção causal ou explicativa	João substabeleceu o mandato, porque não confiava mais no advogado.
porquê	substantivo	O porquê do substabelecimento foi a desconfiança de João.
por que	locução conjuntiva interrogativa (formada pela preposição <i>por</i> + pronome interrogativo). Equivale “por qual razão”, “por qual motivo”. É utilizado em interrogativas diretas ou indiretas.	Por que João substabeleceu o mandato? (interrogativa direta) O advogado quis saber por que [por qual motivo] João substabeleceu o mandato. (interrogativa indireta)
por que	pronome relativo	O motivo por que [pelo qual] o mandato foi substabelecido...
por quê	locução conjuntiva interrogativa (em fim de frase)	João substabeleceu o mandato. Por quê?

(VUNESP – VI) O plural da palavra que lhe é correspondente está **correto** em

- (A) Júnior ... Júniers
 (B) Gavião ... Gaviães
 (C) Mal ... Maus
 (D) Troféu ... Troféus

O plural dos substantivos forma-se com o acréscimo de: -s; -es; -ões ou -ães. **A:** incorreta, pois seria certo *júniores*; **B:** incorreta, pois seria certo *gaviões*; **C:** incorreta, pois o certo seria *males*. Há uma diferença entre *mau* e *mal*. A palavra “*mau*” é adjetivo e tem como plural “*maus*”. Já a palavra “*mal*” pode ser tanto advérbio quanto substantivo. “*Males*” é o substantivo “*mal*” pluralizado. Quando “*mal*” é advérbio, mantém-se sempre no singular, pois é invariável. **D:** correta.

„D.“ Gabarito

(VUNESP – III) Assinale a forma plural **incorreta**:

- (A) navio-escola = navios-escola.
 (B) boia-fria = boias-fria.
 (C) bate-boca = bate-bocas.
 (D) João-de-barro = João-de-barro.

Flexionam-se os dois elementos do substantivo composto formado por dois elementos variáveis (substantivo + adjetivo): boias-frias. Verifique a tabela abaixo.

Flexionam-se os 2 elementos (note que os substantivos, adjetivos e numerais são variáveis)	
substantivo + substantivo	tenentes-coronéis; cartas-bilhetes; obras-primas
substantivo + adjetivo	amores-perfeitos; boias-frias
adjetivo + substantivo	gentis-homens
numeral + substantivo	segundas-feiras
Flexiona-se somente o 1º elemento	
substantivo + preposição + substantivo	Joões-de-barro; pães-de-ló
substantivo + substantivo que funciona como determinante do primeiro, especificando sua função	navios-escola; banana-prata; salários-família
Flexiona-se somente o 2º elemento	
verbo + substantivo	bate-bocas; guarda-chuvas; guarda-roupas
palavra invariável + palavra variável	abaixo-assinados; alto-falantes
palavras repetidas ou imitativas	tico-ticos; reco-recos

„B.“ Gabarito

(VUNESP – III) Assinale a alternativa em que a forma do superlativo absoluto sintético está **correta**:

- (A) simples – simplérrimo.
 (B) pessoal – pessoalíssimo.
 (C) doce – docíssimo.
 (D) livre – libérrimo.

São dois os graus dos adjetivos, o comparativo e o superlativo. O superlativo denota que um ser: ou apresenta elevada determinada qualidade ou, em comparação à totalidade dos seres que possui a mesma qualidade, é aquele ser que se destaca. O superlativo absoluto sintético é expresso por uma só palavra (adjetivo + sufixo). **A:** incorreta, pois seria certo simplicíssimo ou simplíssimo; **B:** incorreta, pois o certo seria personalíssimo; **C:** incorreta, pois o certo seria dulcíssimo; **D:** correta, pois o certo é a forma “libérrimo”.

„D.“ Gabarito

(VUNESP – III) Das locuções adjetivas apresentadas, está **incorreta**:

- (A) de monstro – monstrengo.
 (B) de aluno – discente.
 (C) sem cheiro – inodoro.
 (D) de olho – ocular.

A: a assertiva incorreta, pois a locução é um conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como uma só. Nas locuções adjetivas, temos preposição + substantivo, dando a ideia de um adjetivo. A palavra “*monstrengo*” é um substantivo. O adjetivo correspondente é monstruoso. **B, C e D:** corretas.

„A.“ Gabarito

(VUNESP – III) Dos exemplos de locuções adjetivas que possuem adjetivo correspondente, indique qual é **incorreto**:

- (A) de visão – ótico.
 (B) de vida – vital.
 (C) de macaco – simiesco.
 (D) de igreja – eclesiástico.

A: assertiva incorreta pois o adjetivo ótico refere-se à orelha. Relativo a olho é óptico.

„A.“ Gabarito

(VUNESP – III) Quanto ao gênero do substantivo, indique qual é **feminino**:

- (A) a proclama.
 (B) a magazine.
 (C) a lança-perfume.
 (D) nenhum dos anteriores.

A, B e C: incorretas pois Proclama (anúncio), magazine (estabelecimento comercial; publicação) e lança-perfume (bisnaga carregada de éter perfumado) são substantivos masculinos. **D:** correta.

„D.“ Gabarito

(VUNESP – III) Assinale a formação **correta** do feminino dos adjetivos:

- (A) hindu – hindustana.
 (B) valentão – valentona.
 (C) ilhéu – ilhona.
 (D) sandeu – sandia.

A: incorreta pois o vocábulo hindu é adjetivo e substantivo de dois gêneros; **B:** incorreta, pois o feminino de valentão é valentona; **C:** incorreta, pois o feminino de ilhéu é ilhoa; **D:** correta, pois sandia é o feminino de sandeu (indivíduo que diz sandices, coisas sem nexos).

„D.“ Gabarito

(VUNESP – III) Indique o coletivo **correto** dos substantivos apresentados:

- (A) matilha – de lobos.
 (B) arquipélago – de ilhas.
 (C) manada – de porcos.
 (D) patuleia – de patos.

O coletivo indica um conjunto de seres ou de coisas da mesma espécie consideradas como um todo. **A:** incorreta, pois matilha é coletivo de cães, alcateia é o coletivo de lobos; **B:** correta. **C:** incorreta, pois manada é coletivo de bois. O coletivo de porcos é vara; **D:** incorreta, pois patuleia refere-se a povo, plebe; o coletivo de patos é bando.

„B.“ Gabarito

(VUNESP – II) Assinale a alternativa **correta**.

- (A) Entre mim e ti ficou tudo resolvido.
 (B) Leva consigo o que lhe pertence!
 (C) Por muitos anos ela permaneceu subjulgada aos caprichos do marido.
 (D) Damião estivera em Salvador a cinco anos atrás.

A: correta, pois pela tradição gramatical, as formas oblíquas tônicas (mim, ti, ele, ela, nós, vós, eles, elas) são empregadas depois da preposição *entre*. Não podem ser empregados os pronomes pessoais do caso reto (eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas). **B:** incorreta, pois devemos prestar atenção à conjugação do verbo *levar*. Em “*Leva consigo o que lhe pertence!*”, temos uma oração imperativa. O imperativo “*leva*” se refere a 2ª pessoa do singular “*tu*”. São duas as possibilidades de correção: “**Leva (tu) contigo o que te pertence!**” ou “**Leve (você) consigo o que lhe pertence.**”; **C:** incorreta, pois a forma verbal correta é *subjugar*; **D:** incorreta, pois o verbo *haver* pode indicar tempo decorrido (“... estivera em Salvador há cinco anos”).

Gabarito “A”.

4. CONCORDÂNCIA

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa contendo frase com redação de acordo com a norma-padrão de concordância.

- (A) Pensava na necessidade de ser substituído de imediato os métodos existentes.
 (B) Substituí-se os métodos de recuperação de informações que se ligava especialmente à pesquisa acadêmica.
 (C) No hipertexto, a textualidade funciona por sequências fixas que se estabeleceram previamente.
 (D) O inventor pensava em textos que já deveria estar disponíveis em rede.
 (E) Era procurado por ele máquinas com as quais pudesse capturar o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

A: incorreta, pois a locução verbal *ser substituído* está no singular enquanto *método* está no plural. **B:** incorreta, a palavra *métodos* está no plural quando deveria estar no singular; **C:** correta, verbo no plural concorda com o sujeito *sequências fixas*. **D:** incorreta, pois a locução verbal deveria estar no plural para concordar com o sujeito *textos*. **E:** incorreta, pois a locução verbal *era procurado* deveria estar no plural para concordar com máquinas, pois se invertermos as ordem da frase, teremos Máquinas eram procuradas por eles.

Gabarito “C”.

(Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP – 2011 – VUNESP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

- (A) Começaram as investigações pelas ações do jovem soldado.
 (B) Um jovem soldado e a WikiLeaks divulgou informações secretas.
 (C) Mais de um relatório diplomático vazaram na internet.
 (D) Repartições, investimentos, pessoas, nada impediram o jovem soldado.
 (E) Os telegramas relacionados com o Brasil foi, para o ministro Jobim, muito negativos.

A: correta, pois o sujeito do verbo *começar* é “as investigações”; **B:** incorreta, pois o sujeito do verbo *divulgar* é composto (“Um jovem soldado e a WikiLeaks divulgaram”); **C:** incorreta, pois quando temos “Mais de um”, o verbo concorda, em regra, no singular (“Mais de um relatório diplomático vazou”); **D:** incorreta, pois quando tempos sujeito resumido por um pronome com nada, tudo, ninguém, etc., o verbo concorda no singular (“...nada impediu”); **E:** incorreta, pois o sujeito do verbo *ir* é plural (“Os telegramas foram”).

Gabarito “A”.

(Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP – 2004 – VUNESP) De acordo com a norma culta, a concordância nominal e verbal está correta em:

- (A) As características do solo são as mais variadas possível.
 (B) A olhos vistos Lúcia envelhecia mais do que rapidamente.
 (C) Envio-lhe, em anexos, a declaração de bens solicitada.
 (D) Ela parecia meia confusa ao dar aquelas explicações.
 (E) Qualquer que sejam as dúvidas, procure saná-las logo.

A: incorreta, pois o certo seria “as mais variadas possíveis”; **B:** alternativa correta; **C:** incorreta, pois o certo seria “Envio-lhe, anexada, a declaração”; **D:** incorreta, pois o certo seria “Ela parecia meio [advérbio sempre invariável] confusa”; **E:** incorreta, pois quaisquer [concorda com dúvidas] que sejam as dúvidas”.

Gabarito “B”.

(VUNESP – II) Assinale a frase correta.

- (A) Haviam dez alunos na classe e uma multidão aguardavam no pátio.
 (B) Vão fazer dois anos que não vejo Maria e daqui há alguns meses, farei uma viagem para vê-la.
 (C) O público teria possibilidade de ver notáveis peças teatrais, se houvesse mais casas de espetáculos.
 (D) Não devem haver rasuras na escritura pública, e esse é o porquê de tanto cuidado.

A: incorreta, pois o verbo *haver* no sentido de existir é impessoal e mantém-se no singular (“**Havia** dez alunos”). Observe, também, que o verbo tem que concordar com o sujeito em “uma multidão aguardava”; **B:** incorreta, pois o verbo *fazer* com a ideia de tempo, é impessoal e mantém-se no singular (“**Vai fazer** dois anos”). Veja, também, que o verbo *haver* pode indicar tempo decorrido e a preposição *a* indica tempo futuro (“daqui **a** alguns meses”[futuro] e não “daqui **há** alguns meses”[passado]). **C:** correta, pois o verbo *haver* (**houvesse**) está corretamente empregado no singular, no sentido de existir; **D:** incorreta, mais uma vez o verbo *haver*, impessoal, no sentido de existir (“**Não deve haver** rasuras”).

Gabarito “C”.

(VUNESP – II) Assinale a frase correta.

- (A) Aluga-se casas.
 (B) Notam-se sinais de recuperação na economia.
 (C) No passado, não se recorriam aos processos como agora.
 (D) Precisam-se de vendedores.

Para responder a essa questão, lembrar que a palavra **se** pode ser agente apassivador, como nas alternativas A e B ou índice de indeterminação do sujeito, como nas alternativas C e D. Primeiro, veja como é feita a transposição das vozes verbais.

Para a transposição das vozes verbais, siga sempre o esquema:

- o verbo tem que ser transitivo direto;
- objeto da ativa = sujeito da passiva analítica;
- sujeito da ativa = agenda da passiva analítica;
- o verbo sempre se mantém no mesmo tempo e modo que o verbo da ativa;

VOZ VERBAL	SUJEITO	VERBO TRANSITIVO DIRETO	OBJETO DIRETO	AGENTE DA PASSIVA
ATIVA	Z	verbo concordando com o sujeito	Y	
Passiva analítica	Y	verbo <i>ser</i> no mesmo tempo e modo que o verbo da ativa + verbo principal no particípio		Z
Passiva sintética		verbo no mesmo tempo e modo que o verbo da ativa + SE , concordando com o sujeito da passiva analítica que é igual ao objeto da passiva sintética	Y	

Exemplo A:

VOZ VERBAL	SUJEITO	VERBO TRANSITIVO DIRETO	OBJETO DIRETO	AGENTE DA PASSIVA
ATIVA	[Z] Maria	[verbo concordando com o sujeito] aluga (verbo no singular, pois o sujeito é singular. Verbo no presente do indicativo)	[Y] casas	
Passiva analítica	[Y] Casas	[verbo <i>ser</i> no mesmo tempo e modo que o verbo da ativa (SÃO – verbo <i>ser</i> no presente do indicativo) + principal no particípio (ALUGADAS) concordando com o sujeito] são alugadas (verbo no plural, pois o sujeito está no plural)		por [Z]
Passiva sintética		verbo no mesmo tempo e modo que o verbo da ativa + SE Alugam-se (o verbo concorda no plural com o sujeito da passiva analítica)	[Y] casas	

Exemplo B:

VOZ VERBAL	SUJEITO	VERBO TRANSITIVO DIRETO	OBJETO DIRETO	AGENTE DA PASSIVA
ATIVA	[Z] Os brasileiros	[verbo concordando com o sujeito] notam (verbo no plural, pois o sujeito é plural. Verbo no PRESENTE do indicativo)	[Y] sinais de recuperação	
Passiva analítica	[Y] Sinais de recuperação	[verbo ser no mesmo tempo e modo que o verbo da ativa (SÃO – verbo ser no PRESENTE do indicativo) + principal no particípio (NOTADOS) concordando com o sujeito] são notados (verbo no plural, pois o sujeito está no plural)		por [Z]
Passiva sintética		verbo no mesmo tempo e modo que o verbo da ativa + SE Notam-se (o verbo concorda no plural com o sujeito da passiva analítica)	[Y] sinais de recuperação	

Quando há verbo transitivo indireto ou intransitivo + se, temos o índice de indeterminação do sujeito. Assim, sendo sujeito indeterminado, esse verbo (na forma *verbo+se*) mantém-se no singular: “No passado, não **se recorria** aos processos como agora.” e “**Precisa-se** de vendedores.”

Gabarrão “B”

(VUNESP – V) Assinale a alternativa **correta** de acordo com as normas gramaticais.

- (A) Os funcionários leram o que propuseram-lhes e informaram ao orientador de que estavam de acordo.
 (B) A cidade acordava realmente quando, no relógio da matriz, soava as 7 horas.
 (C) Da estrada viam-se, ao longe, a casa da fazenda e o pasto.
 (D) Lembrei-me, há pouco, que ainda hoje haverá novas reuniões.

A: incorreta, pois ao verificar a colocação pronominal, vemos que o pronome é atrativo, desse modo, devemos utilizar a próclise (“Os funcionários leram o **que lhes** propuseram”). Também, verifique a regência verbal de informar. O objeto direto não deve vir com a preposição (“informaram ao orientador **que estavam** de acordo”); **B:** incorreta, pois o sujeito do verbo soar é “as 7 horas”. O verbo concorda com o sujeito no plural: “soavam as 7 horas”; **C:** correta, pois o sujeito do verbo ver é composto e tem como núcleos “casa, fazenda, pasto”; **D:** incorreta, pois a regência do verbo lembrar é “lembrar que” ou “lembrar-se de”, desse modo, poderíamos ter as construções: “Lembrei-me ... de que ainda hoje” ou “Lembrei ... que ainda hoje”.

Gabarrão “C”

(VUNESP – VI) Assinale a alternativa que contém a frase **correta**.

- (A) A audiência será ao meio dia e meio.
 (B) Não os vejo por aqui fazem três anos.
 (C) O professor estava de mal humor ontem.
 (D) Fomos homenageadas, haja vista os resultados que obtivemos.

A: incorreta, pois o certo seria “será ao meio dia e **meia** (hora)”; **B:** incorreta, pois o verbo fazer no sentido de tempo é impessoal e mantém-se no singular (“Não os vejo por aqui **faz** três anos”); **C:** incorreta, pois a palavra mal é um advérbio e tem como antônimo a palavra bem. Já o adjetivo é **mau** (seu antônimo: bom) – “estava de mau humor”; **D:** correta, pois a expressão “haja vista” é invariável. Está correto o seu uso nessa oração.

Gabarrão “D”

(VUNESP – VI) Complete as lacunas com as palavras **corretas**. João e Maria _____ Dr. Pedro e Dr. Jorge como seus _____ procuradores.

- (A) constitui ... bastantes
 (B) constituíram ... bastente
 (C) constitui ... bastante
 (D) constituíram ... bastantes

O verbo constituir deve concordar com o sujeito composto “João e Maria”. O adjetivo bastante concorda com seu referente plural: “procuradores”.

Gabarrão “D”

(VUNESP – VI) Assinale a frase **correta** quanto à concordância verbal.

- (A) Fazem três anos que moro em São Paulo.
 (B) As estrelas pareciam sorrir.
 (C) Haverão sempre muitas pessoas procurando emprego.
 (D) Neste cartório, lavra-se escrituras.

A: incorreta, pois o verbo fazer indicando noção de tempo é impessoal e mantém-se no singular (“Faz três anos que”); **B:** correta, pois o verbo parecer concorda no plural com o sujeito “As estrelas”; **C:** incorreta, pois o verbo haver no sentido de existir é impessoal e mantém-se no singular (“Haverá sempre muitas pessoas”); **D:** incorreta, pois o correto é “lavram-se escrituras” [veja quadro abaixo], pois o verbo na passiva sintética deve concordar com o sujeito da analítica (“As escrituras são lavradas neste cartório”).

Gabarrão “B”

VOZ VERBAL	SUJEITO	VERBO TRANSITIVO DIRETO	OBJETO DIRETO	AGENTE DA PASSIVA
ATIVA	[Z] Alguém	[verbo concordando com o sujeito] lavra (verbo no singular, pois o sujeito é singular. Verbo no PRESENTE do indicativo)	[Y] as escrituras	
Passiva analítica	[Y] As escrituras	[verbo ser no mesmo tempo e modo que o verbo da ativa (SÃO – verbo ser no PRESENTE do indicativo) + principal no particípio (LAVRADAS) concordando com o sujeito] são lavradas (verbo no plural, pois o sujeito está no plural)		por [Z]
Passiva sintética		verbo no mesmo tempo e modo que o verbo da ativa + SE Lavram-se (o verbo concorda no plural com o sujeito da passiva analítica)	[Y] as escrituras	

Autoridades sanitárias sentenciam o produto à morte, ao proibirem o uso de leite cru na sua fabricação

Uma grande falácia da modernidade se esconde sob a discussão da qualidade dos alimentos que ingerimos, a exemplo do que se verificou entre nós, em fins do ano passado, com a condenação quase unânime da adição de soda cáustica ao leite dito "longa vida"; ou a exemplo da intolerância histórica das autoridades sanitárias com o "queijo minas" feito com leite cru – como os mineiros crêem que deva ser e fazem há séculos –, agora ameaçado de morte por uma possível proibição total do uso de leite cru em produtos lácteos.

Não é possível imaginar a França sem o seu *camembert* de leite cru. Ele se tornou um ponto de honra do orgulho nacional contra o abuso das negociações do Gatt, em 1993, que queriam abolir a comercialização mundial de queijos de leite cru. Os franceses se puseram em pé de guerra e venceram.

"Criei meus filhos com queijo de leite cru, e estão todos fortes, graças a Deus. O que esses caras de Brasília entendem de saúde?" Afora essa indignação do velho produtor, não nos parece grave ficar sem o queijo do Serro, o queijo da Canastra ou o queijo de Araxá – todos "queijos minas" de leite cru, produzidos em várias microrregiões do Estado de Minas Gerais. Se fosse grave, estaríamos em pé de guerra como os franceses. Matar um produto tradicional, apreciado, equivale a liquidar parte do nosso prazer ao comer e nos empobrece culturalmente.

Mas governo não é coisa uniforme; não raro, é desorientador. Enquanto, com uma mão, tomba o queijo do Serro e o declara "patrimônio nacional", com a outra nega aos produtores o registro do serviço de inspeção sanitária (SIF) para o produto circular nacionalmente.

Ao se cozer o leite, elimina-se microorganismos únicos e se perde a especificidade do produto. Para escapar a essa morte, o "queijo minas" de leite cru sai de Minas Gerais para uma longa viagem ilegal, clandestina, cheia de peripécias que envolvem a polícia, o fisco e o mercado informal das grandes cidades. Como pensar e fruir o "patrimônio nacional", se ele está condenado à clandestinidade?

(www.p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2968,1.shl, acessado em 08/04/2008.)

(VUNESP – 2008) Considere as frases criadas a partir de – o "queijo minas" feito com leite cru.

- I. Os "queijos minas" feito com substâncias cruas.
- II. Os "queijo minas" feitos com leites cru.
- III. Os "queijos minas" feitos com substâncias crus.
- IV. Os "queijos minas" feitos com produtos crus.

A concordância está correta apenas em

- (A) I.
- (B) IV.
- (C) II e III.
- (D) III e IV.
- (E) II, III e IV.

A seguir, transcrevemos as frases, com correções. I: "Os 'queijos minas' feitos [concorda com queijos] com substâncias cruas"; II: "Os 'queijos [o uso de "os" e "minas" indica que o texto se refere a queijos, no plural] minas' feitos com leites crus [concorda com leites]"; III: "Os 'queijos minas' feitos com substâncias cruas [concorda com substâncias]"; IV: correta.

5. CONJUNÇÃO

(Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP – 2011 – VUNESP) Em – Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado num CD **enquanto** fingia ouvir Lady Gaga. – a palavra destacada exprime ideia de

- (A) hipótese.
- (B) condição.
- (C) concessão.
- (D) causa.
- (E) tempo.

A conjunção subordinativa *enquanto* é temporal.

„E. Gabarito

(Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP – 2011 – VUNESP) Em – A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, **mas** o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana. – a conjunção destacada pode ser substituída por

- (A) portanto.
- (B) como.
- (C) no entanto.
- (D) porque.
- (E) ou.

A conjunção **mas** pode ser substituída por outra adversativa (porém, todavia, no entanto, etc.). **A:** incorreta, conjunção conclusiva; **B:** incorreta, conjunção comparativa; **C:** correta, conjunção adversativa; **D:** incorreta, causal ou pode ser também explicativa; **E:** incorreta, conjunção alternativa.

„C. Gabarito

(Escrevente Técnico – TJ/SP – 2010 – VUNESP) Assinale a alternativa correta quanto à grafia da palavra **porque**.

- (A) Mas o futebol tem importância por quê? Você sabe o motivo por que o brasileiro ama futebol? Porque ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.
- (B) Mas o futebol tem importância porque? Você sabe o motivo porque o brasileiro ama futebol? Porque ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.
- (C) Mas o futebol tem importância por quê? Você sabe o motivo porque o brasileiro ama futebol? Por que ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.
- (D) Mas o futebol tem importância por quê? Você sabe o motivo por que o brasileiro ama futebol? Por que ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.
- (E) Mas o futebol tem importância por que? Você sabe o motivo porque o brasileiro ama futebol? Por que ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

A palavra *por quê* separada e com acento é utilizada no final da frase e no sentido de "por qual razão"; a palavra *porquê* é um substantivo, pode vir precedida por artigo definido e tem acepção de "motivo". A palavra *por que* separada é utilizada no sentido de "por qual razão"; *Porque* junto e sem acento é uma conjunção explicativa.

„A. Gabarito

O número de passageiros transportados por metrô e trem _____ em 1,2 milhão em 2011. O ritmo de incremento, **contudo**, _____ sido mais veloz do que a modernização da malha. **Embora** não seja o único aspecto a apresentar problemas, o sistema elétrico está defasado. A elevação no número de passageiros é fruto da demanda reprimida por transporte de qualidade na Grande São Paulo. E não _____, para _____, os investimentos previstos em trens e metrô.

(Folha de S.Paulo, 31.03.2012. Adaptado)

(VUNESP – 2012) As conjunções "contudo" e "Embora", em destaque no texto, conforme a relação que estabelecem entre as orações que articulam e o sentido que imprimem aos enunciados, podem ser substituídas, respectivamente, por

- (A) portanto e Porquanto.
- (B) mas e Caso.
- (C) porém e Ainda que.
- (D) assim e Como.
- (E) no entanto e Logo.

"Contudo" é conjunção adversativa, sinônima de "mas", "porém", "todavia", "entretanto". "Embora" é conjunção concessiva, sinônimo de "ainda que", "posto que", "conquanto".

„C. Gabarito

6. PRONOMES

Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico “pas de deux” (*): sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo; encostado à parede, marmóreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: “Amigô?!”, “Chefê?!”, “Parceirô?!”; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre.

Eu disse “cliente paulista”, percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta “débito ou crédito?”.[...] Como pode ele entender que o fato de estar pagando não garantirá a atenção do garçom carioca? Como pode o ignóbil paulista, nascido e criado na crua batalha entre burgueses e proletários, compreender o discreto charme da aristocracia?

Sim, meu caro paulista: o garçom carioca é antes de tudo um nobre. Um antigo membro da corte que esconde, por trás da carapinha entediada, do descaso e da gravata borboleta, saudades do imperador. [...] Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20: levou gim tônicas para Vinicius e caipirinhas para Sinatra, uísques para Tom e leites para Nelson, recebeu gordas gorjetas de Orson Welles e autógrafos de Rockefeller; ainda hoje fala de futebol com Roberto Carlos e ouve conselhos de João Gilberto. Continua tão nobre quanto sempre foi, seu orgulho permanece intacto.

Até que chega esse paulista, esse homem bidimensional e sem poesia, de camisa polo, meia soquete e sapatênis, achando que o jacarezinho de sua Lacoste é um crachá universal, capaz de abrir todas as portas. Ah, paulishhhhta otááário, nenhum emblema preencherá o vazio que carregas no peito – pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante, a caminho do banheiro, e ali esquecê-lo para todo o sempre.

Veja, veja como ele se debate, como se debaterá amanhã, depois de amanhã e até a Quarta-Feira de Cinzas, maldizendo a Guanabara, saudoso das várzeas do Tietê, onde a desigualdade é tão mais organizada: “Ô, companheirô, faz meia hora que eu cheguei, dava pra ver um cardápio?!”. Acalme-se, conterrâneo. Acostume-se com sua existência plebeia. O garçom carioca não está aí para servi-lo, você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.

(Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. *Folha de S.Paulo*, 06.02.2013)

(*) Um tipo de coreografia, de dança.

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Nessa passagem, a palavra *cujas* tem sentido de

- (A) lugar, referindo-se ao ambiente em que ocorre a pergunta mencionada.
- (B) posse, referindo-se às interações sociais do paulista.
- (C) dúvida, pois a decisão entre débito ou crédito ainda não foi tomada.
- (D) tempo, referindo-se ao momento em que terminam as interações sociais.
- (E) condição em que se deve dar a transação financeira mencionada.

O pronome relativo *cujo* e suas variações de gênero e número relacionam dois substantivos, um antecedente e o outro consequente, sendo que este último é possuidor de algo designado pelo primeiro indicando assim a ideia de posse; no texto, refere-se às intenções de um ser, logo, a alternativa correta é a **B**.

Gabário "B"

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa em que a expressão entre parênteses substitui, com correção, a expressão destacada na frase.

- (A) ... a informação é disposta em um ambiente **no qual** pode ser acessada de forma não linear. (**em que**)
- (B) ... textos **que** pudessem estar disponíveis em rede. (**cujos**)
- (C) ... recuperação de informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica, **que** eram lineares... (**aonde**)
- (D) Isso acarreta uma textualidade **que** funciona por associação... (**na qual**)

(E) ... esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade, **na qual** a informação é disposta em um ambiente... (**em cuja**)

A: correta, pois ambas as expressões *no qual* e *em que* exprimem o local em que a informação pode ser disposta; **B:** incorreta, pois o pronome *cujos* exprime relação de posse entre o elemento que o precede e o seguinte, o que não ocorre na frase; **C:** incorreta, *aonde* indica lugar e a conjunção *que* na frase une *informações* a *lineares*; **D:** incorreta, pois o *que* é uma conjunção explicativa que não pode ser substituída por *na qual*; **E:** incorreta, pois *na qual* é uma conjunção que liga *concepção* à *informação* e o mesmo não ocorre se aplicarmos o termo *em cuja*.

Gabário "A"

Leia o texto, para responder às questões.

A disseminação do conceito de boas práticas corporativas, que ganhou força nos últimos anos, fez surgir uma estrada sem volta no cenário global e, conseqüentemente, no Brasil. **Nesse** contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos. **Isso** porque se cristalizou a compreensão de que atos ilícitos vão além de comprometer relações comerciais e o próprio caixa das empresas. *Eles representam dano efetivo à reputação empresarial frente ao mercado e aos investidores, que exigem cada vez mais transparência e, em casos extremos, acabam em investigações e litígios judiciais que podem levar executivos à cadeia.*

(Fernando Porfírio, Pela solidez nas organizações. Em *Mundo corporativo* n.º 28, abril-junho 2010)

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) As palavras **Nesse** e **Isso**, em destaque no texto, são empregadas para

- (A) indicar que o texto contém informações independentes umas das outras.
- (B) contrastar informações incompatíveis com o conteúdo do texto.
- (C) antecipar informações que serão enunciadas.
- (D) fazer referência a dados fora do texto, como fatos e datas.
- (E) recuperar informações enunciadas anteriormente.

Os pronomes demonstrativos **nesse** e **isso** servem para referir a algo já mencionado ou enunciado anteriormente, alternativa correta **E**.

Gabário "E"

(Escrivente Técnico Judiciário – TJSP – 2011 – VUNESP) Assinale a alternativa cujo emprego do pronome está em conformidade com a norma padrão da língua.

- (A) Não autorizam-nos a ler os comentários sigilosos.
- (B) Nos falaram que a diplomacia americana está abalada.
- (C) Ninguém o informou sobre o caso WikiLeaks.
- (D) Conformado, se rendeu às punições.
- (E) Todos querem que combata-se a corrupção.

A: incorreta, pois a palavra **não** é atrativa na colocação pronominal (“Não nos autorizam”); **B e D:** incorretas, pois não se inicia oração com pronome átono (“Falaram-nos”; “rendeu-se”); **C:** correta, pois ocorre a próclise (colocação do pronome antes do verbo) quando houver pronome indefinido; **E:** incorreta, pois a conjunção **que** é partícula atrativa (“Todos querem que se combata”).

Gabário "C"

Considere a história em quadrinhos para responder a questão seguinte.



(Quem, Mafalda)

(Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP – 2011 – VUNESP) Em: – mamãe está recortando o **jornal**. – ao se substituir o **jornal** por um pronome, de acordo com a norma culta, tem-se:

- (A) recortando-lo.
- (B) recortando-o.
- (C) recortando-no.
- (D) recortando-lhe.
- (E) recortando ele.

Em "recortando o jornal", o objeto direto pode ser substituído pelo pronome oblíquo "o" (recortando-o).

Gabartio B.

(VUNESP – 2008) Matar um produto tradicional é imperdoável. Culturalmente e equivale eliminação do nosso prazer ao comer.

Os espaços da frase devem ser preenchidos, correta e respectivamente, com:

- (A) Empobrece-nos ... a
- (B) Nos empobrece ... a
- (C) Empobrece à nós ... à
- (D) Nos empobrece ... à
- (E) Empobrece-nos ... à

A frase adequadamente completada é "Matar um produto tradicional é imperdoável. Empobrece-nos [não se inicia a oração com "nos" e não é possível o uso de "à nós". Ademais, a crase nunca ocorre antes do pronome masculino] culturalmente e equivale à [preposição + artigo] eliminação do nosso prazer ao comer.

Gabartio E.

O tempo que passa e o tempo que não passa

É muito comum pensar no tempo como tempo sequencial, como categoria ordenadora que organiza os acontecimentos vividos numa direção com passado, presente e futuro, um tempo irreversível, a flecha do tempo, um tempo que passa. Também estamos acostumados a pensar na memória como um arquivo que guarda um número significativo de lembranças, semelhante a um sótão que aloca uma quantidade de objetos de outros momentos da vida, que lá ficam quietos, guardados, disponíveis para o momento no qual precisamos deles e queremos reencontrá-los. No entanto, a forma na qual a psicanálise pensa o tempo e a memória está muito distante desta maneira de concebê-los. Na psicanálise, tanto o tempo quanto a memória só podem ser considerados no plural. Há temporalidades diferentes funcionando nas instâncias psíquicas e a memória não existe de forma simples: é múltipla, registrada em diferentes variedades de signos. Há um tempo que passa, marcando com a sua passagem a caducidade dos objetos e a finitude da vida. A ele Freud se refere no seu curto e belo texto de 1915, "A transitoriedade", no qual relata um encontro acontecido dois anos antes, em agosto de 1913, em Dolomitas, na Itália, num passeio pela campina na companhia de um poeta. Ambos dialogam sobre o efeito subjetivo que a caducidade do belo produz. Enquanto para o poeta a alegria pela beleza da natureza se vê obscurecida pela transitoriedade do belo, para Freud, ao contrário, a duração absoluta não é condição do valor e da significação para a vida subjetiva. O desejo de eternidade se impõe ao poeta, que se revolta contra o luto, sendo a antecipação da dor da perda o que obscurece o gozo. Freud, que está escrevendo este texto sob a influência da Primeira Guerra Mundial, insiste na importância de fazer o luto dos perdidos renunciando a eles, e na necessidade de retirar a libido que se investiu nos objetos para ligá-la em substitutos. São os objetos que passam e, às vezes, agarrar-se a eles nos protege do reconhecimento da própria finitude. Porém, a guerra e a sua destruição exigem o luto e nos confrontam com a transitoriedade da vida, o que permite reconhecer a passagem do tempo.

(Leonor Alonso Silva, Revista *Cult*, Abril 2006)

(VUNESP – 2006) Em – Porém, a guerra e a **sua** destruição exigem o luto... – o pronome em destaque refere-se a

- (A) luto.
- (B) guerra.
- (C) finitude.
- (D) reconhecimento.
- (E) passagem.

Os pronomes possessivos referem-se aos seus termos no mesmo gênero e número. O pronome possessivo *sua* refere-se a uma palavra feminina e singular: retoma a referência da palavra *guerra* anteriormente usada na mesma frase (é uma anáfora).

Gabartio B.

7. CRASE

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa que completa as lacunas do trecho a seguir, empregando o sinal indicativo de crase de acordo com a norma-padrão.

Não nos sujeitamos _____ corrupção; tampouco cederemos espaço _____ nenhuma ação que se proponha _____ prejudicar nossas instituições.

- (A) à ... à ... à
- (B) a ... à ... à
- (C) à ... a ... a
- (D) à ... à ... a
- (E) a ... a ... à

Quem se sujeita se sujeita à ou ao, considerando então uso da crase se a palavra da frente for um vocábulo do gênero feminino. *Ceder espaço a* é invariável se nós considerarmos tanto a palavra *nenhum* quanto a palavra *nenhuma*, logo, não há o uso da crase. *A prejudicar* não leva crase por estar à frente de um verbo. Alternativa correta: C

Gabartio C.

(Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP – 2011 – VUNESP) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas das frases.

.... situações insustentáveis do lixo na capital. Esse problema chega autoridades que deverão tomar providências cabíveis.

- (A) As ... as ... as
- (B) Há ... às ... as
- (C) Há ... as ... às
- (D) Às ... as ... às
- (E) As ... hás ... as

O verbo *haver* no sentido de existir, invariável, preenche a lacuna 1 ("Há situações"). Em "chega às autoridades", ocorre a crase porque o verbo regente *chegare* exige a preposição *a* e a palavra regida aceita o artigo (lacuna 2). O artigo definido feminino plural preenche a lacuna 3, determinando o substantivo "providências".

Gabartio B.

(Escrevente Técnico – TJ/SP – 2010 – VUNESP)

1. A Fúria se rende vuvuzelas.
 2. *Caim* é o último livro de José Saramago, que morreu uma semana.
 3. Sujeito crises de humor, ele não vive em paz.
 4. As vizinhas do andar de cima? Não vejo faz tempo.
- (A) às ... há ... às ... as
 - (B) as ... há ... as ... às
 - (C) às ... a ... as ... às
 - (D) às ... a ... às ... as
 - (E) as ... há ... às ... as

Lacuna 1: o verbo regente *render-se* exige a preposição *a*, a palavra regida *vuvuzelas* aceita o artigo feminino. Ocorre a crase. Lacuna 2: o verbo *haver* no sentido de tempo decorrido ("morreu há uma semana"). Lacuna 3: a palavra regente *sujeito* exige a preposição *a*, a palavra regida *crises* aceita o artigo feminino. Ocorre a crase. Lacuna 4: pronome pessoal oblíquo *as* (objeto direto do verbo *ver* – substitui "as vizinhas")

Gabartio A.

(Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP – 2008 – VUNESP) Assinale a alternativa correta quanto à crase.

- (A) No Brasil, a rota não se parece com nada à que se viu percorrer em outros países.
 (B) No Brasil, a rota não equivale à nenhuma daquelas percorridas em outros países.
 (C) No Brasil, a rota não tem à ver com aquela percorrida em outros países.
 (D) No Brasil, a rota não se assemelha à nenhum caso percorrido em outros países.
 (E) No Brasil, a rota não é igual àquela percorrida em outros países.

A: incorreta, pois “a rota não se parece com nada que se viu”; B: incorreta, pois “a rota não equivale a [a palavra regente ‘equivale’ exige a preposição ‘a’, a palavra regida não aceita artigo definido. Não ocorre a crase.] nenhuma daquelas”; C: incorreta, pois “a rota não tem a [preposição. Não ocorre crase antes de verbo.] ver com aquela”; D: incorreta, pois “a rota não se assemelha a [o verbo regente ‘assemelha’ exige a preposição ‘a’, a palavra regida não aceita artigo definido. Não ocorre a crase.] nenhum caso”; E: correta, pois “a rota não é igual àquela [a palavra regente ‘igual’ exige a preposição ‘a’. O pronomo demonstrativo ‘aquela’ permite a contração. Ocorre a crase.] percorrida”.

Gabário "E"

(Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP – 2008 – VUNESP) Assinale a alternativa correta quanto à crase.

- (A) É consenso que o acesso à muitas informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.
 (B) É consenso que o acesso às informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.
 (C) É consenso que o acesso a todas às informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.
 (D) É consenso que o acesso à uma grande quantidade de informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.
 (E) É consenso que o acesso à todo tipo de informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

Em todas as alternativas, a palavra regente “acesso” exige a preposição *a*. Nessa questão, é necessário analisar a palavra regida. A: incorreta, pois “o acesso a [a palavra regida já está determinada por um pronome. Não ocorre a crase.] muitas informações”; B: correta, pois “o acesso às [a palavra “regente”. *acesso* exige a preposição *a*, a palavra regida aceita artigo. Ocorre a crase.]; informações”; C: incorreta, pois “o acesso a [a palavra regida já está determinada por um pronome. Não ocorre a crase.] todas as [artigo] informações”; D: incorreta, pois “o acesso a uma [a palavra regida já está determinada por um artigo indefinido. Não ocorre a crase.] grande quantidade de informações”; E: incorreta, pois “o acesso a [a palavra regida é masculina e está determinada por um pronome. Não ocorre a crase.] todo tipo de informações”.

Gabário "B"

(Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP – 2007 – VUNESP) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas das frases, quanto ao sinal indicativo da crase.

Para fazer vatapá, tutu ___ mineira e todas as comidas favoritas dos brasileiros. O papa quer interagir com a multidão, mas o risco será analisado caso ___ caso. Ajudar empresas ___ transformar seu ambiente de trabalho.

- (A) a ... a ... a
 (B) à ... à ... a
 (C) à ... a ... a
 (D) a ... à ... à
 (E) à ... à ... à

“Para fazer vatapá, tutu à [à moda] mineira (...). O papa quer interagir com a multidão, mas o risco será analisado caso a [não ocorre a crase diante de nome masculino] caso. Ajudar empresas a [esse “a” é preposição. Não ocorre a crase antes de verbo.] transformar seu ambiente de trabalho.”

Gabário "C"

(Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP – 2006.2 – VUNESP) Assinale a frase correta quanto ao uso do sinal indicativo da crase.

- (A) Reginaldo associou seus conhecimentos sobre as religiões afrãs à imaginação.
 (B) Tão logo o livro foi publicado, chegou à mim.
 (C) Pouco à pouco, o delegado Tiago Paixão descobriu suspeitos entre os frequentadores do terreiro.

- (D) Não acreditei que Reginaldo se dedicasse à um livro policial.
 (E) À vida passa rápido, já conheço Reginaldo há uns trinta anos.

A: correta, pois em “associou seus conhecimentos (...) à [o verbo regente associar exige a preposição a, a palavra regida aceita artigo. Ocorre a crase.] imaginação.”; B: incorreta, pois em “chegou a [preposição. A palavra regida é um pronome. Não ocorre a crase.] mim.”; C: incorreta, pois em “Pouco a [preposição. Não ocorre crase antes de palavra masculina.] pouco”; D: incorreta, pois em “se dedicasse a [o verbo regente dedicasse exige a preposição a, a palavra a palavra regida é masculina. Não ocorre a crase.] um livro policial.”; E: incorreta, pois em “A [artigo] vida passa rápido”.

Gabário "A"

(UNESP – I) Assinale a alternativa correta para a colocação das palavras nos espaços vazios.

O frio chegou repentinamente _____ território. Daqui _____ poucos meses, ninguém mais se lembrará das árvores frondosas, que _____ tanto tempo ornavam a paisagem.

- (A) àquele - a - há
 (B) àquele - à - a
 (C) aquele - a - há
 (D) aquele - há - a

A crase é a contração da preposição *a* e do artigo definido feminino “a(s)” ou com as iniciais dos pronomes demonstrativos “aquela(s)”, “aquele(s)”, “aquilo” ou com o pronome relativo “a qual” ou “as quais”. A crase ocorrerá quando houver a exigência da preposição *a* e a possibilidade do uso do artigo definido ou dos pronomes mencionados. Desse modo, não há crase diante de palavra masculina ou diante de verbo (uma vez que um verbo nunca viria determinado por um artigo). Em “O frio chegou repentinamente àquele território”, ocorre a crase por conta da exigência da preposição *a* pela regência do verbo chegar. Em “Daqui a poucos meses”, a preposição *a* indica tempo futuro. Em “que há tanto tempo”, o verbo haver indica tempo decorrido.

Gabário "A"

(VUNESP – II) Considerando as regras quanto ao emprego ou não da crase, a frase está incorreta em:

- (A) Jamais voltei à Paris dos meus sonhos.
 (B) Quero agradecer àquele professor a dedicação que dispensou à classe.
 (C) Os empregados entram no serviço a uma hora.
 (D) Assim que cheguei a casa, recebi seu recado.

A: incorreta, pois é certo afirmar que não ocorre a crase diante de nome de cidades que não aceitam artigo feminino, porém, quando há um adjunto especificando (“dos meus sonhos”), ocorre a crase; B: incorreta, pois em “agradecer àquele”, o verbo exige a preposição *a*. É possível a contração da preposição com o pronome demonstrativo. Ocorre a crase. Em “que dispensou à classe”, trata-se de um verbo transitivo direto e indireto (“dispensar”) que exige a preposição *a* diante de seu objeto indireto; C: assertiva correta, pois ocorre a crase na indicação das horas do relógio (“Os empregados entram no serviço à uma hora”, às 13h, às duas horas...; diferente da ideia de futuro em “chegarei daqui a duas horas”); D: incorreta, pois é certo alegar que diante da palavra “casa”, quando não especificado “de quem é a casa” (quando a palavra “casa” não vem acompanhada de um modificador), não ocorre a crase.

Gabário "C"

(VUNESP – VI) Quanto ao emprego da crase, assinale a alternativa incorreta.

- (A) Esta é a minha escola, à qual trago sempre na lembrança.
 (B) Vamos à biblioteca.
 (C) Fui a Londres, a Paris e à Bahia.
 (D) Aprendi a amar minha terra.

A: assertiva correta, pois é incorreto desconsiderar que o pronome relativo “a qual” retoma o objeto direto “a minha escola”. Não há preposição (“Trago minha escola na lembrança”); B: incorreta, pois o verbo regente ir exige preposição, a palavra regida “biblioteca” aceita o artigo. Ocorre a crase; C: incorreta, pois diante de nome de cidades que não aceitam o artigo, não ocorre a crase (exceto quando acompanhada de adjunto). Diante de nome de estados, pode ocorrer a crase. Utilizar o truque: “fui a Londres, voltei de Londres; fui a Paris, voltei de Paris; fui à Bahia, voltei da (se de + a = ocorre a crase em fui à Bahia) Bahia”. D: incorreta, pois é certo não ocorrer a crase antes de verbo.

Gabário "A"

O tempo que passa e o tempo que não passa

É muito comum pensar no tempo como tempo sequencial, como categoria ordenadora que organiza os acontecimentos vividos numa direção com passado, presente e futuro, um tempo irreversível, a flecha do tempo, um tempo que passa. Também estamos acostumados a pensar na memória como um arquivo que guarda um número significativo de lembranças, semelhante a um sótão que aloca uma quantidade de objetos de outros momentos da vida, que lá ficam quietos, guardados, disponíveis para o momento no qual precisamos deles e queremos reencontrá-los. No entanto, a forma na qual a psicanálise pensa o tempo e a memória está muito distante desta maneira de concebê-los. Na psicanálise, tanto o tempo quanto a memória só podem ser considerados no plural. Há temporalidades diferentes funcionando nas instâncias psíquicas e a memória não existe de forma simples: é múltipla, registrada em diferentes variedades de signos. Há um tempo que passa, marcando com a sua passagem a caducidade dos objetos e a finitude da vida. A ele Freud se refere no seu curto e belo texto de 1915, “A transitoriedade”, no qual relata um encontro acontecido dois anos antes, em agosto de 1913, em Dolomitas, na Itália, num passeio pela campina na companhia de um poeta. Ambos dialogam sobre o efeito subjetivo que a caducidade do belo produz. Enquanto para o poeta a alegria pela beleza da natureza se vê obscurecida pela transitoriedade do belo, para Freud, ao contrário, a duração absoluta não é condição do valor e da significação para a vida subjetiva. O desejo de eternidade se impõe ao poeta, que se revolta contra o luto, sendo a antecipação da dor da perda o que obscurece o gozo. Freud, que está escrevendo este texto sob a influência da Primeira Guerra Mundial, insiste na importância de fazer o luto dos perdidos renunciando a eles, e na necessidade de retirar a libido que se investiu nos objetos para ligá-la em substitutos. São os objetos que passam e, às vezes, agarrar-se a eles nos protege do reconhecimento da própria finitude. Porém, a guerra e a sua destruição exigem o luto e nos confrontam com a transitoriedade da vida, o que permite reconhecer a passagem do tempo.

(Leonor Alonso Silva, Revista *Cult*, Abril 2006.)

(VUNESP – 2006) Assinale a frase correta quanto ao emprego do acento indicativo da crase.

- (A) Em seu texto, Freud se refere à um tempo que passa e que, com sua passagem, marca a caducidade dos objetos.
- (B) Normalmente se entende a memória como um lugar semelhante à uma fonte de informações arquivadas.
- (C) O desejo de eternidade que se impõe ao poeta também se impõe à muitas pessoas, que se revoltam com o luto.
- (D) De acordo com Freud, deve-se fazer o luto renunciando-se às coisas perdidas para poder ligar a libido em substitutos.
- (E) O texto “A transitoriedade” levou dois anos para ser escrito, ou seja, de 1913 à 1915.

Para que ocorra a crase, temos que ter uma preposição *a* e um artigo definido feminino *a*, *as* ou um pronome demonstrativo feminino *aquela*, *aquelas*. **A:** incorreta, pois “Em seu texto, Freud se refere a [preposição] um tempo que passa e que, com sua passagem, marca a caducidade dos objetos.”; **B:** incorreta, pois em “Normalmente se entende a memória como um lugar semelhante a [preposição] uma fonte de informações arquivadas.”; **C:** incorreta, pois em “O desejo de eternidade que se impõe ao poeta também se impõe a [preposição] muitas pessoas, que se revoltam com o luto.” **D:** correta, pois em “De acordo com Freud, deve-se fazer o luto renunciando-se às [preposição *a* e artigo feminino *as*] coisas perdidas para poder ligar a libido em substitutos.”; **E:** incorreta, pois “O texto ‘A transitoriedade’ levou dois anos para ser escrito, ou seja, de 1913 a [preposição] 1915.”

„D. o, iababab

(VUNESP – 2008) Assinale a frase correta quanto ao uso da crase.

- (A) A discussão trata da transferência da corte portuguesa à esta cidade.
- (B) Alguns historiadores são avessos à qualquer comemoração do evento.
- (C) O Rio de Janeiro deveria dedicar-se ao combate à violência urbana.

- (D) A violência urbana deve ser motivo de vergonha à toda a nação brasileira.
- (E) Dom João VI recusou-se a ficar cara à cara com as tropas napoleônicas.

A: incorreta, pois em “a [preposição] esta cidade”: não ocorre a crase diante do pronome demonstrativo “esta”; **B:** incorreta, pois a palavra regente *avessos* exige a preposição *a*, porém não há artigo definido ou pronome demonstrativo para que a crase ocorra. O pronome *qualquer* é indefinido; **C:** correta, pois em “combate à violência”: a palavra regente *combate* exige a preposição *a*. A palavra regida *violência* aceita o artigo definido feminino. Ocorre a crase; **D:** incorreta, pois ocorre a crase em “a [preposição] toda a nação”; **E:** incorreta, pois não ocorre a crase na expressão “cara a cara”.

„D. o, iababab

8. SEMÂNTICA

Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico “pas de deux” (*): sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo; encostado à parede, marmóreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: “Amigô?!”; “Chefé?!”; “Parceirô?!”; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre.

Eu disse “cliente paulista”, percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta “débito ou crédito?”.[...] Como pode ele entender que o fato de estar pagando não garantirá a atenção do garçom carioca? Como pode o ignóbil paulista, nascido e criado na crua batalha entre burgueses e proletários, compreender o discreto charme da aristocracia? Sim, meu caro paulista: o garçom carioca é antes de tudo um nobre. Um antigo membro da corte que esconde, por trás da carapinha entediada, do descaso e da gravata borboleta, saudades do imperador. [...] Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20: levou gim tônicas para Vinicius e caipirinhas para Sinatra, uísques para Tom e leites para Nelson, recebeu gordas gorjetas de Orson Welles e autógrafos de Rockfeller; ainda hoje fala de futebol com Roberto Carlos e ouve conselhos de João Gilberto. Continua tão nobre quanto sempre foi, seu orgulho permanece intacto.

Até que chega esse paulista, esse homem bidimensional e sem poesia, de camisa polo, meia soquete e sapatênis, achando que o jacarezinho de sua Lacoste é um crachá universal, capaz de abrir todas as portas. Ah, paulishhhhta otááário, nenhum emblema preencherá o vazio que carrega no peito – pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante, a caminho do banheiro, e ali esquecê-lo para todo o sempre.

Veja, veja como ele se debate, como se debaterá amanhã, depois de amanhã e até a Quarta-Feira de Cinzas, maldizendo a Guanabara, saudoso das várzeas do Tietê, onde a desigualdade é tão mais organizada: “Ô, companheirô, faz meia hora que eu cheguei, dava pra ver um cardápio?!”. Acalme-se, conterrâneo. Acostume-se com sua existência plebeia. O garçom carioca não está aí para servi-lo, você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.

(Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. *Folha de S.Paulo*, 06.02.2013)

(*) Um tipo de coreografia, de dança.

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) O sentido de *marmóreo* (adjetivo) equivale ao da expressão *de mármore*. Assinale a alternativa contendo as expressões com sentidos equivalentes, respectivamente, aos das palavras *ígneo* e *pétreo*.

- (A) De corda; de plástico.
- (B) De fogo; de madeira.
- (C) De madeira; de pedra.
- (D) De fogo; de pedra.
- (E) De plástico; de cinza.

Ígneo: tem as qualidades do fogo, matéria ígnea. Produzido pela ação do fogo; *Pétreo*: adj. Semelhante à pedra, duro como a pedra. Alternativa correta **D**.

„D. o, iababab

Leia o texto abaixo e responda à questão.

Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade, na qual a informação é dada em um ambiente no qual pode ser acessada de forma não linear. **Isso** acarreta uma textualidade que funciona por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.

Quando o cientista Vannevar Bush, na década de 40, concebeu a ideia de hipertexto, pensava, na verdade, na necessidade de substituir os métodos existentes de disponibilização e recuperação de informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica, que eram lineares, por sistemas de indexação e arquivamento que funcionassem por associação de ideias, seguindo o modelo de funcionamento da mente humana. O cientista, ao que parece, importava-se com a criação de um sistema que fosse como uma “máquina poética”, algo que funcionasse por analogia e associação, máquinas que capturassem o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

Parece não ser obra do acaso que a ideia inicial de Bush tenha sido conceituada como hipertexto 20 anos depois de seu artigo fundador, exatamente ligada à concepção de um grande sistema de textos que pudessem estar disponíveis em rede. Na década de 60, o cientista Theodor Nelson sonhava com um sistema capaz de disponibilizar um grande número de obras literárias, com a possibilidade de interconexão entre elas. Criou, então, o “Xanadu”, um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo, numa rede de publicação hipertextual universal e instantânea. Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto deveria ser um enorme arquivo virtual.

(Disponível em: <<http://www.pucsp.br/~cimid/4lit/longhi/hipertexto.htm>>. Acesso em: 05 fev 2013. Adaptado)

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa contendo palavra do texto que é formada por prefixo.

- (A) Máquina.
- (B) Brilhantismo.
- (C) Hipertexto.
- (D) Textualidade.
- (E) Arquivamento.

A única palavra entre as opções dadas que contém prefixo é *Hipertexto*, alternativa C. *Hiper* significa excesso, posição superior.

Gabarito

Considere a história em quadrinhos para responder as questões seguintes.



(Quero Adgôria)

(Escrevente Técnico Judiciário – TJSP – 2011 – VUNESP) Assinale a alternativa que apresenta a palavra receita com o mesmo sentido empregado na história em quadrinhos.

- (A) A receita apurada no ano anterior não foi suficiente para acalmar o dono do restaurante.
- (B) Ela esperou a tarde toda para conseguir, no programa de TV, a receita de uma torta.

- (C) O médico entregou a receita ao paciente enquanto este lia um jornal.
- (D) A receita daquela família está aquém da despesa.
- (E) A receita líquida da fábrica de refrigerantes não foi revelada pelos auditores e fiscais.

A, D e E: incorreta, pois a palavra **receita** tem várias acepções como, por exemplo: valor que é recebido, arrecadado ou apurado; B: correta, pois receita nesta frase é a maneira de preparar um alimento ou iguaria. C: incorreta, pois tem sentido de prescrição médica.

Gabarito

(Escrevente Técnico Judiciário – TJSP – 2011 – VUNESP) Assinale a alternativa que apresenta uma frase em que se faz uso do termo **abaixo** com o mesmo sentido empregado no último quadrinho.

- (A) Abaixo de César ainda há mais três filhos. Aqui não poderão ficar.
- (B) Existe a exigência de que os abaixo nomeados terão de retirar a candidatura.
- (C) Abaixo o tom de voz para não perturbar o andamento das gravações.
- (D) Abaixo a tirania foi, sem dúvida, a última coisa que proferiu antes de morrer.
- (E) Aquela tela está bem mais abaixo do que esta! Ela vai cair!

Nesses quadrinhos, o termo **abaixo** é uma interjeição que exprime protesto ou reprovação, A, B e E: incorretas, pois abaixo também pode ser um advérbio. C: incorreta, pois tem sentido de verbo. D: correta, interjeição.

Gabarito

Princípios e valores

Uma mãe quer saber se deve ou não permitir que sua filha, de nove anos, viaje com a família de uma colega num fim de semana. Ela diz que a garota nunca fez isso antes e que ela considera precoce esse passeio mais longo sem a família, mas que está em dúvida porque muitas crianças da mesma idade já fazem isso.

Um pai diz que o filho de 15 anos leva a namorada para dormir em casa e que ele fica constrangido com a situação, mas acredita que, se impedir, vai se afastar do filho. Finalmente, um outro leitor afirma que quer ensinar valores aos filhos, mas, ao mesmo tempo, considerando o clima competitivo de nosso tempo, quer saber como ensinar que há momentos em que é preciso abrir mão desses valores para não ser ingênuo.

O mundo contemporâneo tornou a educação uma tarefa muito mais complexa. Até o final da década de 50, a maioria não enfrentava questões como as citadas e tampouco tinha de tomar diariamente decisões sobre o tipo de educação a praticar com os filhos. A educação era uma só, os rumos faziam parte de um grande consenso social e assim caminhavam os pais, sem grandes conflitos. Vale dizer que pais e filhos sofriam muito mais, já que eram tão diferentes e tinham de se ajustar a um rumo comum.

Hoje, os pais ganharam a liberdade de escolha sobre como educar seus filhos e, por outro lado, assumiram também uma responsabilidade muito maior por eles. Afinal, cada escolha feita produz efeitos significativos na vida dos filhos, já que estes estão em formação.

Vale refletir a respeito das dúvidas dos pais. À primeira vista, todas parecem questões práticas sobre como agir. Mas cada uma delas guarda em si conteúdos bem mais amplos, que tratam de moral, ética, conceito de infância, limites entre privacidade e convívio social e relação entre pais e filhos.

E talvez esse seja o nó da questão da educação contemporânea que os pais podem desatar ou, ao menos, afrouxar: ao educar os filhos, precisam ter clareza de alguns princípios dos quais não abrem mão e, a partir desse norte, tomar as decisões sem se importar tanto com as decisões dos outros pais. Afinal, já que temos a oportunidade hoje de ter a riqueza da diversidade em educação, há que se aprender a conviver com ela, não?

“O que quero ensinar aos meus filhos, priorizar na educação deles?” Essa é a questão que os pais devem se fazer quando enfrentam situações que demandam decisões. Afinal: de festas, namoros, aprendizados diversos etc. eles terão muitas chances para desfrutar, mas da educação familiar, só enquanto estiverem sob a tutela dos pais. E esse tempo é curto, acreditem.

(www.blogdaroselysayao.blog.uol.com.br/, 27.03.2008. Adaptado)

(VUNESP – 2008) Na frase — *À primeira vista, todas parecem questões práticas sobre como agir.* — o sentido da preposição sobre é o mesmo que se verifica em:

- (A) Durante a discussão, o cliente, com ira, avançou sobre o advogado.
- (B) Sobre sua cabeça estava uma maçã, que seria partida por uma flecha.
- (C) Deitado sobre a relva, o jovem casal enamorado observava o pôr-do-sol.
- (D) Não discutiam muito aquele assunto, pois ela sabia pouco sobre ele.
- (E) Sobre a mesa, com tinta ainda fresca, estava aquela triste carta de despedida.

A: incorreta, pois “sobre”, nessa frase, significa “para cima de”; B, C e E: incorretas, pois “sobre”, nessas alternativas, significa “em cima de”; D: correta, pois “sobre”, nessa assertiva, tem valor de “acerca de”, “a respeito de”, da mesma forma que o termo utilizado no texto original.

Gabarito: D.

Autoridades sanitárias sentenciam o produto à morte, ao proibirem o uso de leite cru na sua fabricação

Uma grande falácia da modernidade se esconde sob a discussão da qualidade dos alimentos que ingerimos, a exemplo do que se verificou entre nós, em fins do ano passado, com a condenação quase unânime da adição de soda cáustica ao leite dito “longa vida”; ou a exemplo da intolerância histórica das autoridades sanitárias com o “queijo minas” feito com leite cru – como os mineiros crêem que deva ser e fazem há séculos –, agora ameaçado de morte por uma possível proibição total do uso de leite cru em produtos lácteos.

Não é possível imaginar a França sem o seu *camembert* de leite cru. Ele se tornou um ponto de honra do orgulho nacional contra o abuso das negociações do Gatt, em 1993, que queriam abolir a comercialização mundial de queijos de leite cru. Os franceses se puseram em pé de guerra e venceram.

“Criei meus filhos com queijo de leite cru, e estão todos fortes, graças a Deus. O que esses caras de Brasília entendem de saúde?” Afora essa indignação do velho produtor, não nos parece grave ficar sem o queijo do Serro, o queijo da Canastra ou o queijo de Araxá – todos “queijos minas” de leite cru, produzidos em várias microrregiões do Estado de Minas Gerais. Se fosse grave, estaríamos em pé de guerra como os franceses. Matar um produto tradicional, apreciado, equivale a liquidar parte do nosso prazer ao comer e nos empobrece culturalmente.

Mas governo não é coisa uniforme; não raro, é desorientador. Enquanto, com uma mão, tomba o queijo do Serro e o declara “patrimônio nacional”, com a outra nega aos produtores o registro do serviço de inspeção sanitária (SIF) para o produto circular nacionalmente.

Ao se cozer o leite, elimina-se microorganismos únicos e se perde a especificidade do produto. Para escapar a essa morte, o “queijo minas” de leite cru sai de Minas Gerais para uma longa viagem ilegal, clandestina, cheia de peripécias que envolvem a polícia, o fisco e o mercado informal das grandes cidades. Como pensar e fruir o “patrimônio nacional”, se ele está condenado à clandestinidade?

(www.p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2968,1.shl, acessado em 08/04/2008)

(VUNESP – 2008) Em — *Uma grande falácia da modernidade se esconde sob a discussão da qualidade dos alimentos que ingerimos...* — o termo de sentido adverso ao de *falácia* é

- (A) ardil.
- (B) engano.
- (C) mentira.
- (D) certeza.
- (E) ilusão.

A palavra *falácia* tem as acepções de engano, mentira. A palavra ardil também pode ter sido usada como sinônimo, pois tem o sentido de armação, cilada. Ilusão é aquilo que não corresponde à realidade. A única palavra antônima é a da assertiva D.

Gabarito: D.

Para responder às duas questões seguintes, considere o trecho:

Ao se cozer o leite, elimina-se microorganismos únicos e se perde a especificidade do produto.

(VUNESP – 2008) Desenvolvendo-se a oração inicial do trecho, a conjunção a ser empregada é

- (A) Quando.
- (B) Embora.
- (C) Portanto.
- (D) Ou.
- (E) Que.

“Ao se cozer o leite” equivale a “Quando o leite é cozido” ou “Quando alguém coze o leite”.

Gabarito: A.

(VUNESP – 2008) Na frase, há um erro que se corrige com

- (A) a substituição de cozer por coser.
- (B) a eliminação de se em se cozer.
- (C) a substituição de elimina-se por eliminam-se.
- (D) a substituição de microorganismos por micro-organismos.
- (E) a substituição de especificidade por expecificidade.

A frase corretamente escrita é: “Ao se cozer o leite, eliminam-se [concorda com microorganismos] microorganismos únicos e se perde a especificidade do produto”.

Gabarito: C.

O tempo que passa e o tempo que não passa

É muito comum pensar no tempo como tempo sequencial, como categoria ordenadora que organiza os acontecimentos vividos numa direção com passado, presente e futuro, um tempo irreversível, a flecha do tempo, um tempo que passa. Também estamos acostumados a pensar na memória como um arquivo que guarda um número significativo de lembranças, semelhante a um sótão que aloca uma quantidade de objetos de outros momentos da vida, que lá ficam quietos, guardados, disponíveis para o momento no qual precisamos deles e queremos reencontrá-los. No entanto, a forma na qual a psicanálise pensa o tempo e a memória está muito distante desta maneira de concebê-los. Na psicanálise, tanto o tempo quanto a memória só podem ser considerados no plural. Há temporalidades diferentes funcionando nas instâncias psíquicas e a memória não existe de forma simples: é múltipla, registrada em diferentes variedades de signos. Há um tempo que passa, marcando com a sua passagem a caducidade dos objetos e a finitude da vida. A ele Freud se refere no seu curto e belo texto de 1915, “A transitoriedade”, no qual relata um encontro acontecido dois anos antes, em agosto de 1913, em Dolomitas, na Itália, num passeio pela campina na companhia de um poeta. Ambos dialogam sobre o efeito subjetivo que a caducidade do belo produz. Enquanto para o poeta a alegria pela beleza da natureza se vê obscurecida pela transitoriedade do belo, para Freud, ao contrário, a duração absoluta não é condição do valor e da significação para a vida subjetiva. O desejo de eternidade se impõe ao poeta, que se revolta contra o luto, sendo a antecipação da dor da perda o que obscurece o gozo. Freud, que está escrevendo este texto sob a influência da Primeira Guerra Mundial, insiste na importância de fazer o luto dos perdidos renunciando a eles, e na necessidade de retirar a libido que se investiu nos objetos para ligá-la em substitutos. São os objetos que passam e, às vezes, agarrar-se a eles nos protege do reconhecimento da própria finitude. Porém, a guerra e a sua destruição exigem o luto e nos confrontam com a transitoriedade da vida, o que permite reconhecer a passagem do tempo.

(Leonor Alonso Silva, Revista *Cult*, Abril 2006.)

(VUNESP – 2006) Em — ... e nos confrontam com a **transitoriedade** da vida... — o antônimo do termo em destaque é

- (A) instabilidade.
- (B) reversibilidade.
- (C) mutabilidade.
- (D) implacabilidade.
- (E) perenidade.

Transitoriedade é a qualidade daquilo que só dura certo tempo; que é breve; passageiro. O antônimo de transitoriedade é perenidade. **A:** incorreta, pois instabilidade é a falta de constância; **B:** incorreta, pois a reversibilidade é o atributo do que é ou pode ser revertido; **C:** incorreta, pois a mutabilidade diz respeito a qualidade, estado ou condição de mutável; instabilidade; **D:** incorreta, pois a implacabilidade é a qualidade ou caráter do que é implacável (que não cede; inexorável); **E:** correta, pois a perenidade diz respeito àquilo que é perene, isto é, que permanece durante longo tempo; que não sofre interrupção.

Gabarito "E"

Considere a história em quadrinhos para responder as questões seguintes.



(Quem, Malafra)

Atendendo a provocações, volto a comentar o inominável assassinato do casal de namorados Liana Friedenbach e Felipe Caffé, desta vez ____ aspecto da lei. A tarefa que me cabe não é das mais agradáveis, pois ao sustentar que não se reduza a maioria penal para 16 anos, como muitos agora exigem, estarei de algum modo defendendo o menor Xampinha, ____ atos estão além de qualquer defesa. O que de certa forma me tranquiliza é a convicção ____ princípios existem para serem preservados contra exceções. E os crimes de Embu-Guaçu foram justamente uma trágica exceção.

(Hélio Schwartsman, "Crimes e Castigos". Em: www.folha.uol.com.br, 20.11.2003. Adaptado)

(VUNESP – 2012) No contexto em que está empregado, o termo "inominável" é sinônimo de

- (A) imprudente.
- (B) honroso.
- (C) contestável.
- (D) pecaminoso.
- (E) vil.

Pelo contexto, podemos depreender que "inominável" foi usado como sinônimo de "vil", "maldoso", "hediondo".

Gabarito "E"

9. ORTOGRAFIA

(VUNESP – 2008) Assinale a frase em que a expressão em destaque está grafada/empregada corretamente.

- (A) A matéria **há cerca** da clonagem de órgãos humanos foi alvo de diversas críticas.
- (B) O artigo do cientista apresentou uma **rezenha** das teorias mais recentes sobre o cérebro humano.
- (C) O documento **contêm** informações sigilosas a respeito de diversas transações da Bolsa de Valores.
- (D) A empresa **subsídia** diversas Organizações Não Governamentais no interior do Estado do Mato Grosso.
- (E) Segundo os especialistas, não há **por que** se preocupar com o aquecimento global a curto prazo.

A: incorreta, pois o certo seria "A matéria acerca da [a respeito de] clonagem"; **B:** incorreta, pois o certo seria resenha; **C:** incorreta, pois em "O documento contém" – verbo conter na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo; **D:** incorreta, pois em "A empresa subsidia" – verbo subsidiar na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo; **E:** correta, pois o "por que" separado e sem acento é usado no sentido de "razão pela qual".

Gabarito "E"

10. REGÊNCIAS VERBAL E NOMINAL

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada, que substitui a original nos parágrafos indicados entre parênteses, apresenta regência de acordo com a norma-padrão.

- (A) ... **planejava** também na criação de um sistema... (2.º)
- (B) Isso **ocasiona** em uma textualidade que funciona por associação... (1.º)
- (C) ... Vannevar Bush, na década de 40, **idealizou** pela ideia de hipertexto... (2.º)
- (D) ... o cientista Theodor Nelson **ansiava** em um sistema... (3.º)
- (E) ... o cientista Vannevar Bush [...] **cogitava**, na verdade, sobre a necessidade de substituir os métodos existentes... (2.º)

A: incorreta, pois a frase correta seria *planejava também a e não na criação*; **B:** incorreta, pois a frase correta seria *ocasiona uma e não em uma*; **C:** incorreta, a frase correta seria *idealizou a e não idealizou pela*; **D:** incorreta, pois a frase correta seria *ansiava por e não ansiava em*; **E:** correta, pois o verbo cogitar é usado com a preposição sobre, cogitar sobre algo.

Gabarito "E"

Leia o texto da tira, para responder à questão.



(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa em que a nova redação dada a frases da tira está de acordo com a norma-padrão de regência e de emprego de pronome.

- (A) A ideia é colocá-lo em contato com características totalmente distintas das dele.
- (B) Vou receber uma grana para permitir-lhe a morar aqui por um tempo.
- (C) Receberei uma grana para deixar um garoto morar aqui com nós por um tempo.
- (D) A ideia é colocar ele em contato com características distintas às dele.
- (E) A ideia é colocar-lhe em contato com características totalmente diferentes que as dele.

A: correta. **B:** incorreta, pois o anfitrião receberá a grana por permitir morar (não cabem nem a preposição para nem a palavra "a" antes de morar); **C:** incorreta, pois o uso adequado do pronome oblíquo é conosco; **D:** incorreta, pois colocar exige o pronome oblíquo e não o pessoal "ele" e, além disso, não há uso de crase antes do pronome dele. **E:** incorreta, pois o pronome correto para usar depois do verbo, nesta frase, é o "lo".

Gabarito "A"

(Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP – 2006.1 – VUNESP) Assinale a frase correta quanto à regência e à crase.

- (A) A palavra ética referia-se à um conjunto de regras, em geral não escritas.
 (B) A palavra ética aludia à regras, em geral não escritas.
 (C) A palavra ética compreendia às regras, em geral não escritas.
 (D) A palavra ética abrangia à muitas regras, em geral não escritas.
 (E) A palavra ética dizia respeito às regras de comportamento.

A: incorreta, pois “A palavra ética referia-se a [o verbo regente ‘referir-se’ exige a preposição ‘a’, a palavra regida já está determinada por um artigo indefinido. Não ocorre a crase.] um conjunto de regras”; **B:** incorreta, pois “A palavra ética aludia a [o verbo regente ‘aludir’ exige a preposição ‘a’, a palavra regida não está determinada por um artigo definido. Não ocorre a crase.]; regras”; **C:** incorreta, pois “A palavra ética compreendia as [artigo. O verbo ‘compreender’ é transitivo direto.] regras”; **D:** incorreta, pois “A palavra ética abrangia [o verbo ‘abranger’ é transitivo direto.] muitas regras”; **E:** correta, pois “A palavra ética dizia respeito às [a palavra regente ‘respeito’ exige a preposição ‘a’, a palavra regida aceita o artigo definido feminino. Ocorre a crase.] regras”.

Gabarito: E.

(VUNESP – II) Indique a alternativa **incorreta** quanto à regência verbal.

- (A) Ele aspirava a algo melhor.
 (B) Procedeu-se ao interrogatório do preso.
 (C) Sua conduta não implica nenhum desdouro.
 (D) É preferível lutar do que morrer sem glória.

A regência de preferir é “preferir aquilo a isso”, desse modo: “É preferível lutar a morrer sem glória”.

Gabarito: D.

(VUNESP – VI) Assinale a alternativa em que a regência verbal está **correta**.

- (A) Ele assiste à missa todos os domingos.
 (B) Os candidatos aspiram o emprego.
 (C) Ele visava a recuperação dos jogadores.
 (D) Estes são os livros que mais gosto.

A: correta, pois o verbo assistir no sentido de presenciar é transitivo indireto. No sentido de ajudar é transitivo direto; **B:** incorreta, pois aspirar no sentido de almejar é transitivo indireto (“Os candidatos aspiram ao emprego.”); **C:** incorreta, pois o verbo visar no sentido de almejar, ter como objetivo é, tradicionalmente, transitivo indireto (“visava à recuperação”); **D:** incorreta, pois o verbo regente gostar exige a preposição *de* (“Estes são os livros de que mais gosto”).

Gabarito: A.

Princípios e valores

Uma mãe quer saber se deve ou não permitir que sua filha, de nove anos, viaje com a família de uma colega num fim de semana. Ela diz que a garota nunca fez isso antes e que ela considera precoce esse passeio mais longo sem a família, mas que está em dúvida porque muitas crianças da mesma idade já fazem isso.

Um pai diz que o filho de 15 anos leva a namorada para dormir em casa e que ele fica constrangido com a situação, mas acredita que, se impedir, vai se afastar do filho. Finalmente, um outro leitor afirma que quer ensinar valores aos filhos, mas, ao mesmo tempo, considerando o clima competitivo de nosso tempo, quer saber como ensinar que há momentos em que é preciso abrir mão desses valores para não ser ingênuo.

O mundo contemporâneo tornou a educação uma tarefa muito mais complexa. Até o final da década de 50, a maioria não enfrentava questões como as citadas e tampouco tinha de tomar diariamente decisões sobre o tipo de educação a praticar com os filhos. A educação era uma só, os rumos faziam parte de um grande consenso social e assim caminhavam os pais, sem grandes conflitos. Vale dizer que pais e filhos sofriam muito mais, já que eram tão diferentes e tinham de se ajustar a um rumo comum.

Hoje, os pais ganharam a liberdade da escolha sobre como educar seus filhos e, por outro lado, assumiram também uma responsabilidade muito maior por eles. Afinal, cada escolha feita produz efeitos significativos na vida dos filhos, já que estes estão em formação.

Vale refletir a respeito das dúvidas dos pais. À primeira vista, todas parecem questões práticas sobre como agir. Mas cada uma delas guarda em si conteúdos bem mais amplos, que tratam de moral, ética, conceito de infância, limites entre privacidade e convívio social e relação entre pais e filhos.

E talvez esse seja o nó da questão da educação contemporânea que os pais podem desatar ou, ao menos, afrouxar: ao educar os filhos, precisam ter clareza de alguns princípios dos quais não abrem mão e, a partir desse norte, tomar as decisões sem se importar tanto com as decisões dos outros pais. Afinal, já que temos a oportunidade hoje de ter a riqueza da diversidade em educação, há que se aprender a conviver com ela, não?

“O que quero ensinar aos meus filhos, priorizar na educação deles?” Essa é a questão que os pais devem se fazer quando enfrentam situações que demandam decisões. Afinal: de festas, namoros, aprendizados diversos etc. eles terão muitas chances para desfrutar, mas da educação familiar, só enquanto estiverem sob a tutela dos pais. E esse tempo é curto, acreditem.

(www.blogdaroselysayao.blog.uol.com.br/
27.03.2008. Adaptado.)

(VUNESP – 2008) Considere as frases reescritas a partir de frases do texto.

- I. Um pai acredita de que é preciso ensinar aos filhos que existe certos momentos que é preciso abrir mão de determinados valores.
- II. Uma mãe tem dúvida que os passeios de sua filha sem a família possa acontecer no momento adequado.
- III. Até o final da década de 50, a maioria das famílias não enfrentava questões como as citadas nem tinha de tomar bastantes decisões sobre a educação dos filhos.

Quanto à concordância e à regência, está correto o contido em

- (A) II, apenas.
 (B) III, apenas.
 (C) I e II, apenas.
 (D) I e III, apenas.
 (E) I, II e III.

A seguir, transcrevemos as frases, com correções. I: “Um pai acredita [excluir “de”] que é preciso ensinar aos filhos que existem [concorda com “certos momentos”] certos momentos em que é preciso abrir mão de determinados valores”; II: “Uma mãe tem dúvida [“de” não é obrigatório] que os passeios de sua filha sem a família possam [concorda com “os passeios”] acontecer no momento adequado”; III: correta.

Gabarito: B.

Atendendo a provocações, volto a comentar o inominável assassinato do casal de namorados Liana Friedenbach e Felipe Caffé, desta vez _____ aspecto da lei. A tarefa que me cabe não é das mais agradáveis, pois ao sustentar que não se reduza a maioridade penal para 16 anos, como muitos agora exigem, estarei de algum modo defendendo o menor Xampinha, _____ atos estão além de qualquer defesa. O que de certa forma me tranquiliza é a convicção _____ princípios existem para serem preservados contra exceções. E os crimes de Embu-Guaçu foram justamente uma trágica exceção.

(Hélio Schwartzman, “Crimes e Castigos”. Em: www.folha.uol.com.br,
20.11.2003. Adaptado)

(VUNESP – 2012) As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

- (A) no ... onde ... que
 (B) sob o ... cujos ... de que
 (C) ao ... que os ... em que
 (D) sobre o ... quais os ... que
 (E) ante o ... de que os ... para que

Na primeira lacuna, são corretas as preposições “sob o” e “ante o”. Na segunda, somente se aceita o pronome relativo “cujos”, indicativo de posse (“atos dele” = de Xampinha”). Na terceira, o termo “convicção” rege a preposição “de”, portanto é admissível somente “de que”.

Gabarito: B.

11. ANÁLISES SINTÁTICA E MORFOLÓGICA

Leia o texto abaixo e responda à questão.

Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade, na qual a informação é disposta em um ambiente no qual pode ser acessada de forma não linear. **Isso** acarreta uma textualidade que funciona por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.

Quando o cientista Vannevar Bush, na década de 40, concebeu a ideia de hipertexto, pensava, na verdade, na necessidade de substituir os métodos existentes de disponibilização e recuperação de informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica, que eram lineares, por sistemas de indexação e arquivamento que funcionassem por associação de ideias, seguindo o modelo de funcionamento da mente humana. O cientista, ao que parece, importava-se com a criação de um sistema que fosse como uma “máquina poética”, algo que funcionasse por analogia e associação, máquinas que capturassem o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

Parece não ser obra do acaso que a ideia inicial de Bush tenha sido conceituada como hipertexto 20 anos depois de seu artigo fundador, exatamente ligada à concepção de um grande sistema de textos que pudessem estar disponíveis em rede. Na década de 60, o cientista Theodor Nelson sonhava com um sistema capaz de disponibilizar um grande número de obras literárias, com a possibilidade de interconexão entre elas. Criou, então, o “Xanadu”, um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo, numa rede de publicação hipertextual universal e instantânea. Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto deveria ser um enorme arquivo virtual.

(Disponível em: <<http://www.pucsp.br/~cimid/4lit/longhi/hipertexto.htm>>. Acesso em: 05 fev 2013. Adaptado)

Para responder a esta questão, considere as palavras destacadas nas seguintes passagens do texto:

Desde o surgimento da ideia de hipertexto...

... informações ligadas **especialmente** à pesquisa acadêmica,

... uma “máquina poética”, **algo** que funcionasse por analogia e associação...

Quando o cientista Vannevar Bush [...] concebeu a ideia de hipertexto...

... 20 anos **depois** de seu artigo fundador...

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) As palavras destacadas que expressam ideia de tempo são:

- (A) algo, especialmente e Quando.
- (B) Desde, especialmente e algo.
- (C) especialmente, Quando e depois.
- (D) Desde, Quando e depois.
- (E) Desde, algo e depois.

Desde, quando e depois são advérbios de tempo e estão empregados nas frases com esta função. *Especialmente* é um advérbio de modo e *algo* um pronome indefinido. Alternativa correta **D**.

Gabarito "D"

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho a seguir, de acordo com a norma-padrão.

Além disso, _____ certamente _____ entre nós _____ do fenômeno da corrupção e das fraudes.

- (A) a ... consenso ... acerca
- (B) há ... consenso ... acerca
- (C) a ... consenso ... a cerca
- (D) a ... consenso ... há cerca
- (E) há ... consenço ... a cerca

Alternativa correta **B**, pois as lacunas são adequadamente preenchidas com o verbo *haver* no sentido de existência, pelo substantivo *consenso* (conformidade no julgamento de várias pessoas) e pela preposição *acerca* que exprime a mesma ideia de “a respeito de”.

Gabarito "B"

O tempo que passa e o tempo que não passa

É muito comum pensar no tempo como tempo sequencial, como categoria ordenadora que organiza os acontecimentos vividos numa direção com passado, presente e futuro, um tempo irreversível, a flecha do tempo, um tempo que passa. Também estamos acostumados a pensar na memória como um arquivo que guarda um número significativo de lembranças, semelhante a um sótão que aloca uma quantidade de objetos de outros momentos da vida, que lá ficam quietos, guardados, disponíveis para o momento no qual precisamos deles e queremos reencontrá-los. No entanto, a forma na qual a psicanálise pensa o tempo e a memória está muito distante desta maneira de concebê-los. Na psicanálise, tanto o tempo quanto a memória só podem ser considerados no plural. Há temporalidades diferentes funcionando nas instâncias psíquicas e a memória não existe de forma simples: é múltipla, registrada em diferentes variedades de signos. Há um tempo que passa, marcando com a sua passagem a caducidade dos objetos e a finitude da vida. A ele Freud se refere no seu curto e belo texto de 1915, “A transitoriedade”, no qual relata um encontro acontecido dois anos antes, em agosto de 1913, em Dolomitas, na Itália, num passeio pela campina na companhia de um poeta. Ambos dialogam sobre o efeito subjetivo que a caducidade do belo produz. Enquanto para o poeta a alegria pela beleza da natureza se vê obscurecida pela transitoriedade do belo, para Freud, ao contrário, a duração absoluta não é condição do valor e da significação para a vida subjetiva. O desejo de eternidade se impõe ao poeta, que se revolta contra o luto, sendo a antecipação da dor da perda o que obscurece o gozo. Freud, que está escrevendo este texto sob a influência da Primeira Guerra Mundial, insiste na importância de fazer o luto dos perdidos renunciando a eles, e na necessidade de retirar a libido que se investiu nos objetos para ligá-la em substitutos. São os objetos que passam e, às vezes, agarrar-se a eles nos protege do reconhecimento da própria finitude. Porém, a guerra e a sua destruição exigem o luto e nos confrontam com a transitoriedade da vida, o que permite reconhecer a passagem do tempo.

(Leonor Alonso Silva, Revista **Cult**, Abril 2006.)

(VUNESP – 2006) Observe as frases:

- I. Há um tempo que passa, marcando com a sua passagem a caducidade dos objetos...
- II. No entanto, a forma na qual a psicanálise pensa o tempo...
- III. o que permite reconhecer a passagem do tempo.

Considerando as frases, assinale a alternativa correta.

- (A) Em (I), a preposição com forma uma expressão adverbial indicativa de consequência.
- (B) Em (II), a conjunção No entanto poderia ser substituída por Portanto, sem que houvesse prejuízo ao sentido da oração.
- (C) Em (III), a expressão do tempo tem valor adjetivo, qualificando o substantivo passagem.
- (D) Em (I) e (II), o termo tempo tem valor adverbial e indica tempo.
- (E) Em (II), a expressão na qual poderia ser substituída por onde, sem prejuízo sintático nem semântico à oração.

A: incorreta, pois a preposição *com*, nesse contexto, forma uma expressão adverbial indicativa de um processo concomitante a outro; **B:** incorreta, pois *No entanto* é uma conjunção adversativa. Já a conjunção *portanto* é conclusiva. As duas conjunções não transmitem ideia semelhante; **C:** correta, pois a expressão “do tempo” qualifica o substantivo *passagem*; “passagem do tempo”; **D:** incorreta, pois em (I) e (II) o termo *tempo* é um substantivo; **E:** incorreta, pois não poderia haver a substituição nessa oração. O pronome relativo *onde* indica local.

Gabarito "C"

(VUNESP – 2006) Assinale a alternativa em que a oração esteja correta quanto ao conteúdo expresso entre parênteses.

- (A) Freud e o poeta dialogavam sobre o efeito subjetivo que era produzido pela caducidade. (ORAÇÃO EM VOZ ATIVA)
 (B) A concepção de transitoriedade revela o mundo não pela paralisação dos acontecimentos e sim pela sua dinamicidade. (ORTOGRAFIA)
 (C) O poeta vê a transitoriedade, de forma diferente, da que Freud tem, como necessária para a renúncia, dos perdidos. (PONTUAÇÃO)
 (D) A guerra bate na cara dos homens e lhes mostra a passagem do tempo. (TERMOS EXPRESSOS EM SENTIDO PRÓPRIO)
 (E) O tempo, que não pára, mostra a todos o caráter transitório da vida. (ACENTUAÇÃO)

A: incorreta, pois a oração “Freud e o poeta dialogavam sobre o efeito subjetivo que era produzido pela caducidade.” está na voz passiva; **B:** incorreta, na frase “A concepção de transitoriedade revela o mundo não pela paralisação dos acontecimentos e sim pela sua dinamicidade.” há erro na ortografia da palavra paralisação; **C:** incorreta, pois há erros de pontuação em “O poeta vê a transitoriedade [sem vírgula] de forma diferente [sem vírgula] da que Freud tem, como necessária para a renúncia [sem vírgula] dos perdidos; **D:** incorreta, em “A guerra bate na cara dos homens e lhes mostra a passagem do tempo.”, os termos estão expressos em sentido figurado; **E:** correta, pois em “O tempo, que não pára, mostra a todos o caráter transitório da vida.” as palavras *caráter* e *transitório* estão corretamente acentuadas. Pelo novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa, o verbo *para* não leva mais o acento diferencial.

..C. Gabarito

12. ACENTUAÇÃO

Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico “pas de deux” (*): sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo; encostado à parede, mármoreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: “Amigô?!”; “Chefê?!”, “Parceirô?!”; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre.

Eu disse “cliente paulista”, percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta “débito ou crédito?” [...] Como pode ele entender que o fato de estar pagando não garantirá a atenção do garçom carioca? Como pode o ignóbil paulista, nascido e criado na crua batalha entre burgueses e proletários, compreender o discreto charme da aristocracia?

Sim, meu caro paulista: o garçom carioca é antes de tudo um nobre. Um antigo membro da corte que esconde, por trás da carapinha entediada, do descaso e da gravata borboleta, saudades do imperador. [...] Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20: levou gim tônicas para Vinicius e caipirinhas para Sinatra, uísques para Tom e leites para Nelson, recebeu gordas gorjetas de Orson Welles e autógrafos de Rockfeller; ainda hoje fala de futebol com Roberto Carlos e ouve conselhos de João Gilberto. Continua tão nobre quanto sempre foi, seu orgulho permanece intacto.

Até que chega esse paulista, esse homem bidimensional e sem poesia, de camisa polo, meia soquete e sapatênis, achando que o jacarezinho de sua Lacoste é um crachá universal, capaz de abrir todas as portas. Ah, paulishhhhta otááário, nenhum emblema preencherá o vazio que carregas no peito – pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante, a caminho do banheiro, e ali esquecê-lo para todo o sempre.

Veja, veja como ele se debate, como se debaterá amanhã, depois de amanhã e até a Quarta-Feira de Cinzas, maldizendo a Guanabara, saudoso das várzeas do Tietê, onde a desigualdade é tão mais organizada: “Ô, companheirô, faz meia hora que eu cheguei, dava pra ver um cardápio?!”. Acalme-se, conterrâneo. Acostume-se com sua existência plebeia. O garçom carioca não está aí para servi-lo, você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.

(Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. *Folha de S.Paulo*, 06.02.2013)

(* Um tipo de coreografia, de dança.

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) É correto dizer que a acentuação gráfica que o autor emprega tanto segue a norma-padrão quanto desobedece a ela, neste caso, numa tentativa de imitar a entonação oral do chamamento. Essa afirmação é baseada na acentuação, respectivamente, de

- (A) sapatênis e Tietê.
 (B) diabólico e mármoreo.
 (C) esquecê-lo e amigô.
 (D) companheirô e débito.
 (E) chefê e parceirô.

A e B: incorretas, pois ambas as palavras estão corretamente acentuadas; **C:** correta, pois esquecê-lo está corretamente acentuado enquanto a palavra *amigô* com acento no “o” enfatiza a entonação oral para chamar a atenção do garçom; **D:** incorreta, pois a ordem das palavras não traz a sequência citada na pergunta que é primeiro trazer a norma padrão para depois trazer a entonação oral; **E:** incorreta, pois ambas as palavras referem entonação oral e não a norma padrão.

..C. Gabarito

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa com as palavras acentuadas segundo as regras de acentuação, respectivamente, de *intercâmbio* e *antropológico*.

- (A) Distúrbio e acórdão.
 (B) Máquina e jiló.
 (C) Alvará e Vândalo.
 (D) Consciência e características.
 (E) Órgão e órfãs.

Intercâmbio é uma palavra paroxítona terminada em ditongo, enquanto *antropológico* é uma palavra proparoxítona.

A: incorreta, distúrbio e acórdão são paroxítonas; **B:** incorreta, pois jiló é oxítona; **C:** incorreta, pois alvará é oxítona; **D:** correta; **E:** incorreta, pois órgão e órfãs são paroxítonas.

..D. Gabarito

13. PONTUAÇÃO

Leia o texto, para responder às questões.

A disseminação do conceito de boas práticas corporativas, que ganhou força nos últimos anos, fez surgir uma estrada sem volta no cenário global e, conseqüentemente, no Brasil. **Nesse** contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos. **Isso** porque se cristalizou a compreensão de que atos ilícitos vão além de comprometer relações comerciais e o próprio caixa das empresas. *Eles representam dano efetivo à reputação empresarial frente ao mercado e aos investidores, que exigem cada vez mais transparência e, em casos extremos, acabam em investigações e litígios judiciais que podem levar executivos à cadeia.*

(Fernando Porfírio, Pela solidez nas organizações. Em *Mundo corporativo* n.º 28, abril-junho 2010)

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) No trecho – *Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos.* – o emprego de dois-pontos cumpre a função de

- (A) enumerar dados novos, que desmentem uma afirmação precedente.
 (B) expor um ponto de vista contrário àquele adotado pelo autor.
 (C) apresentar ideias contrastantes, para instalar uma polêmica.
 (D) deslocar a atenção do leitor para informações não pertinentes ao texto.
 (E) introduzir informações que especificam uma afirmação anterior.

O emprego de dois-pontos serve para introduzir informações que especificam uma afirmação anterior, alternativa correta E.

..E. Gabarito

14. PLURAL

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa cujas palavras se apresentam flexionadas de acordo com a norma-padrão.

- (A) Os tabeliões devem preparar o documento.
- (B) Esses cidadãos tinham autorização para portar fuzis.
- (C) Para autenticar as certidões, procure o cartório local.
- (D) Ao descer e subir escadas, segure-se nos corrimãos.
- (E) Cuidado com os degrais, que são perigosos!

A: incorreta, pois o certo seria *tabeliões*. B: incorreta, pois o certo seria *cidadãos*. C: incorreta, pois o certo seria *certidões*. D: correta. E: incorreta, pois o certo seria *degraus*.

Gabarito "D"

15. ADVÉRBIO

(Técnico Judiciário – TJSP – 2013 – VUNESP) Assinale a alternativa que substitui o trecho em destaque na frase – Assinarei o documento, **contanto que garantam sua autenticidade**. – sem que haja prejuízo de sentido.

- (A) desde que garantam sua autenticidade.
- (B) no entanto garantam sua autenticidade.
- (C) embora garantam sua autenticidade.
- (D) portanto garantam sua autenticidade.
- (E) a menos que garantam sua autenticidade.

O advérbio *contanto* indica condição, pode ter sentido de “no caso de”, “desde que”. Alternativa correta A.

Gabarito "A"

